

Como a Bíblia nos fala hoje

# Doutrina bíblica da Oração

O marco fundamental da vida cristã

Ronald Rutter

Quando falamos da oração como "marco fundamental da vida cristã", é porque deve ser assim e, como crentes em Cristo, devemos entendê-la desta forma.

Se ela não é exercitada em nossa vida, se não temos momentos separados em cada dia para sua prática, se não damos a ela o valor devido, nossa vida cristã está comprometida. Poderemos ter momentos de culto na igreja, registro de contribuições no livro de membros, audição de belíssimos sermões, mas não estaremos, efetivamente, vivendo a vida cristã.

Sim, porque vida cristã só começa mesmo quando através da oração, o momento mais íntimo e pessoal do culto a Deus, é possível penetrar no conhecimento do Pai, conversar com o Salvador, pedir a consolação do Santo Espírito. Sim, só depois de passar por essas experiências a sós com Deus, é que terá realmente começado a prática da vida cristã que ele espera daqueles que se dizem salvos por Cristo Jesus.

Este livro, sem dúvida, vai nos ajudar nesta caminhada.



Como a Bíblia nos fala hoje

# Doutrina bíblica da oração

O marco fundamental  
da vida cristã

Ronald Rutter

Ronald Rutter

*Isaias Elias*  
Pastor  
OPBB 151-PB

BIBLIOTECA DO PASTOR  
*Isaias Elias*  
EM MEMÓRIA DOS PAIS  
*Francisco Elias e*  
*Maria de Lourdes Pires*



# Doutrina bíblica da oração

*O marco fundamental  
da vida cristã*



Rio de Janeiro

BIBLIOTECA DO PASTOR  
1955  
EM MEMORIA DO PAIS  
Francisco José  
M. de L.



1955  
C. de L.

# Doutrina bíblica da oração

*O marco fundamental  
da vida cristã*

© Ronald Rutter, 2001

Com todos os direitos de publicação reservados a  
**JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações  
da Convenção Batista Brasileira**  
Caixa Postal, 320 / Rio / RJ / 20.001-970

**Direção Geral**  
Almir dos Santos Gonçalves Júnior

**Coordenação Editorial**  
Solange Cardoso A. d’Almeida (RP/1687)

**Conselho Editorial**  
Ebenézer S. Ferreira, Gilton M. Vieira,  
Ivone Boechat de Oliveira, Jilton Moraes  
João Reinaldo Purin, Lael d’Almeida,  
Marcílio Oliveira Filho, Pedro S. Moura,  
Roberto Alves Souza, Silvino C.F. Netto,  
Tiago Nunes Lima.

**Produção Editorial**  
Arte Sette Computação Gráfica Ltda \*

**Impressão**  
Ediouro – Editora e Gráfica

**Distribuição**  
EBD1 – Marketing e Consultoria Editorial Ltda.  
Tel. – 0XX (21) 3976-4142  
DDD gratuito - 0800 216 768  
E-mail – pedidos@ebd-1.com.br

---

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*  
*(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)*

Rutter, Ronald

Doutrina bíblica da oração – O marco fundamental da vida cristã/ Ronald Rutter.  
Rio de Janeiro: JUERP, 2001

Inclui bibliografia  
ISBN 85-350-0169-7

1. Oração, Doutrina bíblica da – Vida cristã. Doutrina. I. Série

CDD 248

## Sumário

Apresentação .....	7
Introdução .....	9
Unidade I – A importância do tempo com Deus .....	13
Capítulo 1 – O tempo que resulta em glória na vida .....	15
Capítulo 2 – “Quero mais do seu tempo e da sua atenção!..” .....	21
Capítulo 3 – A motivação certa na vida de oração .....	33
Unidade II – A teologia da oração .....	49
Capítulo 4 – A oração no Antigo Testamento .....	51
Capítulo 5 – A oração na vida de Jesus .....	59
Capítulo 6 – A oração na igreja primitiva .....	67
Capítulo 7 – O valor da oração .....	79
Capítulo 8 – A oração eficaz .....	87
Capítulo 9 – Obstáculos à oração .....	95
Capítulo 10 – A oração como prática de vida .....	105
Capítulo 11 – Como Deus fala conosco .....	111

Unidade III - Tipos de oração: bíblicos e não-bíblico .....	117
Capítulo 12 - A oração de louvor .....	119
Capítulo 13 - A oração de agradecimento .....	125
Capítulo 14 - A oração de súplica .....	131
Capítulo 15 - A oração de intercessão .....	135
Capítulo 16 - A oração de confissão .....	141
Capítulo 17 - A oração determinativa ou declaratória .....	145
Unidade IV – A oração modelo .....	149
Capítulo 18 - Invocação .....	151
Capítulo 19 - Compromissos .....	157
Capítulo 20 - Pedidos .....	165
Unidade V – Aspectos práticos .....	173
Capítulo 21 - Perseverança em oração .....	175
Capítulo 22 - Quando Deus “parece” não responder .....	179
Capítulo 23 - Oração como “entrega” .....	187
Capítulo 24 - Oração como “aceitação” .....	191
Capítulo 25 - Algumas sugestões práticas .....	195
Notas bibliográficas .....	201

## Apresentação

Quando aqui na JUERP começamos a pensar sobre o autor para o livro do trimestre em que estudaríamos a doutrina bíblica da oração, o nome do Pastor Ronald Rutter surgiu-nos logo à frente, pois estávamos tomando conhecimento de sua volta do campo missionário de nossa Junta de Missões Mundiais na África.

Isto ocorreu porque nossa Coordenadoria Editorial, em vista dos muitos obreiros que teriam condição de ajudar-nos neste mister, estava também em busca de alguém que tivesse uma experiência peculiar de oração. Como ele estava voltando do campo missionário africano, depois de vinte anos entre o povo da África do Sul e do Zimbábwe, numa época de eclosão social tremenda em ambos os países, o que todos pudemos acompanhar através da mídia, sabíamos que, por certo, muito teria a nos dizer sobre o tema.

Pastor Ronald Rutter nasceu em 21 de agosto de 1932, em Ibirama, Estado de Santa Catarina. Fez os cursos primário, secundário (ginasial e científico) no Colégio Estadual de Penápolis, Estado de São Paulo, para onde a família transferiu-se, formando-se em 1950. Sentindo-se chamado ao Ministério da Palavra, veio ao Rio de Janeiro, onde bacharelou-se em Teologia, no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em 1955. Foi ordenado ao ministério em 29 de Dezembro de 1954, em Sumaré, interior de São Paulo, onde pastoreou de 1954 até 1966, e depois no Rio de Janeiro

de 1966 a 1980. Foi nesse ano de 1966 que transferiu-se para o Rio, a fim de integrar-se ao STBSB, na condição de professor, depois Deão e finalmente, Deão Acadêmico, até 1980. Neste período exerceu intensa atividade acadêmica, formando-se em Pedagogia e Habilitação em Orientação Educacional, pela Universidade Gama Filho e no Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói, exercendo concomitantemente o magistério como professor nas Faculdades de Nova Iguaçu, na Associação Fluminense de Ensino (AFE), em Caxias, e na Universidade Estácio de Sá, todas no Rio de Janeiro.

Em 1980 deixou toda essa atividade magisterial para tornar-se missionário por nossa JMM no campo africano, onde residiu durante 20 anos trabalhando em todo o sul do grande continente. Aposentado pela Junta em 2000, retornou ao Brasil, voltando a cooperar com o STBSB como professor no Curso de Teologia e no Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação. Foi nesse momento que o fomos buscar para trabalhar conosco na edição deste livro, ao tempo em que se doutorava em Educação pela University of the Orange Free State, na África do Sul.

Casado com Ana Augstroze Rutter desde os idos de 29 de dezembro de 1955, ainda em Sumaré, SP, ambos estão hoje exercendo intenso ministério auxiliar ao pastor Israel Belo de Azevedo, na I.B. Itacuruçá, no Rio de Janeiro, junto especialmente aos membros da igreja da terceira idade.

O Corpo Editorial da JUERP tem certeza de que, com sua maneira simples e objetiva de abordar os diversos assuntos que cobrem o campo da oração na vida do crente, o Pastor Rutter estará indo ao encontro da abordagem necessária que todos nós, crentes do presente século, precisamos ter a respeito da maior arma do crente, o marco fundamental de sua vida cristã, a vivência real e efetiva da doutrina bíblica da oração no seu dia-a-dia.

O Editor

## Introdução

Na grade curricular da JUERP para a faixa etária de jovens e adultos, em seus oito anos de estudos da Bíblia em todos os seus livros, temos oito trimestres destinados a temas devocionais. Nesses períodos somos levados ao estudo e inspiração das doutrinas básicas de nossa fé. Assim, as doutrinas sobre Deus, Espírito Santo, Igreja, são temas que trazem para nossos estudos na Escola Bíblica Dominical, a oportunidade de um melhor conhecimento e de um maior aprofundamento nas razões de nossa esperança.

Dentre esses, a doutrina bíblica da oração é um deles. Dos mais importantes e necessários para reflexão da igreja de Cristo. Nos tempos que atravessamos de tantas inovações e exageros a respeito das práticas religiosas, bom é que estejamos sempre renovando o nosso melhor conhecimento dela, como aquele instrumento que nos leva a Deus e traz o Pai até nós.

Assim, em função de nosso calendário, neste primeiro trimestre de 2002 estamos com as revistas “Compromisso”, “Atitude” e “Realização” trazendo 13 lições sobre essa doutrina que chamamos de “o marco fundamental da vida cristã”. Mas além delas, temos já há dois anos, a inovação do livro do trimestre. A cada um deles, além das revistas, a JUERP edita, de um autor especialmente convidado para tal, um livro abordando o tema. É uma forma de subsidiar o melhor ensino dos professores da EBD que, embora já possuindo a sua revista de preparação dominical na edição do líder, passam a contar também com uma abordagem diferenciada, mais abrangente e expositiva de cada tema, o que, sem dúvida, além de alimentá-los espiritualmente, vai ajudá-los no seu crescimento prático para o ensino bíblico em nossas igrejas.

A oração individual é o mais íntimo e pessoal instrumento de cultivo da vida cristã. Diríamos mesmo que é o único com esta característica intrínseca. O sermão, ouvimos do pastor... O cântico, participamos em conjunto com a congregação... O louvor cantado, ouvimos do coral... A lição da EBD, nos é trazida pelo professor... A oração pública, é compartilhada por todos os presentes ao culto... Assim, o único instrumento estritamente pessoal e íntimo é a oração individual.

Quando a fazemos, não a repartimos com ninguém, a não ser com o Santo Espírito de Deus que nos assiste sempre. Sim, pois quando ele não está presente, não há oração. Oração só se completa se os dois pólos se unem. O ser humano e o Pai. Se o Espírito Santo não está intermediando esta ligação, conectando os dois extremos, a oração não acontece. É simples balbuciar de palavras ou gesticular de expressões corporais.

A oração é um mistério também. Sim, entendam a expressão: É um mistério porque só se explica no campo do sobrenatural, do divino. Como entender que minhas palavras ou pensamentos, pronunciados

ou imaginados na reclusão absoluta, não apenas de meu quarto, mas da minha própria mente, possam chegar a alguém que não está presente visivelmente? Sim, como fazê-la, indagarão os céticos, quando não vislumbramos fisicamente o nosso interlocutor?

Por muito menos, Ana, a mãe de Samuel, foi tida como bêbada ou louca (1Sm 1.9-18). Sim, porque estava falando com Deus a sós, enquanto Eli a observava de longe. Por isso é que nós crentes podemos afirmar que ela é um mistério, um mistério espiritual, que só se exercita através da fé e da segurança do seu autor, que se sente ouvido por aquele que o “vê em secreto”.

São muitos os aspectos a serem abordados no melhor conhecimento da oração como fortaleza do crente, o marco fundamental de nossa vida cristã. Neste livro vamos abranger alguns deles para que melhor possamos penetrar neste imensurável tesouro que é a bênção e o privilégio, de que dispomos como crentes, de falar com Deus. A teologia da oração, os tipos de oração, uma análise da oração-modelo que Cristo nos ensinou, alguns aspectos práticos sobre ela, são alguns dos temas que estarão sendo descritos pelo autor de forma bem objetiva, prática e interessante. No entanto, registre-se, que mesmo na simplicidade com que o tema é apresentado, há muito de profundidade nele, pois o assunto em si mesmo é dos mais instigantes e penetrantes.

Quando falamos da oração como “marco fundamental da vida cristã”, é porque deve ser assim, como crentes em Cristo, que devemos entendê-la. Se ela não é exercitada em nossa vida, se não temos momentos separados em cada dia para sua prática, se não damos a ela o valor devido, nós não temos vida cristã. Poderemos ter momentos de culto na igreja, contribuições no livro de membros, audição de belíssimos sermões, mas não estaremos, efetivamente, vivendo a vida cristã.

Sim, porque vida cristã só começa mesmo quando através da oração, o momento mais íntimo e pessoal do meu culto a Deus, eu penetro no

conhecimento do meu Pai, eu converso com o meu Salvador, eu peço a consolação do Santo Espírito. Sim, só depois de passar por essas experiências a sós com Deus, é que eu terei realmente começado a viver a vida cristã que ele espera daqueles que se dizem salvos por Cristo Jesus.

Este livro, sem dúvida, vai nos ajudar nesta caminhada.

## *Unidade I*

### A importância do tempo com Deus

## Capítulo 1

---

# O tempo que resulta em glória na vida

Um dos aspectos muito importantes na vida cristã, mas também um dos mais difíceis de se praticar é, sem dúvida, o da oração ou, melhor dizendo, o da comunhão com o Senhor.

Há sempre uma razão para **não orar**. “Agora não tenho tempo...!” “Acordei tarde e já estou atrasado para o trabalho! Quando voltar de tarde, eu faço!” “Estou muito cansado...e para orar devo estar descansado!” “Não tenho disposição. E para orar, Deus merece que eu esteja bem disposto...!” Outra hora eu oro...!” Depois..., depois..., de p o i s...! E o Senhor “sobra”! Nem percebemos que ele não ocupa o primeiro lugar em nossas vidas.

Não imaginamos que estamos fazendo exatamente o jogo do grande inimigo de nossas almas. Ele nos ajuda a encontrar mais e mais desculpas. E com isso, não é preciso ser muito inteligente para imaginar como ele fica contente, quando vai tendo uma vitória após a outra.

De outro lado, o Espírito do Senhor procura nos ajudar a vencer. Ele, que mora dentro de nós, procura nos estimular a sermos vitoriosos sobre nós mesmos e sobre as astutas ciladas do inimigo. E quando vencemos, sentimos-nos bem. É aquela sensação de vitória! Linda, linda!

A vida de comunhão com o Senhor é uma constante batalha. De um lado, as “desculpas” do inimigo, para não a mantermos. De outro,

as “razões” do Espírito para a mantermos. E assim vamos levando a vida entre vitórias e derrotas. Ora com mais vitórias e ora com mais derrotas. Há tempos em que, por causa de alguma mensagem que ouvimos, ou de alguma meditação que fizemos, ou ainda, de qualquer outro acontecimento em nossas vidas, damos mais tempo ao Senhor e temos mais vitórias. Depois, aos poucos, aquele tempo vai se desvanecendo, e passamos a diminuir gradativamente a nossa comunhão com o Senhor, passando a ter mais derrotas.

Com as derrotas, instala-se, a princípio, até uma espécie de “senso de culpa”. Sentimo-nos constrangidos. Mas continuamos. Até o próprio inimigo também ajuda nisto. Como o grande acusador, ele faz dois jogos: de um lado nos dá desculpas e de outro nos acusa. O Espírito do Senhor ainda procura nos ajudar, falando à nossa consciência da importância desse tempo com o Senhor. Se atendemos ao Espírito, passamos a um período de vitórias. Vamos nos sentir mais fortes e dispostos para as lutas da vida. Mas, se as “desculpas” “silenciam” Espírito, aos poucos vamos nos afastando da comunhão com o Senhor e passamos ao período das derrotas. Vamos nos sentir fracos, sem rumo, sem direção e sem ânimo para prosseguirmos as batalhas da existência.

Quando falamos em vitórias e derrotas, precisamos tomar cuidado para não cairmos no erro de interpretação de pensar que a comunhão com o Senhor funciona como uma “varinha mágica”. As fantásticas histórias infantis nos contam dessas “varinhas mágicas” em que alguém tocava e aparecia imediatamente o “gênio” para satisfazer algum pedido. Não! As vitórias e as derrotas de que falamos não são assim. Se assim fossem, funcionariam da seguinte maneira: manteve comunhão com o Senhor, dá tudo certo; nada dá errado. Não manteve essa comunhão, tudo dá errado; nada dá certo. Não é assim. Mas é como a própria vida. Se nos alimentamos devidamente, fazemos os nossos exercícios, mantemos bons hábitos, praticamos a higiene, vamos gozar mais saúde, vamos ter mais forças para trabalhar e para vencer na vida. Se não fizermos essas e outras coisas, vamos nos enfraquecendo, perdendo o ânimo e a disposição para as batalhas da vida.

O Senhor Jesus falou na construção de uma casa sobre a rocha e outra na areia. O registro está em Mateus 7.24-27. Isto significa a construção de nossas vidas. Jesus disse: “quem escuta as minhas palavras e as pratica” é como o que construiu sobre bases sólidas. Mas aquele “que ouve e as não cumpre” é como o homem que construiu a sua vida sobre bases falsas e frágeis. A comunhão com o Senhor é um dos elementos, conquanto não seja o único, para essa construção da vida em bases sólidas.

O âmbito da vida de comunhão com o Senhor é tão vasto que alcança o infinito. Tão infinito quanto é infinito o Senhor da comunhão. Quanto mais aprendemos a respeito da oração, mais descobrimos novos e importantes aspectos a serem aprendidos. É um desafio interminável! Podemos ilustrar essa idéia da seguinte forma: quando estamos num vale entre montanhas, olhamos de um lado e vemos a montanha; olhamos de outro e vemos a montanha. E o “nosso mundo” ao redor de nós parece pequeno. O único desafio é galgar o alto daquelas montanhas. Mas, à medida que subimos a montanha, vamos conseguindo ver mais ao longe. O “nosso mundo” vai se estendendo, e os desafios de conhecer novas áreas vão se ampliando. O mesmo acontece com a oração e a comunhão com o Senhor. Quanto mais conhecemos, mais fica por ser conhecido.

O caminho a ser percorrido na conquista desse conhecer é um caminho para lá de maravilhoso. Quanto mais conhecemos, mais lindo fica. É adentrar a própria glória do Senhor. E é isto que o Senhor deseja para cada criatura humana. Primeiramente que se tornem um com ele e depois que partilhem crescentemente de sua glória.

O Senhor Jesus nos deu amostras dessa glória, quando levou a três de seus discípulos para experimentarem com ele, tanto quanto lhes era possível com as emoções humanas, essa realidade maravilhosa. E esses discípulos depois compartilharam com os outros a experiência. Dessa experiência temos o registro em Mateus 17.1-8, Marcos 9.2-8 e Lucas 9.28-36.

Depois de os discípulos terem feito a sua pública profissão de fé no Senhor Jesus como o seu Salvador, o que se encontra registrado nos

textos que precedem a estes que estamos examinando, Jesus levou três deles a um “alto monte”. Lucas diz que “subiu ao monte a orar” (v.28). E continua dizendo que: “estando a orar, transfigurou-se a aparência de seu rosto, e o seu vestido ficou branco e mui resplandecente” (v.29). Marcos diz que “os seus vestidos tornaram-se resplandecentes, em extremo brancos como a neve, tais como nenhum lavandeiro os poderia branquear” (v. 3).

A seguir, apareceram Elias e Moisés e falavam com Jesus. E Lucas nos registra certos detalhes. Diz que “apareceram com glória, e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém” (vs.31).

Os três discípulos ficaram extremamente encantados, e Pedro expressou o desejo de fazerem três tendas e ficarem ali.

Depois disto, cobriu-os uma nuvem. Mateus diz que foi uma nuvem “luminosa”. De dentro dela saiu uma voz dizendo que Jesus era o filho amado de Deus e ordenou que as palavras desse Filho fossem ouvidas, isto é, atendidas.

Essa experiência ficou marcada na vida desses discípulos. Mais tarde, João vai mencionar em seu Evangelho, capítulo 1.14: “vimos a sua glória”. E Pedro, em 2Pedro 1.17 e 18, vai fazer referência à glória que experimentou com Jesus “estando nós com ele no monte santo”.

A esta altura, cabe aqui uma pergunta pertinente: “Qual é o significado dessa experiência?” Como tudo o que Jesus fez e ensinou teve um propósito, qual teria sido o propósito dessa experiência particular? E a resposta a essa pergunta é que o Senhor Jesus queria dar aos seus três discípulos uma **amostra de sua glória**. E por meio desses discípulos, através do registro dos evangelhos, a todo o seu povo, portanto a todos nós hoje também. Jesus queria mostrar o que significa **glória** na vida de seus servos. Jesus queria mostrar o propósito de Deus na vida de cada um de nós. Deus não deseja que vivamos uma vida de pobreza espiritual, uma vida em que nos sintamos miseráveis e

derrotados. Ele quer para nós uma vida de vitória e de majestade, como ele a vive na eternidade. Jesus mesmo disse que veio “para que tenham vida e a tenham com abundância” (João 10.10).

Essa glória vem como **resultado natural de nossa comunhão com o Senhor e da conseqüente obediência a ele e às suas normas morais**. Muitos querem uma experiência dramática que os leve a êxtases emocionais. Não é por aí o caminho da glória. O caminho é o de um relacionamento diário, constante, tranqüilo com o Senhor da glória. Desde o princípio do mundo foi assim. A respeito de Enoque, a Bíblia diz em Gênesis 5.22 e 24: “E Enoque andou com Deus”. Note o “andou” repetido duas vezes. Andar com Deus é estar junto com ele o dia inteiro. Na sua companhia, conversando com ele. Planejando as coisas juntos, sonhando juntos, alegrando-nos juntos, chorando juntos. Apresentando a ele os nossos planos para ver se ele concorda ou não. Sempre juntos. Sempre “ligados”. Ou, como se diz nestes dias do início da Informática, “conectados” a ele. Não é preciso deixarmos de fazer o nosso trabalho. Conversamos mesmo enquanto fazemos o que temos de fazer. Exatamente como fazemos com os colegas de trabalho. Não deixamos de trabalhar porque nos comunicamos com uns e com outros a propósito do trabalho. É exatamente isto que Paulo quer dizer em 1 Tessalonicenses 5.17, quando diz: “Orai sem cessar”.

Para experimentarmos glória, não precisamos esperar que as nossas vestes fiquem “luminosas”, “brancas como a neve”, e que o nosso rosto brilhe como o sol. Não é necessário nada disto. Se e quando o Senhor quiser que haja algo especial, ele o saberá fazer. Foi o que aconteceu com Estevão. Atos 6.15 diz sobre ele que “viram o seu rosto como o rosto de um anjo”. Nem sempre é necessário que aconteça algo especial. O normal, e o que acontece com qualquer um de nós, é que irradiaremos esse algo especial, que é a glória dentro de nós. Essa glória, os outros ao nosso redor perceberão, sem que nós mesmos percebamos que a estamos irradiando. Foi a experiência que Moisés viveu. Está narrada em Êxodo 34.28-30. Depois de ter passado quarenta dias e quarenta noites na presença do Senhor, ao descer do monte, o rosto de Moisés resplandecia. E ele mesmo não sabia que isto estava acontecendo. O

nosso rosto pode não “resplandecer”, mas os outros perceberão quanto é que nós temos passado na presença do Senhor.

Essa glória, milhões de servos do Senhor, de todos os tempos e de hoje, têm experimentado. Não é nada especial. É tão somente resultado do convívio e da comunhão natural, diária e contínua com o Senhor. Há uma história conhecida de Sadhu Sundar Singh. Numa visita à Inglaterra foi visitar um pastor inglês. Ao tocar a campainha, foi atendê-lo a filhinha do pastor. Sem abrir a porta, a menina voltou e disse que ali estava alguém a quem ela não conhecia, mas que se parecia com Jesus. Sadhu Sundar Singh irradiara de si a realidade de sua intimidade com o seu Senhor.

Nos capítulos que vão seguir, o leitor estará sendo conduzido em uma jornada dos caminhos, dessa comunhão. Não existe a pretensão de tentar esgotar o que a Bíblia tem sobre esse assunto, mesmo porque, como já foi dito acima, a matéria é de âmbito infinito. Muitas das lindas “paisagens” bíblicas sobre o assunto serão descortinadas.

No próximo capítulo, uma experiência pessoal do autor dentro desses princípios.

## Capítulo 2

### “Quero mais de seu tempo e da sua atenção”

No capítulo anterior vimos que o tempo com o Senhor dá como resultado a glória em nossas vidas. Vimos também que, ao longo dos séculos, e mesmo no presente, há milhões de servos do Senhor que vivem essa glória em suas vidas. Passaremos neste capítulo a relatar um pouco dessa glória, que o próprio autor dessas linhas tem experimentado. Faço o relato com o intuito único de dar uma amostra dessa realidade, em testemunho vivo daquilo que o Senhor, exclusivamente na SUA GRAÇA, me permitiu vivenciar. É também para a glória do mesmo Senhor que me conduziu a essa experiência. Ainda mais, desejo mostrar que não é nenhum privilégio especial meu, nem por mérito meu, mas somente para indicar que assim é, quando se dá tempo ao Senhor. O propósito é o de ajudar o leitor a trilhar o mesmo caminho, a fim de também desfrutar das delícias dessa glória em sua vida.

Corria o mês de junho de 1958. Era Pastor em Tupã no Estado de São Paulo. Havia ali duas igrejas batistas: a Primeira Igreja e a Igreja Central. Eu pastoreava a Central. Realizava ali, com muita felicidade, o ministério naquela igreja. Fora ali que nascera o nosso primeiro filho, que nessa altura tinha, há pouco, completado o seu primeiro aninho. Havia, entretanto, uma tristeza. A esposa, que era professora primária, estava bastante doente. Passava mal, e os médicos dali não conseguiam descobrir a raiz do problema. Tirou uma licença médica para tratamento de saúde e foi para Sumaré,

perto de Campinas, ficar com os pais. E eu fiquei sozinho em Tupã. Quinhentos quilômetros nos separavam. Ela se hospedou com os pais e procurou tratamento em Campinas. Foi ali que o nosso filhinho comemorou o seu aniversário. E eu o acompanhei de longe, curtindo a minha solidão.

Numa dada noite, naquele junho, em torno do dia 10, voltava eu de uma atividade pastoral. Não me lembro se tinha sido um culto ou uma visita. Abri a porta da casa pastoral, nos fundos da igreja, e mais uma vez fui saudado pelo “silêncio” e pela “solidão”. Pode parecer dramático o que estou dizendo, mas era a pura realidade. Nada convidativo para o que iria vivenciar depois.

Entrei no meu escritório e acendi a luz de mesa da minha escrivaninha. Fui fazer aquilo que já há muito tempo fazia. Antes de me deitar, ia ter o meu tempo com o Senhor. Eram mais ou menos 10 horas da noite.

\*\*\*\*\*

Abro aqui um parêntesis para explicar que, enquanto muitos advogam a idéia de começar o dia com o Senhor, eu já vinha praticando há muito tempo, começar o dia com o Senhor, num tempo mais breve, quando as lides ministeriais exigiam muita coisa desde cedo, e terminar o dia com o Senhor, num tempo mais longo.

No capítulo 11 trataremos deste assunto com mais profundidade. Por ora, fechamos o parêntesis.

\*\*\*\*\*

Abri a minha Bíblia, fiz a minha leitura, meditei um pouco e estava fazendo a minha oração. Preparava-me para ir dormir. Enquanto orava, o Senhor passou a me falar. A princípio pensei que era o meu pensamento que teria começado a divagar. Mas descobri logo que não era isto. O Senhor me falava pelo seu Espírito. Era algo que se assemelhava com outra experiência muitos

anos antes, por ocasião de minha chamada para o ministério pastoral.

\*\*\*\*\*

Aqui abro novo parêntesis para explicar como aconteceu na outra oportunidade. E o faço para esclarecer o que é que eu quero dizer, quando digo que “*o Senhor me disse*” ou “*o Senhor me falou!*”

Eu lutava com o problema vocacional. Já tinha pensado em ser tanta coisa e não tinha certeza de nenhuma. Já estava nos meados de meu segundo ano científico (correspondente ao que hoje é o segundo ano do segundo grau) e no ano seguinte terminaria o meu curso secundário. Os meus colegas todos já estavam estudando para o exame vestibular da universidade em que iriam estudar, e eu aqui, com nada definido. Naquele tempo também não havia ainda a orientação vocacional nas escolas, de modo que não pude contar com uma ajuda que hoje os estudantes têm.

Àquela altura da vida, já havia aprendido a levar as minhas dificuldades ao Senhor. Levei-lhe, então, o problema da minha vocação: “Senhor, o que é que eu vou ser?” E fiquei aguardando. Um dia, em agosto de 1949, eu vinha voltando de minhas aulas no colégio, depois de uma aula a mais do que nos outros dias. Estava muito cansado, e, além disto, tudo era sombrio ao meu redor àquela altura do ano. Era época de seca, e havia muita fumaça no ar devido às queimadas. Caminhava lentamente e não pensava em nada.

De repente, uma explosão em minha mente. “*Você não sabe o que vai ser? Você vai ser pastor!*” E brotou-me imediatamente uma profunda certeza no coração.

Nunca pensara nisto antes. Conquanto gostasse muito de trabalhar na igreja, ser pastor, nunca me passara pela idéia. Num instante tudo mudou dentro de mim. Agora eu já sabia o que iria ser. Já tinha direção.

Estava muito feliz! Passei a andar mais depressa. Como estava perto de casa, cheguei logo e contei aos meus pais a experiência. Eles ficaram muito felizes também.

Eu não tinha dúvidas de que fora o Senhor quem me falara através da mente ao coração. Não era produto de minha mente. Se tivesse sido, eu teria raciocinado em primeira pessoa, ou seja: “eu” estaria pensando. Ali era segunda pessoa, ou seja: “você!”. Alguém falara comigo, e esse alguém era o Senhor, respondendo à minha oração.

Era a primeira vez que o Senhor falara comigo dessa maneira. Na experiência que estou contando, foi a segunda. O tipo de comunicação era o mesmo que da primeira vez. A partir dali, essas experiências foram se tornando mais e mais constantes, de maneira que hoje já são uma realidade normal, natural e diária.

Fechado o parêntesis, podemos continuar.

\*\*\*\*\*

Naquela noite, enquanto orava, o Senhor me disse:

“O meu povo! O meu povo não tem tempo para mim! O meu povo não faz como o meu servo Samuel, no passado, que, na hora calada da noite, disse: “Fala, Senhor, porque teu servo ouvi!”

E essa palavra do Senhor foi acompanhada, em minha mente, de uma imagem muito significativa. O Senhor me fez lembrar de uma cena que tinha visto anteriormente, em que a mãe andava com o prato de comida atrás do filho querendo dar-lhe de comer. O filho ia andando por todo lado, sem atender à mãe.

Entendi que fazemos com Deus exatamente o que aquele menino estava fazendo com a mãe.

Deus está sempre querendo falar conosco. Mas nós, ocupados com os nossos afazeres, andamos o dia todo, daqui para lá e de lá para cá, sem uma pausa para ouvir ao Senhor.

Até aí, nada de especial. O Senhor falava de maneira genérica. Eu estava atento ao que o Senhor dizia e acompanhava. Então o Senhor continuou:

“Nem você me tem dado a suficiente atenção!”

Aí foi pessoal, e eu reagi de maneira muito natural. E disse:

“Eu, Senhor? Quantas orações tu me tens respondido! E agora mesmo estou aqui lendo a minha Bíblia e orando!”

E então o Senhor me disse:

“É verdade! MAS EU QUERO MAIS DE SEU TEMPO E DE SUA ATENÇÃO!”

Então eu respondi:

“Está bem, Senhor! Vamos começar já!”

E começamos.

Passei a conversar com o Senhor, pela primeira vez, como se o Senhor estivesse à minha frente na escrivania. Conquanto não visse ninguém, sabia que o Senhor estava ali e eu falava com ele como se eu o visse, em pessoa, à minha frente.

Por causa daquela experiência eu passei a entender o significado do que o Senhor Jesus disse à mulher samaritana em João 4.23 e 24: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.”

“Em espírito e em verdade”. Era exatamente o que eu estava fazendo. “Em espírito” porque não estava diante de algo visível. Era um encontro realmente em espírito. Um encontro do meu espírito com o Espírito do Senhor. Mas também era “em verdade”, porque eu estava ali falando “face a face” com o Pai. Eu não estava falando sozinho. Eu estava realmente falando com ele. Embora não o visse, eu sabia que ele estava ali me ouvindo. “Em espírito” eu sentia a sua presença.

Pela primeira vez, “conversamos” longamente. Falamos de muitas coisas, inclusive da situação de tristeza que eu e a minha família estávamos vivendo. As horas foram se passando e eu não as vi passar. Foram como horas de doce namoro em que os namorados “não vêem a hora passar!” Assim foi comigo naquela noite. Sem tempo e sem pressa, conversamos.

À medida que as horas passavam, o encontro ia se tornando mais e mais doce e sublime. Já era madrugada, e, aos poucos, lá bem no fundo do coração, passei a experimentar uma felicidade que não era apenas emocional. Era algo profundamente espiritual. E eu disse muito naturalmente:

“Senhor! Como é lindo estar na tua presença!”

Ao mesmo tempo, eu passei a me sentir adentrando o próprio infinito. Uma grandeza sem par. Saber teoricamente o que é o infinito é uma coisa. Mas sentir-se dentro dele é outra muito diferente.

Na verdade, o que eu estava presenciando era a glória de que tratei no primeiro capítulo e no início deste.

Continuamos a conversar até pouco antes do amanhecer. Depois nos “despedimos”, e eu fui dormir. Estava imensamente feliz e sob o impacto da glória que havia experimentado.

Dormi pouco, mas me levantei bem disposto.

Como dantes, realizava as minhas atividades ministeriais. Mas agora havia uma diferença. Enquanto as realizava, ao mesmo tempo dava ao Senhor mais tempo e mais atenção. Fazíamos tudo “juntos”.

Mas, como é muito comum acontecer, também comigo aconteceu. Lentamente, ao longo de meses, o meu tempo ao Senhor foi diminuindo pouco a pouco. As pressões do ministério exigiam cada vez mais, e eu comecei a usar o “tempo do Senhor”.

Não demorou o dia em que o Senhor voltou a me dizer: “Está correndo muito! E o MEU TEMPO?”

E eu disse:

“É verdade, Senhor! Perdão!”

Passei novamente a dar ao Senhor mais tempo e mais atenção. Hoje, quando olho para trás, vejo que, quando eu dava “mais tempo e atenção” ao Senhor, sentia muito mais glória em minha vida. Quando esse tempo diminuía, também a glória diminuía. E do outro lado, o meu ministério rendia muito mais quando dava mais tempo e atenção ao Senhor. E quando esse tempo diminuía, o rendimento ministerial também era menor.

Essas baixas no tempo do Senhor se repetiram mais uma vez ou duas, até que passei a “andar com Deus”, como Enoque, o dia todo. Estamos sempre “juntos”. Conversamos a toda hora. Sonhamos juntos. Planejamos juntos. Analisamos juntos o que fazer. Tudo juntos. Há situações em que o Senhor me adverte. Outras em que me repreende. Tem havido situações curiosas em que eu pretendo fazer uma determinada coisa ou tomar uma certa medida. Vou conversar com o Senhor a respeito, e ele me diz: “Sim! Quero que você faça isto, pois fui eu quem colocou isto no seu coração!” Outras vezes ele diz: “Não! Não faça! Pois vai dar errado!” Outra vez ainda: “Deixe o assunto comigo!” Passam-se dias. De repente, a minha mente volta ao assunto, e me ocorre um determinado aspecto a respeito do qual não falamos

anteriormente. Vou ao Senhor, muito naturalmente, e conversamos de novo. Algumas vezes já me disse: “Sim, este é um aspecto novo, e preciso que você me ajude fazendo isto ou aquilo!” E fazemos juntos: eu, aquilo que me cabia fazer, e o Senhor, aquilo que ele disse que iria fazer. Outras vezes já ocorreu de me dizer: “Não! Você me entregou o assunto, e eu estou trabalhando nele”. Já aconteceu de eu “insistir em querer fazer certa coisa da minha maneira”. Então o Senhor me disse: “Se você quiser fazer, faça! Mas eu saio do caminho!” E eu digo: “Perdão, Senhor! Prefiro que tu o faças!”

Embora problemas continuem a ser postos pelo nosso inimigo, “juntos” as vitórias vão sendo alcançadas. E a glória continua. Na verdade, é lindo trabalharmos juntos!

\*\*\*\*\*

Essa foi a experiência que desejava compartilhar. Vamos agora analisar ligeiramente alguns princípios importantes dessa experiência.

O primeiro princípio é o de que as grandes experiências com Deus são de iniciativa DELE, pelo seu Espírito, que habita em nós. Nunca são iniciativa nossa. A nossa parte é buscar ao Senhor; manter a nossa comunhão com ele, obedecer à sua voz expressa na sua Palavra e estar à sua disposição. O Senhor sabe do que mais precisamos. É ele quem tem os propósitos para as nossas vidas e quer nos usar dentro desses seus propósitos.

Desde Adão, foi sempre Deus quem tomou a iniciativa. Foi Deus quem foi ao encontro de Adão. Foi Deus quem foi ao encontro de Noé. Foi Deus quem foi ao encontro de Abraão em todas as suas experiências. Foi Deus quem foi ao encontro de Jacó em Betel e no restante de todas as suas experiências. Foi Deus quem foi ao encontro de Moisés em todas as suas experiências. Foi Deus quem chamou os profetas. Foi Deus quem preparou a vinda de Jesus, através de João Batista. Foi Deus quem tomou a iniciativa de enviar seu Filho ao mundo para nos trazer a sua revelação final e morrer em nosso lugar na cruz do Calvário.

Foi Deus, através de Jesus, quem chamou os discípulos, mais tarde apóstolos. Foi Deus quem chamou a Paulo para o grande ministério que realizou. E assim por diante, e continua a ser ainda hoje.

O princípio é o mesmo que o dos dons espirituais. Em 1 Coríntios 12.11, Paulo diz: “Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.”

Observa-se aqui também claramente que a iniciativa da distribuição dos dons é atributo do Espírito de Deus, portanto atributo divino. Não é ao homem que cabe decidir qual é o dom que deseja ter.

A nossa grande tendência é a de tomarmos em nossas mãos a iniciativa que é do Senhor. Desejamos ter experiências espirituais profundas. E assim passamos a “fabricar” experiências. Essas às vezes, muito fortes, parecem-nos verdadeiras. Na realidade, são experiências “construídas” por nós, na área psicológica. O exercício em determinada direção nos leva a experimentar aquilo que estamos desejando ardentemente. E quando alcançamos, imaginamos que foi uma experiência válida. Não nos conscientizamos de que foi algo “fabricado” por nós, em nosso psiquê, e não uma experiência provinda do Senhor. As experiências do Senhor são de iniciativa dele e acontecem naturalmente, sem que façamos qualquer “exercício” naquela direção determinada.

Assim foram essas minhas experiências. Quando o Senhor me chamou para o ministério, embora em resposta à minha oração, foi iniciativa dele o método utilizado para a resposta.

Quando o Senhor quis me ensinar a grande lição da comunhão com ele, também foi iniciativa dele.

Eu não “fabriquei” nada. Aliás, nem havia condições psicológicas para isto. Lembrem-se de que eu estava sozinho, vivendo minha solidão, cansado, desejando ir dormir depois de meu encontro com o Senhor.

★ O segundo princípio é o de que Deus faz tudo com um propósito definido. E esse propósito é sempre o de abençoar, baseado em seu amor. Quando, no Éden, ele foi buscar a Adão, ele o fez com o propósito de levar Adão a reconhecer o seu erro e a retornar. Deus tinha dito que se Adão comesse do fruto, morreria. Ele não estava falando de morte física. Estava falando de morte espiritual, ou seja, separação dele. E isto já tinha acontecido. No momento em que Adão desobedeceu, ele morreu, embora fisicamente continuasse vivo. O próprio homem se separou de Deus, pelo seu pecado. E o sinal foi a fuga. O homem procurou se esconder de Deus. Não foi Deus quem se separou do homem. Foi o homem quem se separou de Deus. A sua comunhão com Deus estava cortada. Quando Deus foi à busca do homem, foi com o propósito de lhe dar a oportunidade de retornar à comunhão com ele. Isto aconteceria, através do reconhecimento de seu erro, pedido de perdão e retorno ao Senhor. Deus agiu em seu amor, para abençoar. Foi o homem quem perdeu a oportunidade. Deus, em sua santidade e justiça, apenas ratificou a decisão do homem. O princípio tem sido o mesmo desde Adão e ainda é o mesmo em nossos dias. Deus continua desejando que o homem, separado dele, retorne através do arrependimento, do pedido de perdão e do retorno à comunhão com ele.

Vamos agora examinar a experiência de Abraão. A chamada de Abraão tinha um propósito definido. Deus disse a ele, em Gênesis 12,2 e 3: “Far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem, e em ti serão benditas todas as famílias da terra.” Deus, ao ordenar que Abraão saísse de sua terra para outra terra, apresentou claramente os seus propósitos. E propósitos definidos. É interessante examinar esses propósitos.

1 – “abençoar-te-ei” – O propósito de Deus incluía abençoar Abraão.

2 – “tu serás uma bênção” - Por meio de Abraão, abençoar a outros.

3 – “em ti serão benditas todas as famílias da terra” – O propósito final de Deus para com Abraão é de âmbito mundial.

E assim poderíamos continuar. Deixo ao meu amado leitor o exercício de percorrer a Bíblia, descobrindo os propósitos de Deus na vida e experiência de cada um de seus servos a quem ele utilizou. O princípio é sempre o mesmo: Deus vai dar a experiência para, em amor, abençoar o receptor da experiência. E, através dele, abençoar a outros.

Foi assim que aconteceu comigo. Aquela experiência vivida em Tupã tinha propósitos definidos:

1 - abençoar-me com o aprendizado do caminho da glória em minha vida, resultante da comunhão com o Senhor;

2 - por meu intermédio, abençoar muitas vidas, enquanto compartilho a experiência vivida;

3 – Deus ser glorificado através dela. Não que Deus, em si, “necessite” ser glorificado, mas porque glorificar a ele faz bem a nós. Assim, mais uma vez, é para nos abençoar com seu amor.

\*\*\*\*\*

Ao encerrar este capítulo, passo ao meu prezado leitor o pedido que o Senhor me fez naquela noite:

**“Quero mais de seu tempo e da sua atenção!”**

## Capítulo 3

---

# A motivação certa na vida de oração

Motivação é a força que nos move a realizar alguma coisa. É o motivo básico por que fazemos uma certa coisa.

Para ilustrar, vamos à seguinte estória. Um visitante foi a uma pedreira. Ali encontrou três trabalhadores cortando pedras. Viu-os, cada qual, realizando a tarefa com uma disposição diferente. Um, muito desanimado, outro com pouco entusiasmo. O terceiro, muito entusiasmado. Ocorreu-lhe perguntar a cada um a razão de sua disposição.

O primeiro respondeu que estava ali, porque foi o único trabalho que encontrou naquele lugar difícil. Mas precisava trabalhar para sobreviver. Queixava-se do trabalho pesado, queixava-se do salário pequeno que o patrão lhe dava, queixava-se de que ninguém lhe dava melhor oportunidade, queixava-se de que ninguém quis ajudá-lo a estudar, quando jovem. Queixava-se..., queixava-se..., queixava-se....

O segundo respondeu que ali estava trabalhando porque tinha uma família para sustentar. Dizia que o trabalho, na verdade, não era fácil e que o salário não era bom. Mas, ao menos tinha esse emprego para sustentar a família. Conhecia outros que nem isso tinham. Quando se lembrava disso, tinha até razões para agradecer a Deus pelo que possuía.

Quando o visitante foi ao terceiro, este lhe disse que estava entusiasmado porque, além de ter um emprego, quando outros não tinham, e além de ter o sustento para a família, ele, sobretudo, pensava no valor daquilo que estava fazendo. As pedras que estava cortando eram para a construção de uma grande catedral na sua área. Uma catedral que duraria muitos séculos. E ele se considerava parte daquele empreendimento. Era um privilégio muito grande. Mais adiante, quando a catedral já estivesse construída, e ele bem velhinho passasse por ali, ficaria feliz ao olhar para aquelas grandes pedras que ajudara a cortar e que ali agora estavam. Pensando no futuro distante, séculos depois, quando visitantes passassem por ali, admirariam aquelas pedras e pensariam em alguém que as preparou. E, dizia ele, “mesmo sem me conhecerem, pensariam em mim!” E concluiu: “Tudo isto me faz muito feliz!”

Através dessa estória, é fácil verificar a motivação de cada um daqueles trabalhadores. O primeiro atendia apenas a uma necessidade. Precisava sobreviver. Era uma necessidade imposta pela vida, de fora para dentro. Se não fosse isto, não trabalharia. A sua motivação, portanto, era simplesmente o atendimento a uma necessidade externa. Daí o seu desânimo resultante de sua motivação.

O segundo, conquanto numa situação um pouco melhor, também atendia a uma necessidade: a do sustento da família. Também algo externo, mas com um elemento interno. Sentia-se feliz em poder dar um sustento à família. Sentia-se feliz porque tinha ao menos um trabalho, quando havia outros que nem isso tinham. Sentia-se até grato a Deus pelo que tinha. A sua força motivadora era um misto de externa, pela necessidade da família, e interna, pelos aspectos de felicidade que vivia. Por isso, um razoável entusiasmo resultante de sua motivação.

O terceiro, conquanto contando com atendimento a necessidades, era impulsionado, sobretudo, pelo grande privilégio de que se considerava parte. A sua grande motivação era interna. De dentro para fora. Daí o seu grande entusiasmo.

Quando observamos essas três motivações, é fácil verificar que a do primeiro, exclusivamente de fora para dentro, era falsa, completamente errada. A do segundo, um pouco de fora para dentro e um pouco de dentro para fora, meio certa e meio errada. A do terceiro, totalmente de dentro para fora, era completamente certa. O resultado no humor e na satisfação de cada um era à medida de sua motivação. A realização de vida de cada um era proporcional à sua motivação.

Outra observação interessante é que os três trabalhadores estavam realizando a mesma tarefa: a de cortar pedras. Estavam experimentando o mesmo sol e calor do dia. Recebiam o mesmo salário. A grande diferença entre eles era a sua motivação. Isto significa que uma mesma atividade pode ter significado profundo, ou não, dependendo da motivação com que é realizada. Em outras palavras, qualquer atividade tem valor ou perde o seu valor de acordo com a motivação. Ainda dito de outra forma, uma atividade passa a ser importante ou não, para nós, por causa de nossa motivação para realizá-la. A motivação pode dar importância e significado a uma atividade, ou pode anulá-la totalmente.

Poderíamos representar essas verdades matematicamente, da seguinte forma:

Exemplo 1:

+1 – O valor da atividade.

-1 – A motivação falsa, expressa num valor negativo de menos 1.

Portanto,  $+1 - 1 = 0$  – isto é o valor da atividade que foi anulada.

Exemplo 2:

+1 – O valor da atividade

0 — Motivação que não é nem negativa nem positiva.

Portanto,  $+1 + 0 = +1$  – isto é, valor pequeno, apenas pela atividade em si.

## Exemplo 3:

+1 – o valor da atividade

+1 – O valor da motivação positiva

Portanto, +1 +1 = +2 – isto é o valor da atividade começa a aumentar.

## Exemplo 4:

+1 – O valor da atividade

+ 5 – O valor positivo de uma boa motivação

Portanto, +1+5 = +6 – isto é, um valor altamente aumentado pela motivação.

Assim é também com as atividades espirituais. Elas têm uma grande importância, ou perdem toda a sua importância, em função da motivação. E como a comunhão com o Senhor, da qual a oração é uma componente, faz parte das atividades espirituais, o mesmo acontece nessa área. A oração pode ter o seu valor totalmente anulado por motivação falsa.

E foi exatamente isto que Jesus ensinou em Mateus 6.5-8. Esse texto faz parte do contexto maior, Mateus 6.1-18, em que Jesus apresenta a motivação certa e a falsa em três atividades religiosas importantes: as esmolas, a oração e o jejum.

Os religiosos da época de Jesus consideravam essas três atividades os pilares principais de uma vida justa. Eram “atos de justiça”. E Jesus usou exatamente esses exemplos para ilustrar, através desses atos, a importância da motivação.

No versículo 1 Jesus apresenta o princípio geral desse assunto. E depois passa a apresentar cada um deles nos seus detalhes. Ele diz: “Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai que está nos céus.”

Algumas Bíblias trazem “os vossos atos de justiça”, o que também é uma boa tradução da palavra utilizada por Mateus, na linguagem original do Novo Testamento, e expressa exatamente a idéia praticada na época.

Vamos analisar os elementos que esse princípio contém:

1 – “os vossos atos de justiça” – a idéia da época incluía apenas aqueles três elementos. Mas aqui o que Jesus apresenta é um princípio geral e inclui todas as idéias relacionadas à nossa vida religiosa e espiritual: o nosso culto, a nossa adoração, a nossa participação na Escola Bíblica Dominical, no coro, nas organizações da igreja ou da denominação, a nossa vida de oração e de comunhão com Deus, a nossa vida cristã, a nossa evangelização, a participação em Missões, a nossa contribuição e a nossa ajuda aos necessitados. Tudo isto, em si mesmo, é extremamente bom. Será valorizado ou anulado, dependendo da motivação com que for feito.

2 – “diante dos homens, para serdes vistos por eles” – Os atos espirituais devem ser feitos a Deus, mesmo que seja em presença de outros seres humanos. Quando a intenção mais profunda, ou seja, o que nos “moveu” àquela realização, é a de que “os outros vejam o que estamos fazendo”, na verdade já deixamos de fazer aquele ato a Deus. Portanto, deixou de ser espiritual. A motivação está errada.

3 – “não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus” – Como aquele ato não foi a Deus, mas foi puramente humano, então Deus está fora do processo. Não é nada com ele. Por isso, não se pode esperar pela sua bênção. O que se desejava, na verdade, era que os homens vissem. Como isto aconteceu, conseguiu-se o que se pretendia. Chegou-se onde se quis chegar.

É uma questão de causa e conseqüência. Feito a Deus, o resultado é a sua bênção. Feito para que os homens vejam, tem como resultado a apreciação dos homens. É a recompensa pelo que foi feito. É a motivação anulando o valor do ato praticado.

Vamos ver agora como é que este princípio se aplica na prática, em relação à oração.

No texto dos versículos 5 a 8, Jesus diz o seguinte:

“E, quando orardes, não sejais como os hipócritas; pois gostam de orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós o pedirdes.”

Aqui Jesus apresenta tanto **como não orar** quanto **como orar**. Isto apresenta a motivação errada da oração e a motivação certa da oração.

Começamos pela parte que Jesus apresentou primeiro. Nessa primeira parte, no versículo 5, Jesus vai tratar dos elementos externos da oração, ou seja, do local onde se realiza. E vai juntar a isto a motivação.

### A - Como não orar

1 – “Quando orardes” – Jesus não está falando aqui de uma oração que acontece eventualmente. Ele não está dizendo que seja uma oração em que, lá de vez em quando, você se lembra de fazer. Uma situação em que você estaria dizendo: “Oh! Já faz um mês e meio que não oro!” Ou, quando você está passando por algum problema e então se lembra de orar. O que Jesus na verdade está dizendo é: “sempre que você orar!”

2 – “não sejais como os hipócritas” – O hipócrita é aquele que “parece ser uma coisa, mas no fundo é outra, completamente diferente. A palavra na linguagem original do Novo Testamento é

constituída de duas outras: uma significando “o que está por trás”, e a outra, “julgar”. Então, julgar o que está por trás. Isto significa que a realidade está por trás daquilo que está à vista. É o caso de uma pessoa que diante dos outros é muito simpática, risonha e agradável. Mas quem convive com ela sabe que, na verdade, não é nada daquilo que parece ser. É tremendamente difícil e perversa. Um determinado crente, diácono, era muito dedicado à sua igreja. Excelente pregador leigo. Mensagens realmente inspiradoras. Bom professor da Escola Bíblica Dominical. Era até um fiel dizimista. Na vida profissional, era dono de um pequeno supermercado. Um dia, um outro crente, num encontro informal, na hora de uma compra naquele supermercado, ouviu uma conversa entre os empregados. Comentavam eles as perversidades do seu patrão. E dizia um deles que nunca tinha trabalhado para um patrão tão terrível. E os outros afirmaram que sua experiência era a mesma. Aquele diácono parecia uma coisa e na verdade era outra. Portanto, era hipócrita, dando a impressão de que era um crente ideal, quando “por trás” daquilo, era exatamente o contrário.

3 – “gostam de orar em pé nas sinagogas” – A liturgia judaica tinha orações para todas as ocasiões. Uma delas era a de que todo judeu deveria orar pela manhã e à noite. Outra, a de que deveria orar três vezes ao dia: às 9 da manhã, ao meio dia e às três horas da tarde. Junto com isto, havia a tendência de que uma oração no templo ou na sinagoga era mais eficaz. Certos rabinos procuravam ligar a eficácia da oração a lugares “sagrados”. Até os primitivos cristãos, em muitos casos, acompanharam essa prática. Lembramos, por exemplo, o caso de Pedro e João, em Atos 3.1. Ali lemos: “Pedro e João subiam ao templo, à hora da oração, a nona”. A hora “nona”, no horário judaico, era três horas da tarde. E o texto diz que era “hora da oração”. Ainda hoje, infelizmente, há crentes que, embora concordem que se possa orar em qualquer lugar, lá no fundo crêem que a oração na igreja tem um valor maior. E muitos há que acreditam piamente que a oração por parte de um pastor, ou de um crente mais dedicado, é “mais forte”. Muitos há até que mudam de igreja e de denominação, porque na outra há “mais poder” ou “mais vida”.

É muito interessante o destaque que Jesus faz de que certas pessoas “gostam de orar em pé nas sinagogas”. A sinagoga, na “hora de oração”, por causa de ser um lugar de “orações mais eficazes”, reuniria um grande número de pessoas. “Orar de pé” seria um símbolo de muita devoção.

Portanto, orar em pé, na hora da oração, na sinagoga, seria o lugar ideal “para ser visto pelos homens”. Essa pessoa, enquanto estivesse orando, procuraria “perceber” se alguém notou a sua “espiritualidade”. E se sentiria extremamente feliz, se ouvisse alguém comentando: “Veja como aquele homem ora!” Ou alguém, depois daquela hora, voltando-se a ele, dizer-lhe: “Gosto de ver você orando!” Como isto faria bem ao seu coração!

4 – Oram “às esquinas das ruas”. – Havia também aqueles que, ou já estavam na rua, ou saíam especialmente à rua, na “hora da oração”, para fazer coincidir essa “hora” com a passagem por uma esquina. Certas esquinas, em Jerusalém, naquela época, eram a confluência de várias ruas. Outra oportunidade ideal “para serem vistos pelos homens”.

Da mesma forma, como na situação anterior, também ficariam atentos, a ver se alguém os estava observando. Se estivesse, isto lhes faria bem ao coração. E pensar consigo mesmos: “Valeu a pena! Observaram como eu sou espiritual!” Voltariam para casa felizes.

5 – “para serem vistos pelos homens” – Aqui Jesus volta ao princípio apresentado no versículo 1. Em ambos os casos acima, a razão fundamental de sua oração era “serem vistos pelos homens”. A sua motivação, portanto, era falsa.

Agora, vamos à segunda parte, que diz como não se deve orar, apresentada no versículo 7. Aqui Jesus apresenta os aspectos internos da oração, ou seja, elementos componentes da oração em si.

6 – “não useis de vãs repetições” - Vimos acima que a liturgia judaica tinha orações para cada ocasião e circunstância. Eram orações preparadas

para serem repetidas de acordo com as situações. Eram orações formais e que não saíam do fundo do coração da pessoa que estava orando. Jesus chama a esse tipo de oração “vã repetição”. Se a oração é uma conversa com Deus, uma comunicação pessoal da alma com o seu Senhor, então, algo anteriormente “fabricado” não tem nenhum sentido. É absolutamente vão.

Ainda hoje, há muita prática desse tipo de oração. Os chamados modelos de oração, preparados para serem lidos nas várias ocasiões, estão nessa categoria. Há também certas orações que devem ser repetidas, um certo número de vezes, como “castigo” para pecados cometidos.

Conta-se de alguém que escreveu uma oração para a noite, antes de dormir, e a colou na cabeceira da cama. Quando entrava no quarto para dormir, dizia: “Senhor, ali está a minha oração!”, e se metia debaixo das cobertas.

Outro escreveu uma oração e a colou ao redor de uma roda. Cada volta da roda era contada como uma oração feita.

É também muito comum estruturarmos algumas de nossas orações de tal maneira que as repetimos mecanicamente, sem que o nosso coração acompanhe o que estamos dizendo. Vãs repetições.

Uma certa menina decidiu que, a cada oração que faria, jogaria uma noz dentro de um cesto. E a quantidade de nozes ia aumentando dentro do cesto. E à medida que o cesto se enchia, ela se envaidecia. Dizia consigo mesma que “já tinha um crédito de grande número de orações diante de Deus”. Um dia, ela sonhou que o Senhor lhe dizia: “Quebre todas as nozes e veja quantas estão vazias. As vazias representam as suas orações vazias, que não chegaram até a mim. Só as cheias são as que chegaram”. Quando ela acordou, decidiu quebrar as nozes. Uma após outra, até a última. Ficou muito triste porque não havia nenhuma cheia. Todas estavam vazias! Todas tinham sido vãs repetições!

7 – “como os gentios” – Os gentios eram os não judeus, considerados como não fazendo parte do povo de Deus. Assim as suas práticas religiosas não tinham o conteúdo realmente espiritual, pois não o tinham aprendido. As suas práticas eram apenas aquelas que tinham recebido pela tradição. Não conheciam um relacionamento pessoal com Deus. Eles oravam daquela maneira. E Jesus mostra que aquela não era a maneira de orar. Oração não é isto.

8 – “pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos.” – Essas vãs repetições, semelhantes às orações dos gentios, eram praticadas, automaticamente, pelos judeus, utilizando as orações “aprendidas” de seus líderes religiosos. E algumas delas eram extensas. Achava-se que na extensão de uma oração havia eficácia.

Ao longo da História, muitos tempos houve em que se considerava que, quanto mais extensos os cultos e as orações, tanto mais efetivos e significativos. Passava-se “mais tempo diante do Senhor!” E ainda hoje há os que advogam a mesma idéia. Para ser considerado um “bom crente”, deve saber fazer longas orações. Houve época em que se dizia que “uma oração deve começar no Gênesis e acabar no Apocalipse”.

Acham muitos que um culto digno não deve ter tempo limitado. A desculpa que se dá é que “no final das contas, deve ser um prazer estar na presença do Senhor!” Isto é verdade. Mas, se esse “prazer” é imposto, de fora para dentro, por falta de estrutura e de organização de um culto ou de uma reunião de oração, cai nessa categoria.

Outros há que advogam que se deve “dar liberdade ao Espírito”. Mas o que acontece, na realidade, é que, por preguiça ou por incapacidade de quem o prepara, o culto não é cuidadosamente planejado. Em geral, é um culto sem horários, também extremamente longo, sem rumo e sem direção. Um amontoado de “vãs repetições”. O povo sai dali sentindo que “foi uma perda de tempo”. “Dar liberdade ao Espírito” é algo muito diferente. O Espírito quer um culto com “decência e ordem”, como diz Paulo em 1 Coríntios 14.40. Ele deve ser consultado e ter liberdade, sim, na preparação do culto.

Existem ainda os que oram tentando “convencer” a Deus de que há uma determinada necessidade. Apresentam todos os tipos de argumentos possíveis. Dão a impressão de que Deus não está nada interessado nessa necessidade e está sempre pronto a dar um “Não!” Os argumentos vão fazê-lo pensar e se convencer de que há realmente uma razão naquela necessidade.

Exemplo de orações desse tipo seria mais ou menos assim:

“Senhor, cura o irmão Fulano! Pois, Senhor, a tua Palavra diz que Jesus levou sobre si todas as nossas enfermidades. Sabemos por isto que tu não tens prazer numa enfermidade de teus servos. Tu não nos criaste para sermos doentes. Por outro lado, Senhor, se ele ficar bom, ele poderá fazer muita coisa na tua obra! Imagine, Senhor, quantas almas deixarão de ir para o inferno! Sabemos também, Senhor, que é o teu desejo que todo homem venha ao conhecimento de Cristo! Pois foi para isto que mandaste Jesus ao mundo, para que morresse na cruz por nós! Quanto mais almas forem salvas, tanto mais haverá alegria no céu, pois a tua Palavra diz que há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento! Portanto, Senhor, por estas e outras razões, te pedimos que cures o irmão Fulano!” Vãs repetições!

Mas, também há os que oram como que “informando” a Deus sobre determinado assunto. É como se Deus estivesse tão “por fora” do que acontece na nossa vida aqui na terra, que a nossa “informação” vai ajudá-lo a “tomar conhecimento”, e então vai passar a estudar o assunto, para depois dar uma resposta.

Exemplo de oração desse tipo seria mais ou menos assim:

Senhor, cura o irmão Fulano! Veja como ele está sofrendo! Senhor, lá no hospital onde ele está é tão ruim! Senhor, ele gostaria de estar em casa com a família. A família, sem ele, Senhor, se sente tão sozinha! A esposa, sem o irmão Fulano, precisa fazer todas as coisas sozinha. Ela precisa levar as crianças para a escola, depois buscar as crianças.

Ela não dirige o carro. É tão difícil ter que tomar ônibus para levar e buscar as crianças! Quando o irmão Fulano estava em casa, levava as crianças de manhã e na hora do almoço aproveitava para buscá-las e vinha almoçar em casa. Agora ela tem de fazer tudo sozinha. Além disso, ela tem de cuidar das contas. Quando ele estava, cuidava disto. Agora ela tem de fazer. Depois de tudo isto, ainda tem de arranjar alguém para ficar com as crianças enquanto ela vai visitar o irmão Fulano no hospital. Por isso, Senhor, cura o irmão Fulano! Vãs repetições!

Tudo isto parte da mesma realidade: “pensam que por muito falar serão ouvidos”.

Jesus mostra que a motivação interna de oração, praticada formalmente por vãs repetições e pelo “muito falar”, também é motivação falsa.

E logo no versículo 8, depois de dizer que não devemos nos assemelhar aos que praticam estas coisas, diz que o “Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.”

A seguir, a partir do versículo 9 passa a dar um exemplo de uma oração curta, mas com os elementos necessários para uma boa comunicação com o Senhor. Esta será analisada em outros capítulos.

## B - Como orar

No versículo 6, depois de Jesus ter advertido contra a falsa motivação de orar “para ser visto pelos homens”, Jesus passa a dar um exemplo de como evitar esse problema. Vamos estudar o que Jesus diz, parte por parte.

1 – “entra no teu quarto, e fechando a porta” – Aqui, mais uma vez, Jesus apresenta um princípio geral. Significa “desligar-se” de alguma forma, sem que o mundo exterior perceba que estamos orando. É recolher-se em si mesmo, para conversar com o Pai.

Se tomarmos o que Jesus disse em sentido absolutamente literal, ficaremos muito restritos. Imaginemos que a única forma de orar fosse entrar no quarto e fechar a porta. No caso dos judeus, em que a maioria das casas era composta de um ambiente só, onde tudo era feito, desde o cozinhar e comer até o estar e dormir, seria muito difícil orar ali, pois haveria sempre a possibilidade de alguém estar precisando utilizar o quarto. Seria quase impossível não ser interrompido. Para que isto não acontecesse, teria de avisar que ninguém entrasse; então já não seria mais “em secreto”.

Ainda hoje, para alguém praticar o “entrar no seu quarto e fechar a porta” é necessário “avisar” que ninguém o interrompa, pois “estará orando”. E isto significa, no fundo, querer que todos saibam que está orando. E então também cairia no princípio de “ser visto pelos homens”.

Se levarmos “ao pé da letra”, não poderemos ter orações públicas na igreja, pois não estamos dentro de um quarto com a porta fechada. Mas aí também podemos praticar uma de duas coisas: orar, como se estivéssemos dentro do quarto, com a porta fechada, completamente “desligados” do ambiente exterior e tão-somente “conectados” com o Pai. Ou podemos orar, “para sermos vistos pelos homens”, apenas “fazendo uma oração pública”, que os outros estão ouvindo, mas que não significa estarmos falando com o Senhor. E isto, infelizmente, é um dos grandes perigos nas orações públicas, em especial as orações longas.

Jesus mesmo, na maior parte das informações que temos nos evangelhos, não orou dentro de um quarto com a porta fechada. Ele orou no monte, no monte da transfiguração, na época da ressurreição de Lázaro, diante de um público, no Jardim do Getsêmane e na cruz. Mas em todas as circunstâncias, mesmo diante do público presente no túmulo de Lázaro, Jesus se “desligou” do mundo exterior e se concentrou no contacto com o Pai. Em nenhuma situação, ele orou “para ser visto pelos homens”. Ele aplicou exatamente o que ensinou em forma de princípio. Sempre “entrou no seu quarto e fechou a porta”.

Hoje, podemos praticar o mesmo princípio, ainda que no meio de uma multidão. E ninguém sabe que estamos conversando com o Pai. Eu tenho orado em ônibus, no avião, no trem, no carro, na rua, sem ninguém saber que estava orando.

2 – “ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai que vê em secreto” – Quando estamos totalmente “desligados” do ambiente exterior e “conectados” ao Pai, o nosso contacto com ele é em absoluto segredo. Ninguém sabe que estamos conversando com ele e contando a ele. É sigilo absoluto. Deus, que “está em secreto” e que “vê em secreto”, está em contacto conosco. Está nos ouvindo.

3 – “te recompensará” – A oração com motivação certa sempre será recompensada. Esta é a promessa de Jesus.

A primeira recompensa é a certeza de estar em contacto íntimo, pessoal e secreto com o Pai.

É um privilégio ímpar estar em contacto, sem qualquer interferência, em linha exclusiva, nunca “ocupada”, a qualquer hora do dia e da noite, com o Deus grande, criador dos céus e da terra, Senhor dos senhores e Rei dos reis. É um privilégio que nem sempre valorizamos e nem apreciamos suficientemente..

A segunda é a certeza de sermos ouvidos. O Salmo 34.15 diz: “os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor”. E em Isaías 59.1, Deus diz: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar, nem surdo o seu ouvido, para que não possa ouvir”. Nem sempre cremos que isto seja verdade. Mas o problema é nosso e não de Deus. A única situação em que a nossa oração não pode e não vai ser ouvida será estudada no capítulo sobre os obstáculos à oração.

A terceira é a certeza de a oração ser atendida. Quando se diz isto, está-se dizendo que nenhuma oração nossa deixa de ser considerada. Absolutamente nenhuma. Deus não “engaveta” nem “esquece” as

nossas orações. Não é como os seres humanos, que deixam de se preocupar com a necessidade de alguém quando não atende aos seus interesses. O aspecto de quando “parece” que Deus não responde, também será estudado em outro capítulo. O fato importante é a certeza de que as nossas orações recebem a atenção do Senhor.

A quarta é a promessa de que “a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos,” conforme Tiago 5.16. Quem é esse “justo”? É aquele que foi “justificado” por Deus, cujos pecados foram purificados pelo sangue de Jesus, ao crer nele como o seu Salvador pessoal. Portanto, em outras palavras, é aquele que foi salvo e ainda, que vive uma vida de retidão, por obedecer às orientações do Senhor. As suas orações têm muito efeito. Os grandes efeitos de sua oração estão no fato de que, trabalhando junto com o Deus todo-poderoso, em constante comunhão com ele, pode realizar grandes coisas. Estas nem sempre são coisas grandemente visíveis, profundamente impressionantes e que chamem a atenção do mundo inteiro. Muitas grandes coisas acontecem sem que ninguém delas tome conhecimento.

São algumas das recompensas da oração com motivação certa.

Finalmente, os votos de que o meu amado leitor possa dar, cada vez mais, tempo e atenção ao Senhor com motivação certa. Seguramente vai experimentar também, como tantos outros, uma glória crescente na experiência da vida!

*Unidade II*

A teologia da oração

## Capítulo 4

---

# A oração no Antigo Testamento

Nesta unidade vamos analisar aspectos gerais do ensino da Bíblia sobre a oração, a respeito dos quais não teremos capítulos específicos. Os assuntos que demandam um estudo mais extenso estarão sendo estudados em outras unidades.

Antes de passarmos propriamente ao estudo da oração no Antigo Testamento, vamos procurar entender qual é o conceito genérico de oração.

Através da Bíblia, na área do encontro entre Deus e o homem, o homem e Deus, temos quatro aspectos a considerar:

- Deus se dirige ao homem para lhe dar uma ordem ou mensagem.
- Deus se dirige ao homem, e o homem responde a esse encontro com Deus.
- O homem se dirige a Deus buscando um encontro com ele.
- O homem se dirige a Deus, e Deus responde.

O entendimento mais comum é o do terceiro aspecto, em que o homem se dirige a Deus, e o quarto aspecto, em que o homem se dirige a Deus e Deus responde. Isto seria um conceito mais restrito. Quando muito, esse conceito comum se estenderia à segunda parte do segundo aspecto, em que o homem responde a Deus, no encontro com ele.

Nesse entendimento, não se considera o primeiro aspecto e a primeira parte do segundo como oração.

Considerando os quatro aspectos com o sentido da comunhão de Deus com o homem e do homem com o seu Deus, teríamos o conceito mais extenso.

Nos capítulos anteriores já temos utilizado tanto um conceito quanto outro. E continuaremos a utilizar a ambos.

Vamos agora ao Antigo Testamento.

Desde o início do Antigo Testamento, a oração esteve presente. Estudaremos apenas alguns exemplos. Se fôssemos a todos os casos, teríamos que escrever um grande livro. Analisaremos algumas do início, outra mais ou menos do meio e outras do fim dos tempos do Antigo Testamento.

Começemos com Adão e Eva. A Bíblia menciona três encontros claros entre Deus e o homem nos três primeiros capítulos. Nos dois primeiros, Deus se dirige ao homem e lhe dá orientação. No terceiro, Deus se dirige ao homem, e o homem responde a Deus.

Há um quarto caso, em que a Bíblia não diz claramente que Deus tenha falado a eles.

Vejamos como foram esses encontros.

O primeiro encontro está narrado em Gênesis 2.28-30.

Depois de narrar que Deus criara o homem, o texto diz: “Então Deus os abençoou e lhes disse:” E passa a apresentar o que Deus disse.

O segundo encontro está apresentado em Gênesis 2.16-17, onde se lê: “Ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo:” E continua com a ordem que Deus deu ao homem. Aqui mais uma vez é Deus se dirigindo ao homem para lhe falar.

Os versículos 18 e 24 não dizem diretamente que Deus se dirigiu ao homem. O versículo 18 tanto pode indicar que Deus falou ao homem, como também pode indicar que Deus falou de si para si mesmo. Parece Deus raciocinando consigo mesmo. De qualquer maneira, não é difícil imaginar que, mesmo que Deus o tenha dito de si para si mesmo, um dia ele o tenha dito a Adão. Talvez quando veio para fazer Adão cair num profundo sono, ou quando Deus veio lhe trazer a mulher.

O versículo 24 parece indicar, no contexto, que aquilo foi dito por Adão. Mas como o que foi dito confere com o que a Bíblia diz mais adiante e inclusive no Novo Testamento, é muito possível que Adão tenha repetido aquilo que Deus lhe dissera anteriormente.

O terceiro encontro claramente mencionado está no capítulo 3, a partir do versículo 8. Ali temos Deus se dirigindo a Adão e Eva, depois que pecaram. E temos a primeira narrativa bíblica de uma “conversa” entre Deus e o homem. É Deus buscando o homem, e o homem respondendo a Deus. É pena que não tinha sido um encontro com resultado em glória, pois o homem, tendo perdido a comunhão com o seu Criador em razão do seu pecado, perdeu também a oportunidade de retornar a essa comunhão com ele.

Depois temos a menção de muitas orações, ou seja, encontros entre Deus e o seu povo, e entre o povo e o seu Deus. É um bom exercício que o leitor poderá fazer, ao ler a Bíblia toda, destacar esses encontros, que são orações.

Como dissemos acima, vamos analisar uma oração mais ou menos no meio do Antigo Testamento.

Tomemos o texto de 2Crônicas 20.

Nos versículos 1 a 5 existe a menção das circunstâncias em que essa oração ocorreu. Era o tempo do rei Jeosafá. Alguns povos vizinhos se uniram para guerrear contra Judá. O rei teve muito medo e convocou

o povo em jejum. O povo se reuniu na casa do Senhor em Jerusalém, e o rei orou.

Nos versículos 6 a 12 temos a oração do rei, com o povo acompanhando. O versículo 6 diz: “Ó Senhor, Deus de nossos pais, não és tu Deus no céu? E não és tu que governas sobre todos os reinos das nações? E na tua mão há poder e força, de modo que não há quem te possa resistir.”

E então continua a oração. No versículo 13 é mencionada a postura do povo. Todo o Judá, isto é, todos os homens, junto com as suas mulheres e as crianças, estavam “em pé diante do Senhor”.

Nos versículos 14 a 17, o Senhor, pelo seu Espírito, por meio do profeta Jaaziel, dá ao rei e ao povo a resposta do Senhor àquela oração, com palavras de ânimo e as orientações do que deveriam fazer. No versículo 17 o Senhor diz: “Nesta batalha não tereis que pelejar; postai-vos, ficai parados e vede o livramento que o Senhor vos concederá, ó Judá e Jerusalém.”

No versículo 18 “Jeosafá se prostrou com o rosto em terra; e todo o Judá e os moradores de Jerusalém se lançaram perante o Senhor, para o adorarem.” No versículo 19, os levitas cantores se levantaram” para louvar ao Senhor Deus de Israel, em alta voz.”

Nos versículos 20 a 23 está a narrativa do que aconteceu no dia seguinte pela manhã. O rei e o povo saíram, conforme a orientação do Senhor, para se encontrar com os inimigos. O rei deu palavras de encorajamento ao povo dizendo: “Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros.” E saíram à “batalha” em cânticos. Os cantores designados para “cantar louvores ao Senhor e louvá-lo” estavam vestidos de “trajes santos”. Diz o texto, no versículo 22: “quando começaram a cantar e a dar louvores, o Senhor pôs emboscadas contra os homens de Amon, de Moabe e do Monte Seir, que tinham vindo contra Judá; e foram desbaratados.” O versículo 23 menciona que os inimigos “ajudaram a destruir-se uns aos outros”.

Do versículo 24 até ao 29 a história continua com o que aconteceu depois. O povo foi ao campo da batalha e encontrou só cadáveres. Ajuntaram o que os inimigos deixaram e se reuniram no vale de Beraca, “pois ali louvaram ao Senhor”. Os versículos 27 e 28 informam que, “voltando dali todos os homens de Judá e de Jerusalém com Jeosafá à frente deles, retornaram a Jerusalém com alegria, porque o Senhor os fizera regozijar-se sobre os seus inimigos. Vieram pois a Jerusalém com alaúdes, com harpas e com trombetas, para a casa do Senhor.”

E o versículo 29 encerra esta história maravilhosa, dizendo: “Veio o temor de Deus sobre todos os reinos daqueles países, quando eles ouviram que o Senhor havia pelejado contra os inimigos de Israel.”

Como se vê, é uma linda narrativa do encontro do povo com o seu Deus. Deus se encontrando com o seu povo, em resposta à oração do povo. Deus batalhando pelo povo, livrando-o dos seus inimigos. E o povo, durante todo o processo, cantando e louvando ao Senhor. É fácil imaginar a glória vivida pelo rei e pelo povo em toda essa experiência.

Sugiro ao leitor voltar à sua Bíblia, ler de novo esse texto, procurando “visualizar” as cenas. E ao mesmo tempo, procurar tirar as lições do que essa história poderá ajudá-lo em sua caminhada de fé em comunhão com o Senhor.

Também agora, entre o tempo de Jeosafá e o fim do Antigo Testamento, há uma série de orações que o amado leitor poderá pesquisar e analisar.

Vamos agora ao fim do Antigo Testamento. Vamos a Neemias, pois que é contemporâneo de Malaquias, o último profeta do Antigo Testamento. Os dois trabalharam juntos. Sempre é bom ler Neemias e Malaquias juntos.

Neemias foi um homem que vivia em comunhão com o Senhor. O livro todo é entremeado com as orações de Neemias, enquanto ia realizando a obra. Ele é um bom exemplo de como deve ser a nossa

vida de oração. A maior parte das suas orações, registradas no seu livro, são apenas frases. Vamos analisar as últimas quatro, e que são também as últimas orações mencionadas no Antigo Testamento. Estão todas elas no capítulo 13 de Neemias.

A primeira dessas quatro é a que se encontra em Neemias 13.14. O contexto direto dessa oração começa no versículo 4 e tem como paralelo Malaquias 3.7-12. Era uma situação muito triste. Neemias, depois de ter reconstruído os muros, voltou por algum tempo à Babilônia. Enquanto isto, a situação espiritual e social em Jerusalém deteriorou rapidamente. Muita coisa errada aconteceu. Uma delas foi que “os quinhões dos levitas não se lhes davam, de maneira que os levitas e os cantores, que faziam o serviço, tinham fugido cada um para o seu campo”. (v.10) Com isto, a tesouraria do templo tornou-se um lugar desocupado, e o sacerdote Eliazibe colocou um parente seu, incrédulo, para morar ali. (vv. 4-5) Neemias e Malaquias trabalharam para pôr tudo em ordem outra vez. Neemias contende com os magistrados. Malaquias prega a mensagem recebida do Senhor, alertando o povo a não “roubar a Deus”, mas, pelo contrário, diz Malaquias: “trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós tal bênção, que dela vos advenha a maior abundância” (Malaquias 3.10). Os levitas e cantores foram trazidos de volta. Judá trouxe os dízimos para o sustento da casa do Senhor. Neemias pôs tesoureiros para administrarem “os celeiros... e se lhes encarregou de fazerem a distribuição entre seus irmãos” (Neemias 13.11-13). Depois disto, Neemias faz a seguinte oração no versículo 14: “Por isto, Deus meu, lembra-te de mim, e não risques as beneficências que eu tenho feito para a casa do meu Deus e para o serviço dela.”

A segunda das quatro orações está no versículo 22. O contexto maior é a partir do versículo 15. Havia também um problema com a guarda do sábado. Fazia-se em Jerusalém o maior comércio aos sábados. Neemias pôs as coisas em ordem também nessa área. Alguns negociantes ainda tentaram passar a noite fora dos muros da cidade, e Neemias lhes proibiu de tal maneira que, depois de “uma ou duas vezes”, não mais

vieram. No final, Neemias ora dizendo: “Nisso também, Deus meu, lembra-te de mim, e perdoa-me segundo a abundância da tua misericórdia.”

O “perdoa-me” de que ele fala não tem nada a ver com o fato de ter posto as coisas em ordem quanto à guarda do sábado. Cada oração dele tem uma nota especial. E esta traz a nota do pedido de perdão de pecados que eventualmente tenha cometido.

A terceira oração está no versículo 29. O contexto maior começa no versículo 23. Houve uma situação grave em que muitos tinham se casado com estrangeiros. Deus o tinha proibido, pelo simples fato de que isto faria com que facilmente o povo abandonasse a Deus, o que lhes seria prejudicial. E isto acontecera até entre os sacerdotes, o que era ainda mais grave. O versículo 28 menciona o fato e diz: “Também um dos filhos de Joiada, filho do sumo sacerdote Eliasibe, era genro de Sambalate, o horonita, pelo que o afugentei de mim.” Sambalate, que começa a ser mencionado no capítulo 2, v.10, opôs-se o quanto pôde ao progresso da obra de Deus através de Neemias. Era o governador de Samaria e um tremendo incrédulo.

No final de toda essa tragédia, Neemias ora, dizendo: “Lembra-te deles, Deus meu, pois contaminaram o sacerdócio, como também o pacto do sacerdócio e dos levitas.”

E no versículo 30, diz: “Assim os purifiquei de tudo que era estrangeiro, e determinei os cargos para os sacerdotes e para os levitas, cada um na sua função.”

A última oração, que também é a última do Antigo Testamento, está no versículo 31.

Este versículo, na sua primeira parte, mostra o contexto dessa oração e diz, continuando o versículo 30: “como também o que diz respeito à oferta da lenha em tempos determinados, e bem assim às primícias.” Os versículos 30 e 31 recapitulam grande parte daquilo que Neemias fez.

Quanto à lenha, em Neemias 10.34, os sacerdotes e os levitas tinham combinado como cada “casa paterna” traria a lenha “para se queimar no altar do Senhor, nosso Deus, como está escrito na lei.” A lei aqui refere-se a Levítico 6.12-13, onde há orientações quanto ao fogo sobre o altar, aceso continuamente. Para isto era necessária a lenha, que precisaria ser trazida.

Quanto às primícias, eram os primeiros frutos das colheitas anuais que o povo deveria trazer e oferecer a Deus.

E então vem a oração final de Neemias: “Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem.”

R.N. Chaplin diz que “foi com as palavras do versículo 31 que os anais da história do Antigo Testamento terminaram. Depois deles, há quatrocentos anos de silêncio entre o antigo e o Novo Testamento.”

Assim, o Antigo Testamento termina com uma oração.

## Capítulo 5

### A oração na vida de Jesus

Todos sabemos que a oração na vida de Jesus foi uma constante. Ele mantinha uma contínua comunhão com o Pai.

Vamos examinar alguns textos em que isto aparece, mas havemos de nos concentrar nas orações que aconteceram nos momentos mais importantes de seu ministério, culminando com as que aconteceram na cruz.

A primeira que desejamos apresentar é a que Lucas 3.21 menciona: “tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a orar, o céu se abriu.” Mesmo no seu batismo, Jesus esteve em contacto com o Pai. Aliás, o Pai e o Espírito se manifestaram naquela hora importante. O Pai falando e o Espírito descendo como uma pomba.

O texto de Lucas 5.16 diz: “ele se retirava para os desertos e ali orava”. A idéia, na língua original, indica que isto era uma ação contínua na vida de Jesus. Era costume ele fazer isto.

Lucas 6.12 registra: “Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar; e passou a noite toda em oração a Deus.” A idéia é que havia muita coisa a tratar com o Pai, e durante o dia não dava tempo. Podemos imaginar que horas maravilhosas Jesus vivenciou numa situação como essa!

Aquela noite fora crucial, pois na manhã seguinte “chamou seus discípulos e escolheu doze dentre eles”. O texto nos indica que àquela

altura ele já tinha um bom número de discípulos, dentre os quais ele precisaria escolher doze. Durante a noite conversara longamente com o Pai sobre o assunto. Afinal, toda a continuação da obra do Senhor Jesus, depois de sua morte, ressurreição e ascensão, ao longo dos séculos, dependeria daqueles homens. Imagino que Jesus perpassaria os seus discípulos, um a um, diante do Pai. **Eles estudariam juntos**, nome por nome, analisando quem serviria melhor aos propósitos da obra a ser realizada. Isto demandou toda uma noite. **Chegaram juntos** à conclusão dos nomes que deveriam ser convocados. E foi a esses que ele escolheu na manhã seguinte.

A próxima oração que vamos analisar é a que está narrada em Lucas 10.21: as palavras de Jesus ali são as seguintes:

“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos; sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.”

Jesus tinha enviado 70 dos seus discípulos em missão especial. No versículo 1 do capítulo 10 de Lucas, lemos: “Depois disso designou o Senhor outros setenta, e os enviou adiante de si, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.”

Depois, no versículo 17, lemos que os discípulos voltaram muito felizes porque, em nome do Senhor, até os demônios se lhes submeteram. Então Jesus lhes disse que via Satanás cair do céu como um raio. Repetiu que fora ele quem lhes havia dado essa autoridade. E continuou dizendo que, conquanto achasse que o fato de os demônios se submeterem a eles fosse um bom motivo para se alegrarem, todavia a sua maior alegria deveria ser a de terem os seus nomes inscritos nos céus. E então diz o texto que com isto Jesus “exultou no Espírito Santo”. Isto mostra que Jesus ficou extremamente feliz. Mas a sua felicidade não foi uma felicidade puramente emocional, uma alegria com o êxito do trabalho realizado pelos setenta. Não foi algo que o fez sentir-se como que realizado profissionalmente por orgulhar-se dos seus alunos (discípulos). Não!

Foi uma felicidade espiritual. Ele via como a obra que tinha vindo realizar estava progredindo. Inclusive as vitórias sobre Satanás estavam sendo ganhas. Era algo muito mais profundo. Algo de significado eterno. Uma visão gloriosa do progresso do reino dos céus. Jesus estava vivendo um dos momentos mais significativos do seu ministério. Foi tão extraordinário que Lucas não encontrou palavras humanas para expressar o significado do que Jesus estava vivenciando. O melhor que conseguiu colocar foi que Jesus “exultou no Espírito Santo”.

A seguir, Jesus imediatamente se coloca em contacto com o Pai e lhe agradece por aquilo que ele já estava realizando. Aqueles iletrados galileus estavam experimentando lições de valor eterno. Dessas lições os grandes religiosos da época nem faziam idéia, apesar da sua grande cultura. Aqueles religiosos eram “grandes” demais para aceitarem as lições que os “pequeninos” estavam aprendendo. As coisas que o Senhor Jesus estava ensinando eram verdadeira “loucura” para os grandes arrazoados teológicos dos “sábios e entendidos” dos seus dias.

Vamos agora aos momentos do nosso amado Senhor Jesus na cruz. Cada uma das “sete palavras da cruz” (como são conhecidas as expressões que Jesus proferiu enquanto estava ali) tem um significado universal e eterno. Três delas são orações.

1 A primeira delas é também a primeira das seis horas da cruz.

Encontra-se registrada em Lucas 23.34. ✱

Jesus fora crucificado às 9 horas da manhã. Tinha iniciado o processo da cruz na noite anterior, quando orava no Getsêmane. Ali, em intensa agonia, o seu suor descia em grandes gotas de sangue, apesar do frio daquela noite. Grandes agonias provocam suor, mesmo em dias frios. Já estava tomando sobre si os meus pecados, os seus e os dos homens de todos os tempos. Passara a noite sendo julgado. Na manhã seguinte continuava o julgamento. Fora esbofeteado pelos soldados romanos, dando-lhe pancadas na cabeça, em cima dos espinhos da coroa que teceram e lhe colocaram. Fora obrigado a carregar a sua cruz. Tinha

sido injustiçado, maltratado e estava exaurido de cansaço. Mas, principalmente sobre ele estava o peso do pecado do mundo inteiro. O seu sofrimento físico era nada comparado com o sofrimento moral e espiritual que estava levando. A sua real cruz não era a física, era a espiritual.

Acabara de passar pelo processo de ser pregado na cruz. Os grandes pregos atravessaram as suas mãos e os seus pés. A dor era cruel. O povo olhava, e as autoridades zombavam. Ninguém podia entender o que estava realmente acontecendo. Ninguém ali, naquele momento, estava imaginando que se travava **a maior batalha na história dos céus e da terra**. Estava se cumprindo tudo quanto, desde o Éden, tinha sido anunciado. Era necessário que o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, conforme João 1.29, morresse pelos homens. Era exatamente o que estava acontecendo, e ninguém tinha idéia disto. O pecado e o pai do pecado, Satanás, com todas as suas hostes, estavam sendo vencidos naquela batalha final. O poder das trevas estava sendo aniquilado. A redenção do mundo estava sendo processada. Por causa disto, toda a história dos céus e da terra mudaria. Extraordinário momento, conquanto extremamente difícil.

Jesus, embora sofrendo terrivelmente, tinha consciência plena do que estava acontecendo. Sabia da grandeza daquele momento. O Pai, o Espírito e o Filho estão juntos no processo. Do alto da cruz, Jesus visualiza em seu espírito o que estava se processando. E assim fez a sua primeira oração desta parte de sua missão.

Roga ao Pai o perdão para os seus algozes, “porque não sabem o que fazem”.

Vamos analisar rapidamente as implicações desta oração.

1 – “Pai, perdoa-lhes” – Conquanto seja um momento de intensa comunhão com o Pai, e por isto uma oração, é também um ato declaratório. Jesus estava declarando o perdão dos pecados daqueles homens que o estavam crucificando. Sim! Mas era mais do que isto! O

“Ihes” envolve todos os homens. Portanto, os pecados todos de todos os homens do passado, daquele presente e de todo o futuro. Ali Jesus já estava declarando o perdão para os nossos pecados de hoje. A obra redentora da cruz incluía o perdão dos pecados. O programa da cruz estava começando a ser cumprido.

2 – “Porque não sabem o que fazem” – os algozes não eram apenas aqueles que estavam ali naquele dia. Eles estavam fazendo aquilo que todos os homens de todos os tempos têm feito com Deus, desde quando Adão se separou dele. Nós, hoje e aqui, estamos incluídos. De certo modo, os homens daquele dia foram nossos representantes. Como naquele dia nenhum de nós hoje, antes de conhecer a Jesus, tem a mínima idéia do significado da cruz. Só depois de conhecermos a Jesus é que passamos a entender o profundo significado da cruz.

3 – Mas o perdão já está assegurado, mesmo antes que o homem seja salvo. Apenas o homem ainda não se apropriou desse perdão. Tão logo ele se arrependa, ou seja, dê uma meia volta em sua vida, se volte a Deus e receba a Jesus como o seu Salvador pessoal, o perdão é aplicado a ele.

2) A segunda oração está registrada em Mateus 27.46 e Marcos 15.34. lx

Esta oração acontece nos últimos momentos da cruz. Já tinham se passado seis horas desde o momento da crucificação. Eram cerca de três horas da tarde. Vão se suceder rapidamente os últimos acontecimentos ali. Desde o meio dia, a própria natureza se revoltara, pois houve trevas sobre toda a terra.

Jesus, em alta voz, brada: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Até na cruz Jesus usa citações de textos bíblicos. Esta é do Salmo 22.1.

O que significa esta expressão? Vejamos.

1 – Aqui Jesus não usa a sua expressão costumeira de chamar a Deus de Pai. Aqui o chama de “Deus meu”. Haveria alguma razão para isto? Certamente que sim.

2 – Jesus veio para “morrer” pelos homens. Morte é sempre separação. Já vimos anteriormente que, quando Adão pecou, ele morreu. Não foi morte física. Foi morte espiritual, ou seja, separação de Deus. Foi por isso mesmo expulso do Éden, para simbolizar essa separação. A “morte” de Jesus não foi morte física, conquanto esta também tivesse acontecido simultaneamente. Muitos entendem que a morte de Jesus foi a sua morte física. Esta não significaria a sua separação de Deus. Naquele momento, pois, Jesus declarou sua **separação de Deus**, usando uma expressão bíblica. Por isto é que, nesta circunstância, ele o chama de “Deus meu”. Aquele foi o momento em que se consumou a sua morte pelo pecado do homem.

3 – Dentro de toda a eternidade, naquele momento, a Trindade se separou. O Filho, fazendo-se pecado em nosso lugar, separou-se do Pai e do Espírito. Por isso, o Filho “morreu” em nosso lugar. Tomou sobre si a nossa separação de Deus.

E tudo motivado pelo insondável amor de Deus por nós, que somos miseráveis e indignos pecadores.

4 – Isto deve fazer-nos cair de joelhos diante do amável Senhor Jesus, diante do Pai e diante do seu Espírito, em gratidão e louvor por esse tão grande amor por nós! Deve levar-nos a servi-lo com todas as veias de nossa alma!

A última oração do Senhor Jesus na cruz está registrada em Lucas 23.46.

É a seguinte: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

Depois de ter feito a oração que acabamos de analisar acima, Jesus, numa demonstração de que o seu sofrimento físico era real, exclamou:

“Tenho sede”. A crucificação trazia sempre uma terrível sede aos crucificados. Era necessário demonstrar essa realidade física; pois, nos séculos futuros, Satanás iria torcer o significado de sua morte. E isto realmente tem acontecido ao longo da história.

Logo depois desse fato Jesus exclamou: “Está consumado.” A palavra “consumado” significa que agora está tudo completo. A obra de “morrer pelos homens” estava cumprida. Esta parte dos propósitos para os quais veio foi completada. Nada mais havia a acrescentar.

E, a seguir, a sua última palavra, entregando seu espírito ao Pai.

Agora a Trindade se reúne novamente. A vitória final na batalha redentora estava ganha. O inimigo, Satanás, e todas as suas hostes foram derrotados. O véu do templo em Jerusalém se rasga indicando que o acesso a Deus está aberto a todos os homens.

\*\*\*\*\*

Jesus é o extraordinário exemplo do que significa comunhão com o Pai. A mesma comunhão está à nossa disposição. O Espírito de Deus está pronto a nos ajudar para que tenhamos essa linda comunhão. E assim encheremos a nossa vida da glória que Jesus sempre almejou que tivéssemos!

## Capítulo 6

---

### A oração na igreja primitiva

A oração foi uma das grandes forças impulsionadoras da igreja primitiva. Começou esse período com o que chamaríamos hoje de: retiro de oração.

Quarenta dias depois da sua ressurreição, Jesus reuniu os seus discípulos no Monte das Oliveiras. Ali, deu a eles as palavras finais. Reforçou a promessa da vinda do Espírito do Senhor e lhes deu a estratégia da salvação do mundo. Na presença deles, ascendeu aos céus.

Tão logo Jesus fora ocultado por uma nuvem, dois anjos apareceram junto deles e lhes disseram que Jesus voltaria um dia da mesma maneira como o tinham visto partir.

Após esta cena, os discípulos voltaram para Jerusalém e subiram ao cenáculo. Temos então a primeira referência à oração em Atos. É em Atos 1.14 onde diz que “todos perseveravam unanimemente em oração”. Foi o início do retiro, que durou, no mínimo, dez dias. Durante esse período tiveram oportunidade de analisar o significado de todos os últimos acontecimentos. Foi também um período de lembrar os ensinamentos do amado Mestre, durante os anos em que estiveram juntos. Tudo isto os levou a crescer e a amadurecer no amor e no conhecimento do Senhor Jesus. Nascia, pois, a igreja primitiva de dentro de um tempo de oração.

A segunda referência à oração em Atos é ainda no capítulo primeiro, nos versículos 24 e 25. É o incidente da escolha do substituto de Judas. Depois de se estabelecerem os requisitos que o candidato deveria preencher, e de terem sido encontrados dois que satisfaziam àqueles requisitos, a primeira coisa que a igreja nascente fez foi buscar ao Senhor. O texto diz: “E orando, disseram: “Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido para tomar o lugar neste ministério, do qual Judas se desviou para ir ao seu próprio lugar.” Era a igreja e o Senhor tomando juntos aquela decisão. Diríamos que era a primeira reunião de negócios da nova igreja.

As referências à oração no livro de Atos e nas Epístolas são em grande número. Mas, como fizemos nos capítulos anteriores, também neste, vamos nos deter nos mais importantes momentos de oração da vida da igreja primitiva.

A próxima referência que vamos analisar está em Atos 2.42, onde lemos: “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”.

O texto está dizendo que perseveravam na doutrina dos apóstolos; perseveravam na comunhão uns com os outros; perseveravam no partir do pão e perseveravam nas orações.

O contexto é o do capítulo 2 todo. Nos primeiros versículos temos as atividades do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Permitiu que os apóstolos falassem todas aquelas línguas referidas nos versículos 9 e 10 e primeira parte do 11. No versículo 8, o povo estava admirado que os estava ouvindo “falar cada um na própria língua em que nasceram”. Conquanto fossem judeus, moravam, entretanto, em outros países onde foram espalhados por ocasião do cativeiro babilônico. Sendo judeus, falavam o aramaico e o judaico, a língua de seus antepassados. Mas, nas terras onde viviam, aprenderam as línguas dos lugares onde nasceram.

Como judeus, estavam em Jerusalém para a festa do Pentecostes. No Antigo Testamento, conforme Êxodo 23.17, o Senhor ordenara

que os homens comparecessem em massa diante do Senhor, três vezes ao ano: por ocasião da Páscoa, do Pentecostes e da Festa dos Tabernáculos. Nessa ocasião, estavam em Jerusalém não só os judeus da própria terra, mas os de outras terras também, festejando o Pentecostes.

Logo a seguir, Pedro prega o seu maravilhoso sermão, e “quase três mil almas” foram levadas aos pés de Jesus e batizadas naquele dia.

É possível que muitos de outras terras tivessem voltado para casa. O texto não fala destes. Mas diz, dos que continuaram em Jerusalém, que perseveravam em tudo e também nas orações.

Maravilhosos deveriam ter sido aqueles dias da igreja nascente. O versículo 46 retrata essa realidade, pois diz que perseveravam “unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração.” Aquele povo convertido, agora feliz com a certeza de sua salvação, servia ao Senhor com “singeleza de coração”. E a oração fazia parte de sua vida do dia-a-dia. Tudo faz entender que as reuniões de oração eram diárias. Não apenas uma vez por semana. As indicações são de que a frequência era em massa, pois nos versículos 43 e 44 encontramos as expressões “cada alma” e “todos os que criam”, referindo-se a tudo o que estava acontecendo.

E o versículo 47 conclui dizendo que “cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos.” É verdade que todos os aspectos mencionados entre os versículos 42 e 47 contribuíram para que o Senhor pudesse ir salvando pessoas; mas sem dúvida o grande segredo foi a vida de oração daquele povo.

A referência seguinte que vamos estudar é a de Atos 4.31, que diz: “E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus.”

O contexto é todo o capítulo 4. No capítulo 3, Pedro e João tinham curado o coxo à porta do templo. O povo, que conhecia o coxo, vendo-

o curado, se aproximou de Pedro e João. Pedro aproveitou a oportunidade para pregar ao povo.

Enquanto isto, sacerdotes, capitães do templo e saduceus chegaram e ficaram muito aborrecidos porque os apóstolos estavam pregando e anunciando em Jesus a ressurreição dentre os mortos. Isto porque especialmente os saduceus não aceitavam a doutrina da ressurreição dos mortos.

Os dois apóstolos foram presos e passaram a noite na prisão. No dia seguinte, o Sinédrio se reuniu. Eram “as autoridades, os anciãos e os escribas”. Mandaram trazer os dois da prisão e lhes perguntaram “com que poder ou em nome de quem” eles tinham feito a cura do coxo. Pedro deu-lhes o testemunho de que fora em nome de Jesus. Com a coragem dada pelo Espírito Santo, ele lhes disse que Jesus era aquele a quem tinham crucificado e a quem Deus ressuscitara dentre os mortos.

Os membros do Sinédrio tinham um grande problema nas mãos. Ali, de um lado, estavam homens “iletrados e indoutos”, mas que, conforme se podia ver claramente, tinham “estado com Jesus”. De outro, aqueles homens falavam de uma forma que demonstrava coragem e “intrepidez”. De outro ainda, estava diante deles o homem curado, e eles não podiam negar que tinha havido um milagre (versículos 13 e 14). O que fazer?

Decidiram mandar que saíssem um pouco e estudariam o caso. Foi o que fizeram. Na verdade tinham tudo contra eles. Evidentemente sentiram-se fracos para tomar uma decisão séria e honesta, o que não é difícil de entender. Saíram então pelo pior dos caminhos, o caminho de todos os ditadores: proibir o movimento. No caso, a decisão foi a de proibir que falassem no nome de Jesus (versículos 15-17).

Chamaram-nos e lhes anunciaram a decisão. Pedro então afirmou que eles tinham o mandato divino de falar nesse nome. E lhes perguntou se era lícito ouvir antes a eles que a Deus. E concluiu: “pois nós não

podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido” (versículos 18-20).

Foram ameaçados e soltos. Era para terem sido açoitados, mas não o foram por duas razões: a primeira foi que não acharam “motivo para os castigar”; e a segunda foi o medo que tinham do povo, pois todos estavam entusiasmados com o notório milagre. Não há dúvida de que o Sinédrio sabia que tinha cometido um erro.

Soltos, Pedro e João foram imediatamente “para os seus, e contaram tudo o que lhes haviam dito os principais sacerdotes e os anciãos” (versículo 23).

A reação daqueles servos do Senhor não foi a de procurarem as autoridades judiciais do governo romano da sua época. Foram antes ao supremo juiz dos céus e da terra. Eles “levantaram unânimes a voz a Deus” E a partir da segunda metade do versículo 24 até o versículo 30, temos a linda oração que aquele povo fez. Vamos analisá-la:

- 1 – As pessoas reconheceram que estavam diante da maior autoridade nos céus e na terra.
- 2 – Citaram literalmente textos do Salmo 2.
- 3 – Lembraram que as autoridades se levantaram “contra o santo Servo Jesus”.
- 4 – Não pediram que Deus os livrasse dos perigos.
- 5 – Não pediram que Deus castigasse aquelas autoridades.
- 6 – Antes pediram que Deus concedesse aos seus servos: “que falem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome de teu santo Servo Jesus” (versículos 29-30).

E logo depois que oraram, Deus mostrou que apreciou e aprovou o pedido do seu povo. Ele fez duas coisas, conforme o versículo 30:

- 1 – “Tremeu o lugar em que estavam reunidos”;
- 2 – “todos foram cheios do Espírito Santo.”

Deus lhes deu a unção do seu Espírito, e o resultado foi que “anunciavam com intrepidez a palavra de Deus” (versículo 30b). Eles pediram intrepidez e a receberam.

Era necessário que Deus desse aquele reforço ao seu povo naquele momento. Nunca mais isto aconteceu. Uma das maravilhas de Deus é que ele nunca fez qualquer coisa, duas vezes da mesma maneira. A sua capacidade de fazer as coisas é infinita. Sugerimos ao leitor fazer esse exercício e verificar se em algum caso Deus fez a mesma coisa da mesma maneira em duas oportunidades.

Linda experiência da parte dos seus servos e da parte do Senhor. Ao longo da História e ainda hoje, quando o povo do Senhor ora dentro dos mesmos princípios, o Senhor faz “tremar”, não mais o lugar, mas as circunstâncias dentro das quais o povo de Deus atua. É o povo e Deus **atuando juntos**.

A próxima oração que vamos analisar é uma oração que resultou na conversão de um homem. Esse homem foi Paulo, a essa altura ainda chamado de Saulo.

Estava quase entrando na cidade de Damasco, quando “subitamente o cercou um resplendor de luz do céu; e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia”(9.3-4). Segue-se o diálogo entre Jesus e Saulo, narrado nos versículos 4 a 6. Ali diz: “Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te cumpre fazer”.

Mais tarde, em Atos 22.3-10 e em 26.12-18, Paulo conta essa sua experiência onde acrescenta mais alguns detalhes dos quais vamos analisar apenas uns poucos.

O contexto da atuação de Saulo até então começa no capítulo 7, v.58, onde se diz, por ocasião do apedrejamento de Estevão: “E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um mancebo chamado

Saulo.” E logo no versículo 60 temos: “E Saulo consentia na sua morte”, isto é, a morte de Estevão.

Logo mais adiante, no início do capítulo 8, é narrada a perseguição movida contra a igreja em Jerusalém. E diz, no versículo 3: “Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas, e, arrastando homens e mulheres, os entregava à prisão.”

Depois, passando no início do capítulo 9, Saulo entra em cena outra vez. Diz: “Saulo, porém, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, caso encontrasse alguns do caminho, quer homens, quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém.”

Os “do caminho” eram os servos do Senhor. A obra de Jesus naquela altura era conhecida como “caminho”. Isto porque Jesus tinha dito em João 14.6 que era “o caminho, e a verdade e a vida”.

E então o texto passa a narrar o diálogo entre Jesus e Saulo.

Esse diálogo cai na categoria que vimos no início do capítulo 4, no item onde Deus se dirige ao homem, e o homem responde a esse encontro com Deus. No caso, é Jesus tomando a iniciativa.

Esse encontro foi nitidamente um encontro pessoal. Assim deve ser toda oração, como veremos mais adiante.

Jesus se dirige a Saulo, que estava perseguindo a igreja, e lhe diz que, na verdade, Saulo estava perseguindo a ele, Jesus. Toda perseguição aos servos do Senhor, quando por causa de Jesus, é contra Jesus. Quando Saulo perguntou quem estava falando com ele, chamou-o de Senhor. A essa altura, ainda não sabia que era Jesus; portanto, não o chamou de Senhor no sentido de ser o seu Senhor, mas por cortesia, apenas para identificá-lo. No caso, Jesus imediatamente se identifica repetindo que Saulo o estava perseguindo.

\* Um dos detalhes importantes, que aparece em 22.10 e que algumas traduções da Bíblia incluem aqui, é a palavra de Saulo, perguntando: “Senhor, que queres que eu faça?” E então Jesus lhe diz o que é que ele deve fazer. Devia se levantar, entrar em Damasco e ali lhe seria dito o que fazer.

Por outro lado, essa pergunta, conquanto feita para aquela circunstância, na verdade encerrava um princípio geral. Saulo estava fazendo uma coisa. Ele estava perseguindo “a Jesus”, enquanto perseguia a sua igreja. Agora, certamente a sua missão seria outra; qual seria?

\* A resposta Paulo apresenta na narrativa de sua conversão, no capítulo 26, vv.16-18. Ali Jesus lhe dá a sua nova missão. E esta era: “para te fazer ministro e testemunha tanto das coisas em que me tens visto como daquelas em que te hei de aparecer; livrando-te deste povo e dos gentios, aos quais te envio, para lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus, para que recebam remissão dos pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim.”

O encontro de Jesus com Saulo foi também uma experiência única, não repetida. Deus sempre faz as coisas certas, na hora certa e da maneira certa. No caso de Saulo, era necessário proceder assim, para que fosse efetivo. E foi. De outra forma, certamente Saulo nunca teria se convertido. Essa era a forma e a hora certas para ele se converter. E Deus as usou. Deus tem, pelo seu Espírito, a hora e a maneira certa de trabalhar com alguém. E ele o sabe. Muitas vezes Deus tem de trabalhar muito para levar alguém ao lugar, à hora e à maneira de a pessoa se converter.

Esse encontro de Jesus com Paulo foi um marco em sua vida. Não somente para a sua conversão e missão, mas para toda a sua vida, algo glorioso. Lindo momento de comunhão! Essa comunhão Paulo passou a usufruir durante todo o resto de sua vida.

\* A próxima oração que vamos analisar é a da conversão de um prosélito, que era um gentio convertido ao judaísmo. Trata-se de Cornélio. E a sua história está escrita em Atos, capítulo 10.

No versículo 2, fala de sua vida de oração. Diz que era um homem “piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, que fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus.” \*

Cornélio era oficial do exército romano sediado em Cesaréia. Comandava uma centúria, ou seja, um grupo de 100 soldados. Por isso, é chamado de centurião. Essa centúria fazia parte de uma “coorte”, composta de seiscentos soldados. Há informações de uma coorte italiana baseada na Síria, em 69 a.C., mas não se sabe se havia uma baseada na Palestina ao tempo deste incidente. E uma coorte era um décimo de uma legião romana. Portanto a legião era composta de seis mil homens.

Cesaréia, àquela altura, era o quartel-general do Procurador romano da Judéia, Samaria e Iduméia (que ficava ao sul da Judéia). Foi fundada por Herodes, o grande, em 12 a.C., no lugar de uma pequena vila grega com o nome de Torre de Estrabo. Deu-lhe o nome de Cesaréia em honra a César Augusto, um dos grandes imperadores romanos.

O texto do capítulo 10 de Atos continua no versículo 3, narrando a sua visão de um anjo “cerca da hora nona”. Do que já vimos anteriormente, essa hora, três horas da tarde, era hora de oração para os judeus. Como Cornélio era convertido ao judaísmo, é quase certo que ele estivesse orando quando o anjo lhe apareceu.

O anjo deu a Cornélio as instruções a respeito de mandar buscar Pedro na cidade de Jope. Logo que o anjo se retirou, Cornélio mandou chamar três dos seus soldados, um dos quais, segundo o texto diz, era piedoso e os enviou a Jope. Quando estavam quase chegando, o Espírito do Senhor trabalhou na vida de Pedro, preparando-o para ir com os soldados. Como bom judeu, ele não iria entrar na casa de um gentio. Mas, com a preparação feita pelo Senhor, ele foi. Para se garantir contra futuros ataques de seus “irmãos”, ele levou mais algumas testemunhas consigo. Foi sábio, pois o que imaginara aconteceu realmente mais tarde. E os irmãos que foram com ele e que assistiram a tudo em Cesaréia foram boas testemunhas de defesa de Pedro.

Quando Pedro chegou a Cesaréia, Cornélio se ajoelhou e o adorou. Pedro o impediu, dizendo que era homem igual a ele. Cornélio já tinha reunido parentes e amigos mais íntimos. Pedro lhe explicou os seus problemas culturais e como o Senhor lhe tinha enviado. Pregou a todos ali. Enquanto Pedro ainda pregava, diz o verso 44, “desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.” E, no versículo 45, “os crentes que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo”. Era o Senhor confirmando e autenticando o que estava acontecendo.

Muitos ali se converteram e foram batizados.

Era o primeiro caso de um romano prosélito a se converter. Deus mais uma vez realizou um acontecimento único que, nas mesmas circunstâncias, nunca mais se repetiu. Conquanto tivesse os mesmos princípios que o de Jerusalém no Pentecostes, não era igual.

Além de desejar salvar Cornélio, seus parentes e amigos, Deus quis ajudar a Pedro e aos cristãos judeus que foram com ele, e mais tarde também os “irmãos” de Jerusalém, a entenderem que, pelo mesmo evangelho que os salvou, ele desejava salvar também aos gentios. E o texto do versículo 45 mostra que eles ficaram maravilhados e felizes. O Senhor conseguiu alcançar o propósito daquele encontro. Se o Espírito do Senhor não tivesse descido sobre todos ali, o resultado da história teria sido muitíssimo diferente. Deus sempre faz tudo certo.

Tudo isto foi conseguido porque havia um homem chamado Cornélio que “de contínuo orava a Deus”.

A última referência à oração na igreja Primitiva, que desejamos estudar, aconteceu no mundo gentílico. Foi na cidade de Antioquia da Síria.

Lembramos que os crentes foram dispersos por causa da perseguição em Jerusalém, já mencionada anteriormente, em conexão com a morte de Estevão e com Saulo.

No capítulo 11, v.19 o texto diz que muitos deles “passaram até à Fenícia, Chipre e Antioquia”. Mas acontece uma nota triste: “Não anunciando a ninguém a palavra senão somente aos judeus”. Continuam, entretanto, os versículos 20 e 21 com uma nota positiva. “Havia, porém, entre eles alguns círios e cirenenses, os quais, entrando em Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles, e grande número creu e se converteu ao Senhor.” Os círios eram originários da Ilha de Chipre. É uma grande ilha situada no Mar Mediterrâneo, no recôncavo a oeste do que hoje é Síria e sul da Turquia. E os cirenenses, originários de Cirene, no norte da África, onde hoje é Líbia. A título de curiosidade lembramos que Simão cireneu (Lucas 23.26), que ajudou a carregar a cruz de Jesus, também era de lá.

Por causa da atuação daqueles crentes círios e cirenenses, havia se estabelecido a primeira igreja completamente gentílica.

A igreja de Jerusalém, tendo ouvido dessa nova igreja, enviou Barnabé até lá. Chegando ali e vendo a grande obra a ser realizada, assim como a grande potencialidade daquela igreja, foi imediatamente buscar Saulo em Tarso. Tarso ficava um pouco ao norte da Síria, na região da Cilícia.

A história daquela igreja é interrompida no capítulo 12 e retomada no capítulo 13. Ali menciona os “profetas e mestres” no versículo 1. Nos versículos 2 e 3 lemos: “Enquanto eles ministravam perante o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, depois que jejuaram, oraram e lhes impuseram as mãos, os despediram.” \*

A igreja “ministrava” e “jejuava.” A forma como está escrita indica que essa prática estava sendo uma contínua.

A palavra “ministravam”, na língua original do Novo Testamento, pode também ser traduzida como: “adoravam” ou “cultuavam”. De qualquer maneira a igreja estava envolvida numa profunda atividade espiritual.

Além disto, “jejuavam”. O jejum está relacionado a um problema ou uma preocupação profunda. No caso, cabe a pergunta: qual seria a preocupação que a igreja estava vivendo?

Mesmo que o contexto não o diga explicitamente, as indicações claras são as de que a grande preocupação era a salvação dos gentios. Saulo e Barnabé ministravam a eles. Saulo tinha claramente diante de si as palavras do Senhor quando lhe disse por ocasião de sua conversão: “livrando-te deste povo e dos gentios, aos quais te envio” (Atos 26.17).

Aquela igreja gentílica, envolvida numa profunda comunhão com o Senhor em culto, adoração e jejum, visualizava a sua grande missão de conquistar o vasto mundo gentílico de sua época. Esta era a atmosfera respirada na igreja. O povo estava feliz com a sua salvação. E essa mesma salvação deveria ser levada a todo o mundo.

Dentro desta preocupação o Espírito de Deus pôde agir livremente. O ambiente era absolutamente propício. E então ordenou à igreja: “separe a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.”

E então o versículo 3 narra o que aconteceu como consequência. A igreja continuou na profunda atmosfera de culto, adoração e jejum, apoiando com as suas orações aqueles que iriam como seus representantes e com o seu mandato aos outros povos. A sua preocupação estava sendo atendida. Era um verdadeiro espírito missionário. Tudo brotando de dentro de um profundo espírito de culto, adoração, oração e jejum.

Muitas outras orações há, mencionadas no Novo Testamento. Mas ficamos com estas. Já demonstram o quanto a oração foi fundamental em todas as atividades da igreja primitiva para a expansão do cristianismo. Todo o crescimento foi solidamente alicerçado sobre a oração. Por isto foi que o povo e a igreja do Senhor experimentaram um tempo de grande glória. A mesma glória está à disposição do povo e das igrejas do Senhor nos dias de hoje, pois os princípios permanecem os mesmos!

## Capítulo 7

# O valor da oração

Indiscutivelmente o valor da oração é infinito. Isto porque se trata de relacionamento em grau infinito com o ser infinito, que é Deus.

Dentro da infinidade do tema, vamos destacar apenas alguns aspectos.

### 1 – Meio de obter paz

Ao escrever estas linhas, procuramos um texto que associe oração e paz. O texto que vamos examinar é o do Salmo 122. 6, que diz: “Orai pela paz de Jerusalém;”

Essas palavras foram significativas no passado e o são ainda hoje. Quem visita Israel, atualmente, vai encontrar essas palavras escritas na porta de Jaffa (Jope), uma das portas de entrada da cidade velha de Jerusalém, que é a cidade bíblica.

Jerusalém foi, e ainda é, o local de grandes batalhas. Não só batalhas militares, mas, sobretudo, batalhas espirituais. A grande luta que se trava hoje, entre israelenses e árabes, tem o seu centro em Jerusalém. A grande mesquita árabe, chamada Mesquita de Omar, foi construída exatamente no monte Moriá, onde Abraão foi para sacrificar Isaque, e onde, mais tarde, Salomão construiu o templo.

O Salmo que estamos examinando começa com uma expressão de regozijo, em que o peregrino manifesta a sua felicidade em poder ir à casa do Senhor, que estava em Jerusalém. E no versículo 6 ele expressa o seu anseio de que se orasse sempre pela paz da cidade.

É a oração como meio de obter paz.

Mas essa busca de orar pela paz leva consigo aspectos mais profundos.

Jesus disse em João 14.27: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá”. A paz que o mundo dá é uma paz negociada; de fora para dentro. A paz que o Senhor Jesus prometeu é uma paz de dentro para fora.

O primeiro aspecto dessa promessa do Senhor Jesus é aquela que tem a ver com a felicidade eterna do homem. Quando o Espírito de Deus “convence o homem de seu pecado” (João 16.8) e o homem faz a sua primeira oração de aceitação de Jesus como o seu Salvador e de entrega da sua vida a ele, o homem obtém a paz. A sua salvação acontece. E resulta numa grande paz interior. É a oração como meio de obter a paz eterna.

O segundo aspecto é aquele em que, diante de situações de ansiedades de qualquer ordem, a oração é o meio de obter a paz em qualquer altura da vida.

Paulo diz em Filipenses 4.6-7: “Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica, com ações de graças; e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações em Cristo Jesus.”

Quando as nossas ansiedades são levadas a Deus, “em oração e súplica”, ele nos dá a paz “que excede todo o entendimento”. É interessante que Paulo acrescenta imediatamente: “com ações de graças”. A nossa “oração e súplica” deve ser imediatamente seguida de “ações

de graças”. Isto é demonstração de fé, com a qual Deus se alegra imensamente.

Este princípio também tem ligações com outros princípios que serão estudados em outros capítulos.

Em janeiro de 1996, eu estava internado num hospital, onde fizera um exame do coração, pois anteriormente tinha tido um infarto. Quando o médico veio me trazer o resultado do exame, ele me disse que necessitaria de uma grande operação no coração colocar três pontes de safena. E essa operação era urgente. É claro que com essa notícia eu não saltei de alegria. Quando a ansiedade quis tomar conta de mim, eu recorri ao Senhor em oração e experimentei essa “paz que excede todo o entendimento”.

Portanto, “orai pela paz” de “Jerusalém”, da salvação, diante de ansiedades, ou quaisquer outras situações da vida.

## 2 – Meio de alcançar poder

A palavra **poder**, na linguagem original do Novo Testamento, traz consigo a idéia de “ser capaz” e envolve aspectos de “poder moral” e de “excelência de alma”.

E a pergunta é: o que significa “poder” na vida? Usando a idéia de “ser capaz” unida à de “excelência da alma”, temos ao “poder moral”. Tudo isto reunido dá-nos a idéia de uma vida “capaz” de uma conduta moral e espiritual correta e justa, e de uma vida “capaz” da realização dos propósitos do Senhor na sua obra. E, como consequência, essa vida é cheia de glória. Para esse tipo de vida é necessário poder! Essa glória, como já vimos anteriormente, nos advém pela comunhão com o Deus Todo-Poderoso, a nossa fonte de poder, através do Espírito Santo.

A promessa de Jesus em Atos 1.8: “recebereis poder ao descer, sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas...”

O Espírito Santo em nós é o agente divino do poder de Deus nas nossas vidas, capacitando-nos tanto a uma vida justa quanto a uma vida de realização da obra de “testemunhas” de Jesus.

Os apóstolos e a igreja primitiva, como vimos no capítulo anterior, viveram em constante e profunda comunhão com o Senhor. As vidas desses servos do Senhor foram cheias de “poder” para enfrentar com intrepidez e coragem todas as adversidades daqueles dias.

A comunhão, da qual a oração faz parte, é a forma de nos manter “conectados” com o Senhor. Nos nossos dias, quando começamos a utilização da Internet, usamos a expressão: “conectar-se” a um servidor. Esse servidor nos coloca em “contato” com o “mundo da Internet”. A idéia é perfeita para os aspectos espirituais. “Conectar-se” com o Senhor significa entrar em contato com Deus infinito; portanto, contatar o próprio infinito. E, de volta, pelo Espírito do Senhor, flui o “poder” de Deus para dentro de nossas vidas.

É por isso que a oração é o meio de se alcançar poder!

### 3 – Meio de alcançar plenitude espiritual.

Plenitude é a situação de estar pleno de algo, ou seja, completamente cheio desse algo.

Quando falamos de “plenitude espiritual”, estamos querendo dizer que experimentamos Deus por completo. Isto porque a atividade espiritual está intimamente ligada ao nosso relacionamento pessoal com Deus. Qualquer atividade religiosa que não inclua esse verdadeiro relacionamento está simplesmente na esfera social de religiosidade.

Paulo menciona a plenitude espiritual em Efésios 3.19. Ele diz: “para que sejais cheios até a inteira plenitude de Deus”.

Esse texto faz parte do contexto, que começa no versículo 14, em que Paulo menciona o fato de dobrar os seus “joelhos diante do Pai, do

qual toda a família nos céus e na terra toma o nome.” E passa a mencionar os elementos que coloca diante do Pai, em favor dos efésios.

1 – “para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais robustecidos com poder, pelo seu Espírito no homem interior.” Isto se aplica tanto aqui quanto no item anterior quando analisamos o poder (v.16);

2 – “que Cristo habite pela fé nos vossos corações” (v.17a);

3 – “a fim de que, estando arraigados e fundados em amor,” (v.17b);

4 – “possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade,” (v.18). Aqui Paulo já está se referindo às dimensões da plenitude de Deus, a qual ele vai mencionar mais adiante;

5 – “e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento,” (v.19a);

6 – “para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus” (v.19b). Aqui Paulo completa a idéia de tudo o que vinha apresentando nos elementos anteriores.

Na verdade, a plenitude de Deus, que é plenitude espiritual, envolve poder, fé e amor. Em todas estas coisas, participam o Espírito (v16), Cristo (v.17) e o Pai (v 19).

Tudo isto se conquista pela oração e comunhão com Deus.

### 4 – Modo de vencer Satanás.

As nossas maiores batalhas na vida são as batalhas na área espiritual. Os maiores sofrimentos são sempre em razão do pecado. Quando os pais sofrem por causa dos filhos, esses sofrimentos são sempre em razão de vida pecaminosa dos filhos. Quando os filhos sofrem por causa dos pais, esses sofrimentos são sempre por causa de pecados dos pais. E assim por diante.

Paulo diz exatamente isto quando, em Efésios 6.12, afirma que “não é contra a carne e o sangue que temos de lutar; mas, sim, contra

os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo das trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes.”

As tentações comuns bem como as tentações mais profundas, verdadeiras obcecações, estão nessa área. Também a chamada habitação dos espíritos maus ou a condição endemoninhado. As batalhas que se travam nessa área são comumente chamadas de batalhas espirituais ou guerra espiritual.

Para a vitória nestas batalhas, Paulo passa a recomendar, a partir do versículo 13, a utilização de “toda a armadura de Deus”. E com isto “possais resistir no dia mau”. Isto significa vencer Satanás.

Quanto à armadura de Deus, Paulo vai usar a idéia das peças que constituíam a armadura completa de um soldado romano daquele tempo. E estas eram:

1 – Lombos cingidos – para dar firmeza ao corpo, os soldados usavam uma faixa ao redor da cintura. Para isto, Paulo recomenda a verdade (v.14a);

2 – Couraça – era uma peça de couro muito forte e, mais tarde, de metal, para proteger especialmente o peito (o coração) contra a penetração de flechas ou lanças. Para isto, Paulo recomenda a justiça (v.14b). Trata-se aqui de uma vida correta, dentro dos padrões divinos de conduta;

3 – Calçados nos pés – para proteger os pés de pedras ou espinhos. Para isto, Paulo recomenda o evangelho da paz (v.15);

4 – Escudo – era uma peça manuseada com o braço esquerdo para defender-se de qualquer golpe do inimigo. Para isto, Paulo recomenda a fé, “com a qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno” (v.16);

5 – Capacete – peça para defender a cabeça. Paulo recomenda “capacete da salvação”, o que significa a defesa contra os ataques do inimigo à nossa mente, em especial na área da certeza de nossa salvação (v.17a);

6 – Espada – arma de ataque ao inimigo. Paulo recomenda a “espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (v.17b).

Depois de tudo isto, Paulo diz no versículo 18: “com toda a oração e súplica, orando em todo o tempo no Espírito e, para o mesmo fim, vigiando com toda a perseverança e súplica.”

Esse texto é muito claro no sentido de mostrar que é pela oração que vencemos Satanás.

\*\*\*\*\*

Vemos em tudo isto o valor da oração para as diversas fases de nossa vida: obtenção da paz, de poder, da plenitude espiritual e da vitória sobre Satanás.

## Capítulo 8

# A oração eficaz

Quando pensamos em oração eficaz, pensamos na oração que é válida, na oração que funciona, na oração feita de maneira correta, na oração da qual Deus se agrada. Na verdade pensamos na maneira como orar.

Um dia, um dos discípulos de Jesus lhe pediu: “Senhor, ensina-nos a orar.” (Lucas 11.1).

O que vamos estudar neste capítulo são princípios que temos na Bíblia, especialmente no Novo Testamento, que nos ajudem a orar de maneira apropriada.

Já vimos anteriormente que o âmbito da oração é infinito como é infinito o próprio Deus. Isto significa que nunca aprenderemos a orar de maneira completa. Em outras palavras, haverá sempre algo em que possamos crescer, no que concerne à oração. Entretanto, vamos estudar os princípios fundamentais e mais gerais.

A esta altura, quando pensamos na oração eficaz, vem a pergunta: será que uma oração que não atende às normas bíblicas deixa de ser eficaz? Será que Deus só responde orações que atendam às técnicas bíblicas de oração? A resposta é não.

Isto porque, como já vimos anteriormente, Jesus disse que “o vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes” (Mateus 6.8).

Já vimos também que a oração é, sobretudo, um tempo de linda comunhão com o **nosso Deus**.

Assim, o nosso Pai nos atende, não por causa do uso correto das técnicas, mas baseado no seu amor, sua graça, nossas necessidades, sua vontade e seus propósitos para com a nossa vida.

Aprendermos as técnicas é importante **para nós**. Aprendemos a nos comunicar de maneira apropriada. São técnicas de uma boa comunicação com o nosso Deus, mas também de uma boa comunicação uns com os outros. Se conseguirmos nos comunicar de maneira apropriada com o nosso Deus, isso vai nos ajudar a nos comunicarmos de maneira apropriada com o nosso próximo. Os princípios são os mesmos.

Passemos agora a analisar alguns desses princípios mais importantes.

### ✧ 1 – A oração deve ser dirigida a Deus.

Aqui temos alguns aspectos a observar:

A oração é uma experiência de contato pessoal entre dois seres: nós e Deus. Não é uma experiência impessoal.

Mas muitas vezes o nosso contato é impessoal. Estamos falando com ninguém. Em outras palavras, estamos falando sozinhos. Isto é muito comum em orações públicas. Não temos consciência de que estamos **falando com Deus**. Estamos realizando um ato religioso, tão somente ao nível do social e do intelectual.

É importante que nos conscientizemos de que estamos falando com Deus.

### ✧ 2 – A oração deve ser dirigida ao Pai.

Jesus ensinou isto na oração dominical, a oração-modelo, em Mateus 6.9. Ele disse que assim se iniciaria a oração: “Pai nosso”!

Na Trindade cada uma das pessoas tem uma função. O Pai é o líder. O Filho é o Salvador e Senhor. O Espírito é o consolador e o ensinador.

Por isto, a oração deve ser dirigida ao líder.

### ✧ 3 – A oração deve ser feita em nome de Jesus

“Em nome de” significa: com a autoridade de. Por exemplo: uma organização nos encarrega de fazermos determinada coisa. Ao executarmos aquilo de que fomos encarregados, estamos indo em nome daquela organização. Ou seja, autorizados por ela. Não estamos indo por nós mesmos, com a nossa própria autoridade.

Orando em nome de Jesus, estamos indo com a autoridade dele. Há uma série de coisas que o Senhor Jesus nos autorizou a fazer. Autorizados por ele, fazemos em nome dele.

Vejam por exemplo Lucas 24.47: “que em seu nome se pregasse o arrependimento, para remissão dos pecados, a todas as nações”.

No contexto desta passagem, Jesus estava falando aos onze discípulos reunidos em Jerusalém no dia de sua ressurreição. Lembrou-lhes que a sua morte e ressurreição eram cumprimento do que as Escrituras do Velho Testamento tinham anunciado. Lembrou-lhes também a missão que eles tinham de pregar a sua mensagem ao mundo inteiro. Aqui Jesus antecipa a autoridade que ele daria explicitamente aos seus discípulos, em Atos 1.8.

Jesus encarregou os seus discípulos de pregar “o arrependimento e a remissão dos pecados a todas as nações.” Por isto, ao cumprirem esta tarefa, eles a estavam fazendo “em seu nome”.

Em Atos 4.7, os apóstolos são interrogados a respeito da autoridade que tinham para fazer o que fizeram, ou seja, de curar um coxo de nascença na porta do templo e ali pregarem. E a interrogação foi: “em

nome de quem fizestes vós isto?”. Pedro respondeu, no versículo 8, que foi “em nome de Jesus Cristo, o nazareno”. Os apóstolos o fizeram com a autoridade do Senhor Jesus.

Em João 14.13,14, Jesus disse: “Tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.”

O contexto começa no início do capítulo, porém mais precisamente no versículo 10. Ali Jesus falou a respeito das obras que o Pai fez por intermédio dele, e que por isso também seriam feitas pelos seus discípulos. Na verdade, o que Jesus estava falando era concernente à obra do Senhor, no seu todo. Para realizá-la, ele deu a autoridade de agir em seu nome. O “tudo” do versículo 12 e o “alguma coisa” do versículo 14 são concernentes à obra do Senhor. Portanto, estamos autorizados pelo Senhor Jesus a pedir, em seu nome, o necessário, na área espiritual, qualquer coisa relacionada com a sua obra.

O “tudo” desse texto não inclui os nossos interesses pessoais. Temos o direito de pedir, mas não “em nome de Jesus”. O atendimento do Senhor ao nosso pedido será baseado em outros princípios.

#### \* 4 – A oração deve ser feita de acordo com a vontade de Deus

Temos na Bíblia a vontade expressa de Deus, através de mandamentos e outras orientações. Além disso, temos a parceria com o Senhor em tudo quanto fazemos. Nas mínimas coisas, como Pai e filhos, quando “conversamos juntos” sobre todos os planos e realizações e fazemos tudo em conjunto, podemos sempre consultar o Senhor sobre o que será melhor e mais sábio fazermos. E ele vai nos ajudar. Nessas orientações, pelo seu Espírito, também vai manifestar a sua vontade.

Paulo diz, em Romanos 12.1,2: “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa

mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Aqui a vontade de Deus abrange os dois aspectos mencionados acima.

Em 1 João 5.14 lemos: “Esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve.”

Aqui, temos claramente a indicação de que a oração feita de acordo com a vontade de Deus é atendida por ele. Portanto, quando oramos, devemos primeiramente nos exercitar em conhecer a vontade do Senhor revelada na sua Palavra, ou aquela orientada pelo seu Espírito para uma situação particular qualquer.

#### \* 5 – A oração deve fluir de um coração obediente.

Obedecer é seguir à risca normas estabelecidas. Há normas no lar, na escola, no trabalho, na igreja, no país.

No Antigo Testamento, Deus insiste na obediência às suas leis. Essa insistência é repetida dezenas de vezes.

Um exemplo é o de Levítico 18. Nos versículos 4 e 5 Deus diz: “Os meus preceitos observareis, e os meus estatutos guardareis, para andardes neles. Eu sou o Senhor vosso Deus. Guardareis, pois, os meus estatutos e as minhas ordenanças, pelas quais o homem, observando-as, viverá. Eu sou o Senhor.”

E nos versículos 26 e 30 Deus volta a insistir: “Vós, pois, guardareis os meus estatutos e

os meus preceitos,” e “portanto guardareis os meus mandamentos”. Portanto, em um só capítulo, é repetido quatro vezes.

Em 1 Samuel 15.22 Samuel diz a Saul: “Eis que obedecer é melhor do que sacrificar.”

Saul tinha recebido ordens de Deus, por intermédio de Samuel, de destruir totalmente os amalequitas, tanto homens quanto animais. E ele decidiu que não precisava levar tão a sério a ordem de Deus. O versículo 9 diz que “Saul e o povo pouparam a Agague, como também o melhor das ovelhas, dos bois, e dos animais engordados, e aos cordeiros e a tudo que era bom, e não os quiseram destruir totalmente; porém a tudo que era vil e desprezível destruíram totalmente.” Depois Samuel foi se encontrar com Saul. O versículo 13 relata o encontro e diz: “Veio, pois, Samuel ter com Saul, e Saul lhe disse: Bendito sejas do Senhor; já cumpri a palavra do Senhor.”

Então Samuel apertou a Saul e lhe perguntou como explicava “o balido de ovelhas” e “o mugido de bois” que ele estava ouvindo. Saul, como um bom político, saiu-se com uma boa desculpa. Tinha guardado “o melhor das ovelhas e dos bois, para os oferecer ao Senhor seu Deus”.

Samuel passou a repreender Saul. Passou a mostrar como Deus é estrito em que se obedecem as suas ordens. E no versículo seguinte declarou que, por causa disto e de outras situações anteriores, Deus o estava castigando, rejeitando-o como rei.

É fácil verificar que a eficácia da oração está estritamente relacionada com um coração obediente.

## \* 6 – A oração deve ser acompanhada da fé.

A fé está sempre relacionada com o crer. Por isto, ela é sempre exercida em três passos:

- 1 – Deus determina. Deus diz!
- 2 – O homem aceita essa determinação. O homem crê naquilo que Deus disse!
- 3 - Finalmente, o homem pratica essa determinação. O homem realiza o que Deus lhe disse.

Por toda a Bíblia, os heróis da fé sempre seguiram esse padrão.

Vejamos, por exemplo Abraão.

- 1 – Deus determinou que ele saísse de sua terra para uma terra que ele iria lhe mostrar.
- 2 – Abraão aceitou a determinação de Deus.
- 3 – Abraão cumpriu a determinação de Deus.

No outro exemplo na vida de Abraão:

- 1 – Deus determinou que Abraão lhe oferecesse seu filho em sacrifício.
- 2 – Abraão aceitou essa determinação.
- 3 – Abraão cumpriu essa determinação.

Por isso, Abraão é chamado de pai da fé.

Em Hebreus 11.6 nós lemos que: “sem fé é impossível agradar a Deus”.

Isto significa que Deus se agrada imensamente quando nós agimos pela fé. Em nosso tempo de comunhão, o Senhor nos fala pela sua Palavra e pelo seu Espírito. Nós aceitamos e passamos a praticar o que o Senhor nos disse. O Senhor fica extremamente feliz. Portanto, a oração está intimamente relacionada com a fé.

Estes são princípios gerais de oração. Se a oração é sinceramente dirigida a Deus, feita em nome de Jesus está de acordo com a vontade de Deus, fluindo de um coração obediente e crendo em tudo isto, certamente é uma oração eficaz. É assim que devemos orar.

## Capítulo 9

# Obstáculos à oração

No último capítulo, vimos os princípios gerais de uma oração eficaz. Vimos também que, mesmo quando aqueles princípios não são seguidos, não significa que por isto Deus não atenda às nossas orações.

Entretanto, há aspectos em nossa vida que se interpõem entre nós e o nosso Deus e trazem dificuldades, ou mesmo impedem que ele possa nos atender. São verdadeiros obstáculos, visto que esses aspectos bloqueiam o caminho de nosso acesso ao Senhor.

Por isto, quando descobrimos esses obstáculos, devemos removê-los o mais depressa possível para limpar o caminho.

Analisemos alguns desses obstáculos.

### 1 – Pecado

Qualquer tipo de pecado não-perdoado constitui-se em obstáculo à oração. Vamos trabalhar neste item de forma genérica. Será uma espécie de introdução geral. Nos outros itens vamos trabalhar com pecados específicos. Esses pecados de que vamos tratar nos próximos itens são uma seleção dos principais.

Isaías 59.1,2 mostra claramente que qualquer pecado interrompe o nosso contato com o Senhor. Ali o profeta, falando em nome de Deus, diz o seguinte: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que

não possa salvar; nem surdo o seu ouvido para que não possa ouvir, mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados esconderam o seu rosto de vós, de modo que não vos ouça.”

É fácil verificar que o texto está falando do pecado como obstáculo à oração. O problema não está em Deus. Ele está sempre pronto a ouvir e a atender. O problema está no meio do caminho, na linha de comunicação entre o homem e Deus.

Vamos a três exemplos muito simples para entendermos isto.

**Exemplo 1** – Para os que têm rádio ou TV. Se há qualquer defeito na sua antena, mesmo que a emissora esteja funcionando bem, você não recebe o programa que está sendo transmitido. O problema está no caminho entre a emissora e o seu aparelho. Assim o pecado, no caso, seria o defeito da nossa antena. A emissora seríamos nós, porque a oração parte de nós. Deus seria o rádio ou a TV, porque é o receptor de nossa oração. A nossa oração não chega a Deus porque há um problema no caminho.

**Exemplo 2** – Para os que têm telefone, se há um defeito na linha, mesmo que o seu aparelho esteja em ordem, a sua mensagem não chega ao outro lado por causa do defeito. Assim, também aqui, o seu aparelho é a sua oração. A sua mensagem não chega a Deus por causa do obstáculo do pecado na sua linha de comunicação.

**Exemplo 3** – Para os que não têm nem rádio, nem TV, nem telefone, alguém de vida simples. Você está no quintal. A outra pessoa está dentro de casa com portas e janelas fechadas por causa do frio ou da chuva. Você chama de fora e a pessoa de dentro não responde. A sua mensagem não chegou a ela, por causa do obstáculo da parede, das portas fechadas e das janelas fechadas. Da mesma forma com a oração. O pecado funciona como a parede, as portas e as janelas fechadas. A sua oração não chega a Deus.

## 2 - Egoísmo

O egoísmo é um dos pecados específicos mencionados acima. Ele acontece quando nos centramos em nós mesmos. Em outras palavras, consideramo-nos o centro do mundo, quando queremos as coisas só para nós; quando não queremos repartir com os outros; quando achamos que tudo deve ser como nós queremos; quando queremos todas as atenções para nós mesmos e assim por diante.

Tiago 4.3 nos diz: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites.”

O contexto dessa passagem começa no versículo 1. Tiago está colocando diante de seus leitores o fato de que a base de todas as “guerras e contendas” entre as pessoas são os seus “deleites”. Aqui há duas ênfases: **seus e deleites**.

**Deleites** aqui são aquelas coisas que constituem os interesses próprios de cada pessoa. Por exemplo: há duas pessoas. Cada uma tem os seus próprios interesses. Os interesses das duas não coincidem. Cada uma acha que os seus interesses são mais importantes que os da outra. Não é difícil entender que vai haver “guerras e contendas”.

Esses interesses próprios são a expressão de um aspecto mais profundo, que é o egoísmo.

Tiago, ao apresentar essa expressão do egoísmo, mostra que por isto não recebemos o que pedimos. Porque egoísmo é pecado e, portanto, um dos obstáculos à oração.

## 3 – Idolatria

A idolatria é outro pecado específico de que tratamos. O culto deve ser prestado a Deus e a ele somente. E este é “em espírito e em verdade” conforme João 4.23. A palavra idolatria na linguagem original do Novo Testamento significa: “culto ao que se vê”. Tudo quanto vai

ocupar o primeiro lugar em nossa vida, o lugar que pertence a Deus, torna-se um deus para nós. Portanto, um ídolo. É a esse “deus” que vamos dar tempo, atenção e dedicação. Em outras palavras, vamos lhe prestar o nosso “culto”. Deus já não é mais o nosso Deus. Nós o tiramos do nosso trono entronamos um ídolo. Esse ídolo pode ser a nossa família, nossa casa, nosso carro, nosso negócio, nosso dinheiro, nosso time de futebol etc. É fácil de entender que, quando temos necessidades, devemos ir ao nosso ídolo para cuidar delas, e não a Deus porque ele não é mais o nosso Deus. Daí, depois disso, procurarmos a Deus em nossos apertos é sem dúvida uma afronta a ele.

Paulo trata desse assunto em 1Coríntios 10.14-22. E diz assim: “Portanto, meus amados irmãos, fugi da idolatria” (v.14), e “digo que as coisas que eles sacrificam, sacrificam-nas aos demônios e não a Deus”(v.20). Aqui está Paulo se referindo ao sacrifício a ídolos. E Paulo continua dizendo ainda no versículo 20: “E não quero que sejais participantes com os demônios.” Depois, nos versículos 21 e 22: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. Ou provocaremos a zelos o Senhor?”

O que o texto está tratando quando fala do sacrifício aos ídolos é do culto a eles. Paulo está se referindo aos ídolos de madeira e de pedra. Mas, como veremos no item a seguir, também há outros tipos de ídolos. Paulo apresenta, na verdade, um princípio geral, aplicável a qualquer circunstância em que Deus é retirado do seu lugar e substituído por um ídolo.

Portanto, a idolatria é um obstáculo à oração.

#### 4 – Avareza

A avareza segue em linha direta a idolatria, como vamos ver em momentos. É outro tipo de pecado específico que constitui obstáculo à oração.

O Dicionário Globo de língua portuguesa define avareza como: apego sórdido ao dinheiro; desejo ardente de acumular riquezas; mesquinhez, sovinice.

Em vários textos Paulo associa a avareza à idolatria. Vejamos.

Efésios 5.5: “Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus.”

Colossenses 3.5: “Exterminai, pois, as vossas inclinações carnis: a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria;”

No texto de Efésios, quando Paulo diz que o avarento “não tem herança no reino de Cristo e de Deus”, ele está dizendo que, tendo o homem retirado a Deus do trono de sua vida e nele colocado o dinheiro como o seu deus, certamente vai se dedicar a esse seu deus, com todo o seu coração; portanto, não tem condições de gozar das delícias e da glória do reino de Deus.

O próprio homem decidiu excluir-se delas.

Antes de Paulo, Jesus já tinha dito o que está em Lucas 12.15: “E disse ao povo: Acautelai-vos e guardai-vos de toda espécie de cobiça;” Outras traduções trazem aqui “avareza” em lugar de “toda espécie de cobiça”, o que é a mesma coisa.

Em 1Coríntios 5.11, Paulo usa uma palavra muito forte no relacionamento com certas pessoas de cuja vida faz parte a avareza. Ele diz: “Mas agora vos escrevo que não vos comuniquéis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal nem sequer comais.”

O avarento está incluso entre todos esses elementos. A expressão “Não vos comuniquéis”, em outras traduções, é: “Não vos associeis”.

Isto significa não fazer parte da mesma filosofia e prática. E “nem sequer comais” trata de um costume cultural daquele tempo, em que comer junto com alguém significava também participar da mesma filosofia e prática.

Diante de tudo isto, é fácil ver que a avareza, sendo também idolatria, é mais um obstáculo à oração.

## 5 – Relacionamento com o cônjuge

O relacionamento com o cônjuge é algo extremamente importante para a área da oração. Bom relacionamento é muito positivo para a oração; já o mau relacionamento é um tremendo obstáculo.

Pedro, em sua primeira carta, capítulo 3, v.7, fala muito clara e seriamente a respeito. Ele diz: “Igualmente vós, maridos, vivei com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais frágil, e como sendo elas herdeiras convosco da graça da vida, para que não sejam impedidas as vossas orações.” Pedro está tratando nesse contexto do relacionamento familiar entre esposas e esposos. Depois de falar das atribuições da esposa, ele passa a falar, no texto acima, das atribuições do marido. E conclui mostrando que os maus tratos do marido para com a esposa são um grande obstáculo à oração. Mas como esta frase é o final de um contexto, é fácil de entender que ele está falando a ambos: maridos e esposas.

Vamos analisar brevemente essas atribuições dos maridos.

1 - “Vivei com elas com entendimento” – Deus fez o homem para ser mais cabeça (raciocínio), e a mulher ser mais coração (sensibilidade). Analisando corretamente os textos bíblicos que falam do assunto, verificaremos claramente isto. Por isso, o homem é muito mais objetivo, e a mulher, muito mais subjetiva. Quando a mulher aceita a cabeça (objetividade) do homem, e o homem aceita o coração (subjetividade) da mulher, há um lindo relacionamento. Quando o

homem acha que a mulher deve ser objetiva como ele, e a mulher acha que o homem deve ser subjetivo igual a ela, vai dar tudo errado.

2 – “dando honra à mulher” – há muitos homens que absolutamente não dão essa honra à mulher. Dar-lhe essa honra faz muito bem a ela e, por isso, dá retorno a ele. Isto também é reconhecer e aceitar que a mulher é coração.

3 – “como vaso mais frágil” – o homem foi criado para ser fisicamente forte para trabalho pesado. A mulher foi criada fisicamente forte, para dar à luz e criar filhos. Homem nenhum seria capaz de fazer o que uma mulher faz. Mas o homem, em geral, é emocionalmente mais forte, porque é “cabeça”. A mulher, em geral, é emocionalmente mais fraca, porque é “coração”. O homem, em geral, não se comove com tanta facilidade; a mulher sim. Por isso, Pedro diz que ela é “vaso mais frágil”. E o homem precisa saber respeitar isto.

4 – “sendo elas herdeiras convosco da graça da vida” – Aqui Pedro fala da igualdade do homem e da mulher. Ele está falando de importância. Nenhum dos dois é “mais importante” que o outro.

Se o relacionamento entre o marido e a esposa não segue esses padrões, e há problemas, isto se constitui em obstáculo à oração.

## 6 – Incredulidade

De todos os pecados mencionados especificamente, talvez este seja o pior. Incredulidade é falta de fé. Mas é no sentido de negar-se a crer. Tem a ver com uma atitude determinada de não desejar crer. É a atitude dos líderes religiosos da época de Jesus, que deliberadamente não quiseram crer em Jesus.

Um bom exemplo é o de Mateus 12.24, onde lemos: “Mas os fariseus, ouvindo isto, disseram: Este não expulsa demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios.”

O contexto é o da cura de um endemoninhado cego e mudo a quem Jesus curou. A multidão ficou maravilhada. E então foi a palavra dos fariseus.

Jesus responde a essa acusação mostrando que Satanás não expulsa Satanás. No versículo 29 ele mostra que “é pelo Espírito de Deus” que ele expulsa os demônios, e conclui a frase dizendo: por isto “é chegado a vós o reino de Deus”.

Depois acrescenta, nos versículos 31 e 32, o ensino do chamado pecado imperdoável. Ele diz que “todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada. Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo nem no vindouro.”

O Espírito Santo atua na vida dos homens para levá-los a aceitar Jesus, a salvação, e a desenvolverem a fé. Resistir a essa ação do Espírito e atribuí-la à ação do príncipe dos demônios é blasfêmia contra o Espírito Santo. É negar-se terminantemente a receber tudo quanto Jesus oferece para o bem do homem. Portanto, é claro que este pecado não tem perdão. É simples entender isto. No momento em que o homem deixar o Espírito Santo trabalhar em sua vida e receber a atuação dele, os seus pecados poderão ser perdoados.

Em Mateus 13.58 temos o registro de que Jesus “não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.”

Jesus estava visitando Nazaré, a cidade em que fora criado. O povo o conhecia e sabia que ele era filho do carpinteiro, que sua mãe se chamava Maria, e seus irmãos, Tiago, Simão, José e Judas. Mencionaram também que conheciam as suas irmãs.

Jesus menciona o fato de que “um profeta não fica sem honra senão na sua terra e na sua própria casa”. E aí Mateus registra o fato da incredulidade e explica que por isso Jesus não pôde fazer ali muitos sinais.

É incrível o quanto a incredulidade impede a ação divina. Por isso, ela é um dos mais sérios obstáculos à oração.

No início do capítulo falamos que, se descobirmos que há pecado criando obstáculos à nossa vida de oração, devemos removê-los imediatamente.

Agora vem a pergunta: como fazer essa remoção?

A solução é: reconhecer o pecado, confessá-lo e pedir perdão. Em nosso coração reconhecemos que temos pecado. Vamos ao Senhor e lhe confessamos esse pecado. É claro que não chegaremos a confessar enquanto não reconhecermos que pecamos. O reconhecimento do pecado é condição para a confissão.

Há situações que envolvem outras pessoas. Precisamos ir a elas também e confessarmos que pecamos.

A seguir, pedimos que o Senhor nos perdoe. Se há outras pessoas envolvidas, a elas também pedimos perdão. Há situações que envolvem o nome da família e da igreja. Então é necessário fazer o mesmo com a família e a igreja.

Em 1João 1.8 o escritor diz: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós.”

Aqui, claramente, o texto se refere à falta de reconhecimento de pecado. Mas João continua no versículo 2<sup>o</sup> dizendo: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.”

Aqui temos a confissão e o perdão. Segue o resultado, que é a “purificação de toda a injustiça”.

Acontecida a “purificação”, está removido o obstáculo à oração. Enquanto isto não acontecer, o obstáculo está presente. A nossa linha de comunicação com o Senhor está interrompida.

## Capítulo 10

### A oração como prática de vida

Vamos neste capítulo analisar alguns elementos práticos na vida de oração. Muitas vezes há dúvidas sobre esses elementos. Para dirimir essas dúvidas é que inserimos aqui esse capítulo.

#### 1 – Tempo para oração pessoal

A Bíblia não contém nenhum mandamento ou orientação específica sobre o que seria o melhor tempo do dia para se dedicar à oração. Essa hora que se dedica exclusivamente ao Senhor é comumente chamada de “hora silenciosa”.

##### 1.1 - Devoção matinal

Há muitos que advogam ser de manhã a melhor hora para um encontro com o Senhor. Dizem que é “começar o dia com Deus!” Argumentam que começar o dia com ele faz com que o dia inteiro seja melhor que o dia renda mais.

Na verdade, há uma série de textos bíblicos que falam em oração pela manhã. Vamos a alguns exemplos.

Jó 1.5 – “E sucedia que, tendo decorrido o turno de dias de seus banquetes, enviava Jó e os santificava; e, levantando-se de madrugada, oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; pois dizia Jó: Talvez meus filhos tenham pecado, e blasfemado de Deus no seu coração. Assim fazia Jó continuamente.”

Salmo 5.3 – “Pela manhã ouves a minha voz, ó Senhor; pela manhã te apresento a minha oração, e vigio.”

Salmo 57.8 – Desperta, minha alma; despertai alaúde e harpa; eu mesmo despertarei a aurora.”

Marcos 1.5 – Levantando-se de manhã muito cedo, ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto e ali orava.”

## 1.2 - Devoção noite e dia

Também há alguns textos que falam da devoção noite e dia. Vejamos.

Lucas 2.37 – “e era viúva de quase oitenta e quatro anos. Não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia em jejuns e orações.”

1 Tessalonicenses 3.10 – “rogando incessantemente, de noite e de dia, para que possamos ver o vosso rosto e suprir o que falta à vossa fé?”

## 1.3 – A noite toda

No capítulo 5, já analisamos o texto de Lucas 6.12, mas sob o aspecto da vida de oração de Jesus. Agora estamos analisando sob a perspectiva do tempo para a oração.

O texto diz: “Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar; e passou a noite toda em oração a Deus.”

Aqui temos como tempo a noite toda.

## 1.4 - Sem cessar

1 Tessalonicenses 5.17 – “Orai sem cessar”.

De todos estes textos vistos acima, vemos claramente que, a qualquer hora do dia ou da noite, podemos entrar em contato com o Senhor.

Podemos então concluir que devemos “andar juntos” com o Senhor o dia inteiro. E na hora mais apropriada para cada um de nós, gastarmos algum tempo a mais com ele. Essa hora de encontro especial pode ser de manhã, de tarde, de noite ou de madrugada.

## 2 - Lugar para a oração pessoal.

Como no caso do tempo, também aqui, não há nenhum mandamento bíblico específico sobre lugar onde orar.

Quando o Senhor Jesus conversa com a mulher samaritana, em João 4, do versículo 20 ao 24, o diálogo é em torno do local de adoração. A mulher diz, no versículo 20: “Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.”

A primeira observação que devemos fazer aqui é que o texto não está falando da oração pessoal. Está falando da adoração, ou seja, do culto público.

A observação seguinte é que a mulher, sendo samaritana, era descendente dos israelitas do Reino do Norte. E como sabemos da história do Velho Testamento, os reis do Reino do Norte estabeleceram um lugar nacional de culto dentro de seu próprio território. A samaritana faz referência a esse lugar. Estava situado num monte na cidade de Sicar.

Depois ela faz referência ao que os judeus consideravam o lugar para a adoração. Era em Jerusalém, no templo originalmente construído por Salomão.

Jesus mostra, a partir do versículo 21 até ao 24, que o importante não é o lugar, mas a adoração “em espírito e em verdade”.

O mesmo princípio se aplica para a oração individual.

Já estudamos no capítulo 2 o que Jesus apresenta em Mateus 6.5-8. Quando Jesus fala de “entrar no quarto e fechar a porta”,

estava falando de uma situação em que nos isolamos do mundo exterior e nos concentramos em Deus. E isto, como vimos, pode acontecer em qualquer lugar, mesmo no meio de uma grande multidão.

Portanto, nem aqui há uma prescrição específica de local para a oração pessoal.

### **3 – Posição para a oração pessoal**

Falamos aqui da postura. Qual deve ser a posição que devemos adotar para orar? Há alguma posição melhor que outra?

Mais uma vez, como nas duas situações anteriores, também aqui não há uma orientação bíblica específica. Na Bíblia são apresentadas de várias posturas. Vamos ver:

#### **3.1 - Inclinados**

Êxodo 4.31: “E o povo creu; e quando ouviram que o Senhor havia visitado os filhos de Israel e que tinha visto a sua aflição, inclinaram-se e adoraram.”

#### **3.2 - Ajoelhados**

Daniel 6.10 - “Quando Daniel soube que o edital estava assinado, entrou em sua casa, no seu quarto em cima, onde estavam abertas as janelas que davam para o lado de Jerusalém; e três vezes no dia se punha de joelhos e orava, e dava graças diante do seu Deus, como também antes costumava fazer.”

#### **3.3 - Prostrados sobre o rosto perante Deus**

Números 20.6 – “Então Moisés e Arão se foram da presença da assembléia até a porta da tenda da revelação, e se lançaram com o rosto em terra; e a glória do Senhor lhes apareceu.”

### **3.4 - De pé**

Lucas 18.11 – “O fariseu, de pé, assim orava consigo mesmo: Ó Deus, graças te dou que não sou como os demais homens, roubadores, injustos, adúlteros, nem ainda como este publicano.”

E no versículo 13, logo a seguir, também o publicano orou de pé. “Mas o publicano, estando em pé de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, o pecador.”

Vemos assim que há as mais variadas posturas apresentadas na Bíblia. E em nenhum caso há qualquer recomendação de que aquela determinada postura seja a correta.

Finalmente, nem a hora é importante, nem o lugar e nem a postura. O importante mesmo é o coração do homem unido ao coração de Deus o tempo todo. E isto enche a vida do homem da glória de Deus!

## Capítulo 11

# Como Deus fala conosco

Uma das grandes preocupações de todos nós é entendermos como Deus nos fala. Nos capítulos anteriores já mencionei repetidas vezes expressões como “Deus me disse”. Quando digo isto, em geral vem a pergunta sobre como é que o Senhor me fala. Tenho explicado que é de várias maneiras, sendo uma delas através de minha mente, dando certeza no coração.

Na verdade, não existe uma “receita” sobre o assunto. Nem a forma como Deus tem falado a mim é uma receita para ninguém. Deus tem uma forma própria para falar com cada um de nós. E a iniciativa é sempre dele. Não adianta querermos “fabricar” uma forma. O que vai acontecer é que a nossa psique vai se exercitar nessa direção, e “pensamos” que o Senhor está nos falando quando, na verdade, não está.

O que nos cabe, isto sim, é descobrir essa forma própria que o Senhor tem para se comunicar com cada um de nós.

Contudo, há quatro maneiras gerais que Deus pode usar. Vamos analisá-las.

### 1 – Pela sua Palavra

Esta é a primeira forma pela qual Deus nos fala. É a mais geral.

A Bíblia é como se fosse a “carta de Deus” para nós.

Em 2Pedro 1.21, lemos: “Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo.”

Profecia, aqui, refere-se à Palavra de Deus. Palavra aqui tem o sentido de mensagem. E o texto diz que esta palavra foi dita por Deus aos homens.

Em Êxodo 34.27 Deus diz a Moisés: “Escreve estas palavras; porque conforme o teor destas palavras tenho feito pacto contigo e com Israel.”

Deus falou a Moisés para que escrevesse o que ele lhe disse. Portanto, o que está escrito é palavra de Deus.

O Salmo 119.105 nos diz: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho.”

De uma forma poética o salmista está mostrando o valor da palavra de Deus para nós.

É portanto uma das formas pelas quais Deus nos fala.

## **2 – Por outras pessoas**

Neste sentido, temos duas modalidades que Deus pode usar:

A primeira delas é a de dar mensagens a determinadas pessoas para as levar a outras. Esta é a forma da mensagem dos profetas nos tempos bíblicos. Vamos ver dois exemplos.

Em 2Samuel 11 temos a narrativa do pecado de Davi adulterando com Bate-Seba, a mulher de Urias.

No capítulo 12 temos a história em que o profeta Natã vai falar com Davi. Na primeira parte do versículo 1 lemos: “O Senhor pois enviou Natã a Davi.” Na segunda parte do versículo o profeta foi

falar com Davi. Entre a terceira parte e o versículo 4, Natã apresenta uma espécie de parábola. Nos versículos 5 e 6 Davi dá a sua opinião a respeito da história que Natã lhe contou. E nos versículos 7 a 14 Natã lhe entrega a mensagem de Deus, dizendo que o que Davi fizera seguiu exatamente o mesmo princípio que o homem da parábola tinha feito.

Outro exemplo é o que encontramos em Atos 21. Paulo estava a caminho de Jerusalém depois de sua terceira viagem missionária. No versículo 8 temos a informação da chegada de Paulo à cidade de Cesaréia, onde foi se hospedar. Ficou na casa de Felipe, o evangelista, um dos sete diáconos da igreja primitiva. No versículo 10, temos a informação de que chegara de Jerusalém o profeta Ágabo.

No versículo 11 lemos: “vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo e, ligando os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus ligarão em Jerusalém o homem a quem pertence esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios.”

Como vemos, nos dois casos Deus falou tanto a Davi como a Paulo por meio de outras pessoas. Nestas, Deus dá a sua mensagem a um homem para que a leve a outro.

A segunda modalidade é que chamamos de aconselhamento. Deus pode usar a experiência de uns para falar a outros. Provérbios usa a idéia de ouvir a voz da sabedoria.

Em Provérbios 1.20 lemos: “a suprema sabedoria altissonantemente clama nas ruas; nas praças levanta a sua voz.”

No capítulo 2, v.1 o autor está chamando o “outro” de “filho meu”, referindo-se a qualquer pessoa que esteja lendo os seus provérbios.

E no capítulo 2, v.6: “O Senhor dá a sabedoria; da sua boca procedem o conhecimento e o entendimento.” Os conselhos de sabedoria, em última análise, procedem da boca de Deus.

Através desses textos podemos ver claramente que Deus fala por meio dos conselhos de sabedoria de outros.

### 3 – Por meio das circunstâncias

As circunstâncias são os acontecimentos naturais da vida. Deus pode utilizá-las para nos dar a sua mensagem e a sua orientação. São situações em que Deus “abre” ou “fecha” as portas para determinados acontecimentos em nossa vida. As “portas” são as oportunidades e circunstâncias da vida.

Em Apocalipse 3.7,8 Jesus diz: “Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre e ninguém fecha; e fecha e ninguém abre. Conheço as tuas obras (eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar)”.

Claramente o texto está falando das grandes oportunidades que estavam diante da igreja em Filadélfia, e que Jesus queria usar. Eram circunstâncias naturais da cidade.

Em 2Coríntios 2.12 Paulo fala: “quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e quando se me abriu uma porta no Senhor,...partí para a Macedônia.”

De novo temos as circunstâncias naturais como oportunidades abertas pelo Senhor, em que ele claramente estava dizendo: “entra por elas, Paulo”.

Portanto, esta é uma outra forma pela qual podemos identificar a voz do Senhor em nossas vidas.

### 4 – Pelo Espírito do Senhor

A Bíblia diz em 1Coríntios 6.19: “o vosso corpo é o santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuis da parte de Deus...”

Portanto, aqui vemos que o Espírito de Deus “habita” em nós.

Romanos 8.16 diz que: “O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. Aqui temos uma comunicação do Espírito de Deus, que “habita” em nós, “com o nosso espírito”. Portanto é uma comunicação interna em nós. É o Espírito de Deus falando ao nosso espírito através de nossa mente, dando a certeza no coração.

É o mesmo que diz Isaias 30.21: os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele.”

Esta “palavra do que está por detrás de ti” é a voz do Senhor pelo seu Espírito.

Há vários textos em que lemos que “o Espírito Santo disse”:

Atos 10.19: “Estando Pedro ainda a meditar sobre a visão, o Espírito lhe disse: Eis que dois homens te procuram”. É a narrativa da visão que Pedro tinha tido enquanto orava. E os homens a que o texto se refere eram os enviados por Cornélio para irem buscar a Pedro.

Atos 13.2: “Enquanto eles ministravam perante o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.” É a chamada de Paulo e Barnabé para a obra missionária, em Antioquia.

No mesmo capítulo, no versículo 4 diz: “Estes, pois, enviados pelo Espírito Santo,”

Em todos estes textos é o Espírito Santo falando. É Deus falando pelo seu Espírito.

Portanto, o Senhor pode nos falar também pelo seu Espírito.

\*\*\*\*\*

Estas são as formas mais gerais pelas quais o Senhor pode nos falar: pela sua Palavra, por meio de outros, pelas circunstâncias e pelo seu Espírito. É importante, entretanto, que tudo seja conferido com a Palavra. Nenhuma das últimas três deve ser utilizada como absoluta. Se não conferir com a Palavra, é preciso cuidado. Certamente é uma “outra” voz que não a do Senhor.

### *Unidade III*

## Tipos de oração Bíblicos e não-bíblico

## Capítulo 12

### Tipos bíblicos de oração: A oração de louvor

Louvor é o reconhecimento das qualidades positivas de alguém e a expressão verbal desse reconhecimento. Muitas dessas qualidades são características pessoais. Outras podem ser qualidades forçadas para uma determinada situação ou função. Por exemplo: há pessoas que se apresentam como delicadas. Mas na verdade o são por causa de sua profissão. “Aprenderam” a ser delicadas. No fundo mesmo, essa delicadeza não é propriamente uma característica pessoal.

Deus só tem qualidades positivas, que são as suas reais características. Portanto, o louvor a Deus é o reconhecimento daquilo que Deus é, e a expressão em palavras que traduzam esse reconhecimento. Há coisas que Deus faz, em sentido universal, que expressam aquilo que ele é. Por isso devem ser incluídas no louvor.

É muito comum confundir-se louvor com agradecimento. Agradecimento é outra coisa. Desta trataremos em outro capítulo.

#### 1 – Deus

Devemos louvá-lo porque ele é Deus, o nosso Deus.

No Salmo 63.1 lemos: “Ó Deus, tu és o meu Deus; ansiosamente te busco”.

É muito gostoso dizer-lhe: “tu és o meu Deus! Na minha experiência, sinto no meu coração a delícia quando o louvo por ser Deus e por ser o “meu” Deus. É sempre um momento de glória na minha vida!

## 2 – Senhor

Devemos louvá-lo por ser Senhor. Quando o chamamos de Senhor, estamos reconhecendo que pertencemos a ele. Estamos também dizendo que nos submetemos a ele, para receber a orientação para as nossas vidas.

O Salmo 16.2 diz: “Digo ao Senhor: Tu és o meu Senhor; além de ti, não tenho outro bem.”

O salmista está louvando a Deus por ser o seu Senhor. E continua dizendo que Deus é o seu grande “bem” quando admite que não tem outro bem além dele. Que lindo!

## 3 – Santo

Devemos louvar ao Senhor reconhecendo que ele é santo.

O Salmo 22.3 diz: “tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel”.

O salmista está reconhecendo que Deus é santo. E expressa isto em palavras, dizendo: “tu és santo”.

Quando em oração dizemos isto a Deus, estamos louvando a ele pela sua característica de santidade. E santidade, aqui, significa perfeição moral. Ele é moralmente perfeito.

## 4 – Amor

Devemos louvá-lo por que ele “é amor”.

1João 4.16 diz que “Deus é amor”. Ele não somente ama, mas é amor. Ele ama porque é amor. Amor é característica de Deus. Ele incorpora o amor no seu ser.

Uma coisa é louvá-lo por ser amor e outra coisa é lhe agradecer pelo seu amor. Quando o louvamos, estamos falando do que **ele é**. Quando lhe agradecemos, estamos dizendo o que **ele faz**.

## 5 – Justo

Devemos louvá-lo porque ele é justo. Ser justo é estar em equilíbrio entre uma forma de ser e um padrão estabelecido. E então os atos correspondentes são realizados em equilíbrio com o padrão estabelecido. São atos de justiça.

Deus é justo e por isto pratica justiça. Ser justo é característica de Deus. Ele estabeleceu um padrão moral e vive segundo esse padrão.

O Salmo 119.137 declara: “Justo és, ó Senhor, e retos são os teus juízos.”

O salmista está declarando que Deus é justo e, por ser justo, ele pratica a justiça.

Quando o louvamos por ser justo, estamos declarando nosso reconhecimento dessa sua característica.

## 6 – Bom

Devemos louvá-lo porque ele é bom. A sua bondade é uma característica pessoal. Os seus atos de bondade para conosco são o resultado daquilo que ele é.

Há um número ilimitado de textos bíblicos que fazem referência a essa verdade. Vamos a apenas um. Salmo 106.1: “Louvai ao Senhor. Louvai ao Senhor, porque ele é bom; a sua benignidade dura para sempre.”

Quando oramos declarando que ele é bom, devemos estar lembrando também que devemos ser “bons” como ele é.

## 7 – Pai

Devemos louvá-lo por ser pai e por ser o “nosso” Pai.

No Salmo 89.26 o salmista diz que Deus estaria falando acerca de Davi: “Ele me invocará, dizendo: Tu és meu pai, meu Deus, e a rocha da minha salvação.”

Jesus nos ensinou a orar: “Pai nosso, que estás nos céus”.

Jesus deu muita ênfase a Deus como Pai. E com isto nós somos filhos. “Filho de”, na cultura bíblica, é ter características semelhantes às do pai. Quando chamamos a Deus de Pai, estamos dizendo que ele tem características de pai, e que nós nos comprometemos a imitá-lo nas suas características.

## 8 – Todo-poderoso

Isto significa que nada há que ele não possa fazer. Ele só não “pode” fazer nas áreas em que se autolimita por causa do padrão que estabeleceu, quanto ao respeito à nossa vontade. Ele sempre respeita a nossa vontade.

O Salmo 150.2 está na categoria daquilo que Deus faz em sentido universal, mas que é a expressão daquilo que Deus é. Vejamos: “Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência de sua grandeza.”

A forma como está apresentado o texto não deixa dúvidas de que está se referindo a Deus como Todo-poderoso; e isto é confirmado pela segunda parte do versículo, onde é mencionada a sua “grandeza”.

Quando o louvamos como o Todo-poderoso, estamos declarando a sua grandeza. E devemos lembrar-nos de que precisamos andar no

compasso desse Deus grande, que sempre quer fazer coisas grandes. Nunca devemos limitar o que Deus quer fazer. É uma atitude de fé.

Estas são apenas algumas amostras daquilo que Deus é e por que devemos louvá-lo.

Deus se agrada do nosso louvor, e louvá-lo faz-nos bem a nós. Deus se agrada, porque faz bem a nós quando o louvamos. Tudo que Deus faz é sempre visando ao nosso bem. Ele vive totalmente para nós.

O Salmo 92.1 diz isto claramente: “Bom é render graças ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.”

O louvor ao Senhor pode e deve ser expresso por nós, como ato de culto, em três formas:

- 1 – pela oração – quando nós nos dirigimos a ele e lhe dizemos em palavras o nosso reconhecimento por aquilo que ele é.
- 2 – pelo cântico – quando em forma musical nós expressamos o nosso reconhecimento por aquilo que Deus é.
- 3 – pela proclamação – quando proclamamos aos outros o nosso reconhecimento daquilo que Deus é.

Assim sendo, o louvor deve ser algo constante em nossa vida.

## Capítulo 13

# Tipos bíblicos de oração: A oração de agradecimento

Agradecimento é o reconhecimento de algo recebido, expresso por palavras.

Na área da oração o **agradecimento** é o reconhecimento daquilo que **Deus faz** em sentido pessoal, enquanto o **louvor** é o reconhecimento daquilo que **Deus é**.

Paulo em 1 Tessalonicenses 5.18 diz: “Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.”

O que Paulo está apresentando é um princípio geral de agradecimento. Quando Paulo diz “tudo”, ele está querendo mesmo dizer “tudo”. Isto envolve as experiências positivas e as negativas. Pelas positivas é mais fácil dar graças. Mas é um excelente exercício darmos graças pelas negativas.

Em Colossenses 3.15 Paulo recomenda: “E a paz de Cristo, para a qual fostes também chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.”

O ser grato por tudo quanto se tem é uma virtude extremamente importante nas nossas vidas. Em geral, estamos prontos a pedir, mas muito tardios em agradecer.

Em Lucas 17.11-18 temos a narrativa da cura dos dez leprosos. Sabemos que só um voltou para agradecer. E Jesus apreciou extremamente aquela atitude. Pela ênfase que Jesus deu, ele mostrou a importância da atitude de gratidão.

Há coisas pelas quais devemos agradecer repetidamente pelos dias afora; e há outras que são ocasionais, ou seja, agradecemos uma vez.

## I – Agradecimentos contínuos.

### 1 – A beleza da criação de Deus e da nossa criação.

Quando olhamos ao nosso redor e olhamos para nós mesmos, não podemos deixar de ficar maravilhados com a beleza da criação do Senhor.

O salmista no Salmo 8.3,4 declara: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem para que o visites? Contudo, pouco abaixo de Deus o fizeste; de glória e de honra o coroaste.”

O escritor sagrado se sente extasiado diante da beleza da criação do Senhor, bem como da criação do homem, feito um “pouco abaixo de Deus”.

E ainda no Salmo 139.13,14 o poeta lembra: “Pois tu formaste os meus rins; entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e minha alma o sabe muito bem.”

Nesse texto o salmista fica maravilhado diante da beleza de sua própria criação e louva a Deus por isto. O louvor aqui cai na categoria do agradecimento a Deus.

### 2 - Salvação

Quando fomos salvos, ficamos muito felizes e agradecemos muitas vezes o fato de Jesus ter nos salvo. Mas, ao longo dos dias,

vamos nos “acostumando” com a vida cristã, e lentamente vai se esvaindo a consciência do valor de nossa salvação. É preciso que mantenhamos sempre diante de nós o valor e a preciosidade de nossa salvação.

O apóstolo Paulo, depois de muitos anos de vida cristã, ainda dava graças a Deus por aquilo que Deus operou em sua vida.

Já bem perto do final de sua carreira, ele escreve a Timóteo, em sua primeira carta, e diz no capítulo, vv.12-14: “Dou graças àquele que me fortaleceu, a Cristo Jesus, nosso Senhor, porque me julgou fiel, pondo-me no seu ministério, ainda que eu outrora tenha sido blasfemador, perseguidor e injuriador, mas alcancei misericórdia, porque o fiz por ignorância, na incredulidade; e a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.”

Paulo está falando tanto de sua conversão quanto do seu ministério. Ele lembra o que era antes de se converter, e também que foi pela graça de Deus que ele foi salvo. E por isso diz: “Dou graças”. Mesmo ainda naquela altura ele continuava a agradecer a Deus e ao Senhor Jesus pela sua salvação.

### 3 – Graça de Deus

Graça sempre lembra favor imerecido. É pela graça de Deus que somos salvos. É pela sua graça que ele vai construindo o belo edifício de nossas vidas. É ele quem nos conduz em experiências que vão transformando as nossas vidas em glória. Sempre iniciativa dele, pela sua graça.

Paulo lembra isto em sua primeira carta aos Coríntios 15.10, quando diz: “Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã...”

Por isso não devemos nos cansar de dar graças ao Senhor pela sua graça.

#### 4 – Amor de Deus

O amor contínuo de Deus para conosco é algo admirável. Não devemos nos cansar de lhe agradecer pelo seu amor. Este amor é também uma constante em nossa vida.

Em Romanos 8.38,39, Paulo afirma: “Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.”

Nunca deveremos nos esquecer de agradecer ao Senhor por esse amor eterno, infinito, infalível, inesgotável.

**Nunca** poderemos agradecer o suficiente todas estas coisas que **Deus faz** por nós.

#### II – Agradecimentos específicos

Deveremos nos exercitar em reconhecer tanto as grandes coisas que Deus faz para conosco quanto às mínimas coisas que ele nos dá.

Na minha vida, quando compro um par de sapatos, ao voltar para casa, agradeço ao Senhor por aquela dádiva. Por um par de meias, por um lenço, pela compra da semana, por uma camisa, e assim por diante. Cada orientação que o Senhor me dá, eu procuro reconhecer e lhe agradecer.

João em seu evangelho, no capítulo 1, versículo 16 diz: “Pois todos nós recebemos de sua plenitude e graça sobre graça.”

“Graça sobre graça” significa uma bênção atrás da outra. Na verdade, é isto que o Senhor faz conosco. Ele nos dá uma bênção após a outra. E quando nós seguimos a orientação de Paulo, de 1 Tessalonicenses 5.18, já vista acima, então devemos nos exercitar em dar graças a Deus por “tudo”.

A nossa tendência humana é deixar de reconhecer as coisas que recebemos de Deus e dos outros. Até vamos ao ponto de achar que é obrigação do Senhor nos dar bênçãos porque ele é o responsável pela nossa existência aqui. Se ele nos criou, tem “obrigação” de nos dar as coisas. O mesmo acontece da parte dos filhos para com os pais. E também em outros relacionamentos. Muito pouco, em nossos dias, como o foi nos dias de Jesus, é usual o agradecimento. Mas Deus se agrada de nosso agradecimento porque, como o louvor, ele nos faz bem a nós. Todos apreciam um coração grato!

Sejamos agradecidos!

## Capítulo 14

### Tipos bíblicos de oração: A oração de súplica

Este é o tipo mais comum de oração. É aquele em que fazemos pedidos.

Conquanto a súplica traga consigo a idéia de um pedido extremamente insistente, um real apelo, tomamos aqui a súplica como simples sinônimo de pedido.

Está na categoria de nós entrarmos em contato com Deus e lhe apresentarmos os nossos pedidos. E estes, em geral, acontecem em atendimento a necessidades que temos. São necessidades mais profundas que experimentamos num dado momento, ou necessidades que sabemos ter, embora não tão prementes.

Essas necessidades são de dois tipos: as físicas e as espirituais.

A maioria dos nossos pedidos se situam na área física. É muito raro nos preocuparmos com necessidades na área espiritual. É fácil verificar isto. Tomemos por exemplo os pedidos em uma reunião de oração. Na sua maioria absoluta, senão na sua totalidade, estão na área física. E dentro desta área estão especialmente as preocupações com a saúde.

A súplica aparece ao longo da Bíblia. A palavra como tal aparece pela primeira vez em 1Reis 8, na oração que Salomão faz quando da

dedicação do templo. E só nessa oração ele a usa oito vezes. No versículo 52 ele diz: “Estejam abertos os teus olhos à súplica do teu servo e à súplica do teu povo Israel, a fim de os ouvires sempre que clamarem a ti”.

Nesse texto há uma súplica para que Deus ouça a súplica de Salomão e do povo.

Em Efésios 6.18 Paulo diz, no texto em que trata da armadura de Deus para o cristão: “com toda a oração e súplica, orando em todo o tempo no Espírito e, para o mesmo fim, vigiando com toda a perseverança e súplica, por todos os santos...”

Aqui é uma recomendação de Paulo para que se utilize a oração de súplica diante de Deus.

Em Filipenses 4.6 Paulo enfatiza novamente a necessidade da súplica. E diz: “Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças.”

Nesses dois textos Paulo usa a expressão: “oração e súplica”. Quando Paulo fala de “oração”, está falando da comunicação com o Senhor. E quando menciona “súplica”, ele está dizendo que nessa comunicação deve ser incluído o elemento “súplica”.

Jesus apresenta o pedir em forma de um mandamento, quando diz: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á”.

Mateus apresenta esta verdade dentro do conjunto do chamado sermão da montanha, contido nos capítulos 5, 6 e 7. Lucas, em 11.9, a apresenta como verdade central de uma parábola.

As palavras **pedir**, **buscar** e **bater** são usadas aqui no mesmo sentido. Jesus, usando a mesma idéia três vezes, está mostrando a ênfase com que apresenta o mandamento. Na verdade, Jesus está dizendo que

devemos pedir. E afirma que Deus vai nos atender. Isto ele demonstra com dois exemplos. Em ambos ele mostra que Deus sempre quer nos dar o melhor. E em Lucas ele mostra através de uma parábola que Deus não faz como aquele homem que atendeu ao seu amigo com má vontade por ser tarde da noite. Jesus mostra que Deus sempre nos atende com o máximo de boa vontade. Num outro estudo veremos que o atendimento de Deus nem sempre é na hora que queremos, nem na forma como queremos, nem no lugar onde queremos e nem naquilo que queremos. Mas ele vai nos atender com muito amor.

Num ensaio que já fizemos no capítulo 9, quando analisamos os obstáculos à oração, vimos que, por vezes, um dos problemas é que a nossa oração não chega a Deus porque, de nosso lado, a linha está interrompida.

Um outro aspecto muito importante são os propósitos de Deus na nossa vida.

Em Deuteronômio 3.23 a 29 temos uma situação em que Moisés narra como o pedido dele em oração não foi atendido conforme ele queria. Ele estava lembrando ao povo, nas Campinas de Moabe, tudo quanto o povo já tinha experimentado na sua jornada com Deus durante os 40 anos desde a saída do Egito. E no texto que vamos examinar, Moisés narra o pedido que fizera a Deus e o que Deus lhe respondeu.

Ele diz: “Também roguei ao Senhor nesse tempo dizendo: Ó Senhor Jeová, tu já começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua forte mão; pois que Deus há no céu ou na terra, que possa fazer segundo as tuas obras e segundo os teus grandes feitos? Rogo-te que me deixes passar, para que veja essa boa terra que está além do Jordão, essa boa região montanhosa, e o Líbano! Mas o Senhor indignou-se muito contra mim por causa de vós, e não me ouviu; antes me disse: Basta; não me fales mais nisto. Sobe ao cume do Pisga e levanta os olhos para o ocidente, para o norte, para o sul e para o oriente, e contempla com os teus olhos; porque não passarás este Jordão. Mas dá ordens a Josué, anima-o e fortalece-o, porque ele passará adiante deste povo e o levará a possuir a terra que tu verás.”

Nesse texto, Moisés mostra que fez a Deus um pedido, o de passar o Jordão e contemplar com os seus próprios olhos a boa terra que o Senhor estava dando ao povo. E o próprio Moisés diz que Deus não o ouviu. E mais, ainda lhe disse: “Basta; não me fales mais nisso.”

A razão que Deus tinha dado a Moisés era de ter ele desobedecido quando Deus lhe tinha dito que deveria falar à rocha para que saísse água, e Moisés, enraivecido com o povo, bateu com a vara na rocha.

Mas quando analisamos a fundo toda a história de Moisés, Josué e o povo, vemos que, na verdade, Moisés teve a sua função na vida do povo. Era homem humilde e manso, bom líder para conduzir o povo pelo deserto. Foi o homem exato para aquela função. Agora Deus precisava de um guerreiro para conquistar a terra. Moisés não era homem de guerra. Portanto, ele não servia para aquela atividade. Deus precisou de um Josué. Este era homem de guerra.

Por isso, Deus não atendeu ao pedido de Moisés. Deus teve um propósito para Moisés e outro para Josué. Eram pessoas completamente diferentes. Deus vê como nós não vemos. E ele sabe o que faz, sempre de acordo com os seus propósitos para as nossas vidas.

Nós temos o direito de pedir. Direito dado por Deus em forma de mandamento. E ele tem o direito de nos dar o que é conforme os seus propósitos. O que nós precisamos fazer é aceitar o que o Senhor faz. E isto veremos no capítulo apropriado, mais adiante.

## Capítulo 15

### Tipos bíblicos de oração: A oração de intercessão

Interceder é fazer um apelo a alguém em favor de outrem. Um bom exemplo temos em Lucas 22.31-32. Jesus diz a Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça;”

Jesus declara a Pedro que fez uma oração intercessória a favor dele. Isto significa que Jesus rogou ao Pai em favor de Pedro para que, ao ser cirandado por Satanás, a sua fé não desfalecesse. Na verdade, logo depois, Jesus disse o que está no versículo 34: que Pedro o negaria três vezes naquela mesma noite. E Jesus tinha suplicado ao Pai que aquela experiência pudesse fortalecer a Pedro ao invés de enfraquecê-lo.

Temos orações de intercessão ao longo de toda a Bíblia. Vamos examinar algumas delas.

Na narrativa de Gênesis 18, Deus avisa a Abraão que vai destruir as cidades de Sodoma e Gomorra. Abraão então passa a interceder a favor dessas cidades perguntando ao Senhor se ele as destruiria caso nelas houvesse justos. Ele começa com cinquenta e vai até dez. E Deus sempre responde que não. Mais adiante Deus livra apenas a Ló e a sua família, por causa da intercessão de Abraão. Isto vemos no capítulo 19.29, onde lemos: “Ora, aconteceu que, destruindo Deus as cidades da planície, lembrou-se de Abraão, e tirou Ló do meio da destruição, ao

subverter aquelas cidades em que Ló habitava.” Foi lembrando-se da intercessão de Abraão que Deus tirou a Ló das cidades.

Durante a jornada dos israelitas pelo deserto, houve várias oportunidades em que Moisés intercedeu pelo povo.

As primeiras duas estão descritas em Êxodo 32. A ocasião é a do pecado do povo quando construiu um bezerro de ouro e o dedicou como o seu deus.

Moisés estava no monte Sinai recebendo de Deus toda a lei. Demorou-se ali muitos dias.

O versículo 1 diz: “Mas o povo, vendo que Moisés tardava em descer do monte, acercou-se de Arão, e lhe disse: Levanta-te, faze-nos um deus que vá adiante de nós; porque, quanto a esse Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.”

Arão atendeu ao povo. Pediu que lhe trouxessem todo o ouro que podiam. Com ele construiu um bezerro, lembrando o deus Apis do Egito. Consagraram o seu “deus” numa cerimônia especial.

Lá no monte, Deus conta a Moisés que o povo “se corrompeu; depressa se desviou do caminho que lhe ordenara; eles fizeram para si um bezerro de fundição, e adoraram-no, e lhe ofereceram sacrifícios, e disseram: Eis aqui, ó Israel, o teu deus, que te tirou da terra do Egito” (versículos 7,8).

Depois Deus continua, nos versículos 9 e 10: “Tenho observado este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que a minha ira se acenda contra eles, e eu os consuma; e eu farei de ti uma grande nação.”

Então nos versículos 11-13 temos a oração intercessória de Moisés. Diz o texto: “Moisés, porém, suplicou ao Senhor seu Deus, e disse: Ó Senhor, porque se acende a tua ira contra o teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande força e com forte mão? Porque não de falar os

egípcios, dizendo: Para mal os tirou, para matá-los nos montes, e para destruí-los da face da terra? Torna-te da tua ardente ira, e arrepende-te deste mal contra o teu povo. Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel, aos quais por ti mesmo juraste, e lhes disseste: Multiplicarei os vossos descendentes como as estrelas do céu, e lhes darei toda esta terra de que tenho falado, e eles a possuirão por herança para sempre.”

Então, no versículo 14 lemos: “Então o Senhor se arrependeu do mal que dissera que havia de fazer ao seu povo.”

A história continua ainda no capítulo 32. Moisés desce do monte. Vê o que aconteceu. Irado, lança no chão as duas tábuas de pedra com a lei que Deus tinha lhe dado. Elas se quebram.

Moisés, de acordo com o versículo 26, “pôs-se em pé à entrada do arraial, e disse: Quem está ao lado do Senhor, venha a mim”. E diz o texto que “se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi”. No versículo 27 Moisés continua: “Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um ao seu amigo, e cada um ao seu vizinho.”

Os filhos de Levi fizeram isto e naquele dia morreram três mil homens.

No dia seguinte Moisés congregou o povo e lhe disse, conforme o versículo 30: “Vós tendes cometido grande pecado; agora porém subirei ao Senhor; porventura farei expiação por vosso pecado.”

Moisés subiu ao monte diante do Senhor e ali fez a sua segunda oração intercessória, narrada no mesmo capítulo 32. Esta aparece nos versículos 31-32: “Oh! Este povo cometeu um grande pecado, fazendo para si um deus de ouro. Agora, pois, perdoa o seu pecado; se não, risca-me do teu livro, que tens escrito.”

Esta oração parte de um coração ardente de compaixão pelo seu povo. É de uma profundidade intercessória sem limites, a ponto de aceitar que tenha o seu próprio nome riscado do livro de Deus. O curioso

é que Moisés coloca a sua condição: ou o Senhor perdoa, ou risca o seu nome do seu livro.

Nos versículos 33-35, Deus responde à oração de Moisés dizendo quatro coisas:

- 1 – “Aquele que tiver cometido pecado contra mim, a este riscarei do meu livro”.
- 2 – “Vai, pois, agora, conduze este povo ao lugar de que te hei dito;”
- 3 – “eis que o meu anjo irá diante de ti;”
- 4 – “porém, no dia da minha visitaçã, sobre eles visitarei o seu pecado.”

Na resposta de Deus temos algumas coisas a considerar:

- 1 – Deus não atendeu à oração intercessória de Moisés quanto a perdoar o povo. Ele diz que cada um que pecou será responsável pelo seu pecado.
- 2 – Deus não aceitou a condição do **ou perdoa, ou risca**, colocada por Moisés.

A atitude intercessória de Moisés foi linda. Contudo, não deveria ter colocado condições a Deus. Isto não se faz.

A primeira oração intercessória Deus atendeu, porque não teve o elemento **condição**; a segunda, não, por causa da condição. Deus não deve ser colocado sob condição.

Há outra ocasião ainda, durante a peregrinação do povo pelo deserto, em que Moisés intercede pelo povo. Está narrada no capítulo 14 de Números, versículos 13-19. A circunstância é semelhante à da primeira oração do capítulo 32 de Êxodo. Moisés roga pelo povo, mas sem condição. E desta vez Deus declara o seu perdão no versículo 20. Ali lemos: “Disse-lhe o Senhor: Conforme a tua palavra lhe perdoei.”

Agora desejamos analisar duas orações intercessórias do Senhor Jesus.

A primeira está no capítulo 17 de João. Jesus inicia falando de sua felicidade em cumprir o propósito para o qual veio. Ele diz no versículo 6: “Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e tu mos deste; e guardaram a tua palavra.” Continua falando desse mesmo assunto nos versículos 7 e 8. No versículo 9 inicia o primeiro pedido de sua intercessão. Ele diz: “Eu rogo por eles; O seu pedido abrange dois aspectos que são mencionados no versículo 11: “guarda-os no teu nome” e “para que sejam um, assim como nós.”

O segundo pedido está no versículo 17: “Santifica-os na verdade”.

O terceiro pedido está no versículo 20, onde lemos: “Rogo não somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que sejam um.”

E o último pedido de Jesus nessa oração foi: “Pai, desejo que onde eu estou estejam comigo aqueles que me tens dado, para que vejam a minha glória, a qual me deste; pois que me amaste antes da fundação do mundo.”

Essa oração de Jesus, pois, inclui:

- 1 – Poder para continuar a obra iniciada por Jesus – “Guarda-os, pois continuam no mundo.”
- 2 – Unidade do povo de Deus – “Que sejam um”
- 3 – Viver santo, baseado na verdade – “Santifica-os na verdade”
- 4 – Segurança de vida eterna na glória – “Quero que estejam comigo na minha glória”

A outra oração é a que Jesus fez na cruz pelos seus algozes. Está registrada em Lucas 23.34. É a primeira palavra de Jesus na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

Já analisamos esta oração, quando estudamos as orações de Jesus. Aqui, apenas para mencionar que foi uma oração intercessória. Sugerimos que o prezado leitor volte ao capítulo 5, onde tratamos desta oração.

A intercessão é muito apreciada por Deus. Do que vimos, notamos que em muitos aspectos a intercessão mudou o rumo da História.

## Capítulo 16

### Tipos bíblicos de oração: A oração de confissão

Confessar é dizer em palavras algo que confere com a realidade de um fato. Esse dizer em palavras chama-se verbalizar.

Há confissões positivas e negativas. As mais comuns são as negativas, também chamadas de confissão de pecado, pois o pecado é sempre uma realidade negativa.

Um exemplo de positiva é a de João Batista, em João 1.19,20.

A ocasião foi “quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu?”

Então esta foi a resposta de João Batista: “Ele pois confessou e não negou; sim, confessou: Eu não sou o Cristo.”

Esta é caracteristicamente uma confissão positiva. Ele não estava confessando um pecado. Estava dizendo o que ele realmente era. O que ele estava dizendo conferia com o que ele era.

Exemplo de negativa encontramos na parábola do fariseu e do publicano, em Lucas 18.9- 14.

No versículo 13 o publicano diz o seguinte: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”

O publicano estava confessando a Deus que era pecador. Isto significa que reconhecendo-se pecador ele estava verbalizando exatamente aquilo que ele era.

Confissão e verdade andam juntas. A confissão é uma verdade a respeito do erro. Na confissão manifesta-se a verdade acerca do erro cometido. Por isso mesmo é também o caminho de volta à verdade.

Em 1 João 1.8 lemos: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós.”

Verdade é aquilo que corresponde a uma realidade ou a um padrão. A nossa realidade é que temos pecado. Somos pecadores. Se verbalizamos algo que não corresponde à realidade, estamos fora da verdade.

Logo no versículo 9, que analisaremos abaixo, temos o caminho de volta à verdade.

A confissão é também um ato de honestidade.

Em Romanos 13.13 Paulo diz: “Andemos honestamente como de dia.” Honestidade é a qualidade de traduzir verdades em atos.

Exemplo disto é o que Deus diz em Deuteronômio 25.13-15: “Não terás na tua bolsa pesos diferentes, um grande e um pequeno. Não terás em tua casa duas efas, uma grande e uma pequena. Terás peso inteiro e justo; terás efa inteira e justa”.

A efa era uma medida padrão de capacidade para elementos secos, correspondente a mais ou menos 37 litros. Usava-se uma vasilha com o tamanho padrão da efa.. Enchia-se com o material a ser medido. Quando cheio, a medida era exata.

É muito comum, ainda hoje, haver negociantes que raspam um pouco o seu peso de quilo, para dar somente 900 ou 950 gramas. Assim

acontecia naquele tempo. Havia aqueles que tinham uma efa completa, mas ao venderem usavam uma efa “pequena”. A efa pequena não era verdadeira, ou seja, não conferia com “a verdade” da medida. Os atos de venda com efas pequenas eram atos de desonestidade. E Deus os condenou.

Honestidade na área da confissão é quando comparamos o padrão moral de Deus com um ato praticado. Se há equilíbrio entre eles, há honestidade. Mas quando o ato cometido está fora do padrão divino, então ele é pecaminoso. A confissão faz com que reconheçamos esse desequilíbrio e o verbalizemos. Por isso, a confissão é um ato de honestidade.

Provérbios 28.13 diz: “O que encobre as suas transgressões, nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.”

O que o texto está dizendo é que deixar de reconhecer o erro mantém a pessoa sob o jugo que o pecado impõe. Com isto vêm todas as conseqüências do pecado. E lembramos que Paulo diz em Romanos 6.23 que: “O salário do pecado é a morte.” O pecado sempre paga um salário muito elevado, que é a morte. Morte traz consigo sempre a idéia de separação. O pecado separa o homem dentro de si mesmo; separa o homem de seus semelhantes e separa o homem de Deus. Por isso é que Provérbios diz que o que encobre o seu pecado “nunca prosperará.” Quantos há que, por causa do pecado, embora estivessem em altas posições acabaram na cadeia. Acabaram numa situação não-próspera.

Mas Provérbios continua: “Mas o que as confessa (as transgressões) e as deixa, alcançará misericórdia.” É exatamente o que aconteceu ao publicano da parábola referida acima. Jesus conclui aquela parábola dizendo: “Digo-vos que este (o publicano) desceu justificado para a sua casa.”

O caminho para a salvação inclui a confissão. Romanos 10.9 diz: “Porque, se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo.”

Aqui, novamente, a mesma realidade. Verbalizar aquilo que Jesus significa para a pessoa. Jesus é Senhor pela sua própria natureza. Quando ele é aceito pessoalmente como Senhor, e isto é dito em palavras, é a confissão de que Paulo fala. É uma confissão positiva. E, junto com a fé no coração, leva a pessoa à salvação, como Paulo afirma.

A confissão é também um dos componentes principais para o caminho da santificação.

O apóstolo João diz em sua Primeira Carta: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.” (1Jo 1.9).

O que João está dizendo é que devemos chamar de pecado aquilo que é pecado. Em outras palavras: darmos o nome certo às coisas. Confessando, estamos verbalizando aquilo que consideramos realidade em nossa experiência pessoal. O resultado é que temos o perdão do Senhor. Como consequência, vem a purificação de nossa injustiça. E o resultado final é que avançamos mais um passo em nossa santificação no sentido de nossa pureza moral.

Orações de confissão são as orações em que verbalizamos os nossos atos de pecado diante do Senhor. Deus se agrada delas, pois são para o nosso bem. São uma bênção para nós, pois nos exercitam na verdade, na honestidade e na santidade. E Deus fica muito feliz quando isto acontece conosco!

## Capítulo 17

### Tipo não-bíblico de oração: A oração determinativa ou declaratória

Ao tempo em que estou escrevendo este livro, estão sendo espalhados ensinamentos muito estranhos em muitas áreas, especialmente na área da oração. Nesta área, a oração que se está ensinando poderia ser chamada de oração determinativa.

São determinativas na medida em que **determinam** o que Deus vai fazer e o que não vai fazer; o que deve fazer e o que não deve fazer.

Esse tipo de oração tem ao menos duas variáveis.

A primeira é aquela em que “se cobra” de Deus as suas promessas. O Pastor Wilson Franklin em um artigo no O Jornal Batista escreveu a respeito desse assunto. Ele chama essas orações de orações “reivindicatórias”. E explica que “reivindicar ...é exigir os seus direitos.” Continua dizendo que os pregadores dessa idéia dizem que “quando oramos, estamos lembrando a Deus de suas promessas para conosco e reivindicando os nossos direitos.”

Vamos tomar um exemplo a que assisti. Numa dessas oportunidades de orações em favor dos enfermos, o pregador, em sua oração, disse: “Senhor! Tu prometeste em tua Palavra que curarias os enfermos. Nós cremos que a tua Palavra é verdadeira. De acordo com

a tua promessa, nós agora exigimos que tu cures esta pessoa. Porque se não curares estás invalidando a promessa que fizeste na tua Palavra e portanto desonrando o teu nome!” Caracteristicamente uma oração determinativa.

A segunda variável desse tipo de oração é aquela que o Pastor Wilson Franklin chama de: “oração declaratória”. Ele exemplifica com algo que aconteceu, dizendo: “Alguns anos atrás um certo grupo convidou as denominações evangélicas para juntos, no dia tal, declararem: o Rio de Janeiro é de Jesus, o Brasil é de Jesus. Segundo esse grupo, nós declaramos e as coisas acontecem.”

Os que adotam essas posições fazem-no achando que estão atuando pela fé. Dizem: “Se tivermos fé...”

Afirmo no princípio deste capítulo que essas posições são estranhas. E vou passar a explicar por quê.

O primeiro elemento estranho é o pressuposto de que as promessas de Deus sejam direitos adquiridos nossos. E é por isso que temos o direito de requerê-los, ficando Deus obrigado a nos atender. Tudo o que temos de fazer é o “requerimento” em oração.

Devemos lembrar que não há nenhum texto bíblico em que Deus nos autorize a “exigir” dele o cumprimento de suas promessas. Há muitos textos em que somos autorizados a pedir. E é bom entender que há uma enorme diferença entre pedir e exigir.

O segundo elemento estranho é a inversão dos papéis. Na prática, o que acontece com essa posição é a de que Deus deixa de ser Senhor e passa a ser “servo” para fazer o que nós determinamos.

A Bíblia ensina que Deus é Senhor. Em Malaquias 1.6 Deus diz: “O filho honrará o pai e o servo ao seu senhor; e se eu sou Pai, onde está a minha honra? E se eu sou Senhor, onde está o meu temor? Diz o Senhor dos Exércitos...”

Jesus usa essa expressão em Mateus 9.38 quando diz: “Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.”

Jesus também é chamado de Senhor em Filipenses 2.11: “E toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”

De outro lado, na Bíblia nós somos chamados de servos. Em sua carta aos Romanos 8.22 Paulo diz: “Mas agora, libertos do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.”

A pergunta agora é a seguinte: onde é que um “servo” passa a “determinar” o que o seu Senhor vai fazer ou deixar de fazer?

O terceiro elemento estranho é o desrespeito à soberania de Deus. A palavra “soberania” referindo-se a Deus como tal não se encontra na Bíblia. O que existe é uma série de referências que mostram a sua soberania. Entre essas referências vamos examinar Salmo 135.6: “Tudo o que o Senhor deseja ele o faz, no céu e na terra, nos mares e em todos os abismos.”

O raciocínio é simples: se Deus é soberano, cabe a ele decidir o que vai fazer e o que não vai fazer. “Exigir” dele que faça determinada coisa que no seu ajuizamento divino acha que não deve fazer e que tem as suas razões para isto é simplesmente um desrespeito crasso. Deus, na sua sabedoria, age por uma série de princípios morais que se entrelaçam.

O quarto elemento estranho é que a isto se chama fé. Mas o que é realmente fé é crer que Deus sabe, melhor do que nós, o que ele faz. Todos os homens de fé na Bíblia viveram essa experiência. Tomemos por exemplo a experiência de Abraão quando Deus o manda sacrificar o seu filho Isaque. Hebreus 11.17-19 diz: “Pela fé Abraão, sendo provado, ofereceu Isaque; sim, ia oferecendo o seu unigênito aquele que recebera as promessas, e a quem se havia dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, julgando que Deus era poderoso para até

dos mortos o ressuscitar.” Isto, sim, é fé. Deus tinha prometido a Abraão que ele seria pai de muitas nações por meio de Isaque. De repente Deus lhe pede para ir sacrificar Isaque. Abraão foi, **crendo** que Deus sabia o que estava fazendo.

## *Unidade IV*

### A oração modelo

## Capítulo 18

### Invocação

Antes de começarmos propriamente o estudo deste capítulo, vamos a uma introdução geral do chamado “Pai Nosso”, que é o assunto desta Unidade.

O “Pai Nosso” é apresentado por Lucas e por Mateus. A versão de Lucas, no capítulo 11.2-4, é mais breve. A de Mateus é mais extensa, mais completa, e está apresentada em 6.9-12. Para a nossa análise, seguiremos esta versão.

Mateus segue o contexto que começa no versículo 5, onde Jesus ensinou sobre a motivação falsa e a verdadeira na oração. Isto já analisamos no capítulo 3. No final daquele contexto, ele estava falando a respeito de não orar usando “vãs repetições, como os gentios; porque pensam que por seu muito falar serão ouvidos.” E Jesus continua: “Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes. Portanto, vós orareis assim:” E passa a apresentar um modelo sucinto de oração, que contém todos os elementos necessários a uma oração completa. Isto para mostrar que uma oração não precisa do “muito falar” para ter valor. Como modelo, não significa que deve ser repetida “ipsis, literis, verbis”, ou seja, integralmente como ela foi apresentada por Jesus. Decorada e repetida, ela pode cair naquilo mesmo que Jesus ensinou que devia ser evitado: a “vã repetição”. Muitos a repetem, mas ela não tem valor na medida em que a repetem de forma mecânica. É apenas uma oração mental; o coração não a está acompanhando.

Passamos agora ao estudo do assunto deste capítulo: a invocação. Esta é a frase: “Pai nosso que estás nos céus”.

A invocação acontece quando nos dirigimos a Deus. É como iniciamos a nossa oração. Cada um de nós tem a sua forma peculiar de se dirigir a Deus. Uns dizem: “Nosso Deus e nosso Pai!”. Outros: “Deus bendito!” Outros ainda: “Amado Deus!” E assim por diante. Jesus usou como exemplo a forma: “Pai nosso que estás nos céus.” Essa forma tem em si aspectos muito especiais. E Jesus os usou muito a propósito. Vamos tentar entender o que Jesus tinha em mente quando usou esta forma de invocação.

Nestes dias, com o crescimento do uso da Internet e do Correio Eletrônico, o E-Mail, quando se escreve a mensagem e se vai mandar, então é necessário **conectar** o nosso computador ao provedor, e este, por sua vez, nos coloca em contato com o mundo. Esse conectar nos dá uma idéia excelente da invocação. Através da invocação estamos nos conectando com o nosso Deus.

Passamos agora a analisar o “conectar” com Deus, através da forma ensinada pelo nosso Mestre Jesus. Há muitos aspectos implícitos naquilo que Jesus colocou. Apresentamos abaixo os mais importantes em cada uma das situações.

## 1. “Pai”

1 – Proximidade – Há muitas religiões que consideram que Deus é um Deus distante, extremamente ocupado com as muitas coisas a fazer, e que não está nada preocupado conosco.

Assim, o primeiro aspecto implícito na palavra “Pai” é o de proximidade.

O Salmo 34.18 diz: “Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado, e salva os contritos de espírito.”

Quando estamos enfrentando situações difíceis, é quando mais precisamos de alguém que esteja “perto” de nós. E ninguém pode estar tão “perto” quanto o nosso Deus.

Não poderia haver figura mais linda desse “estar perto” do que a figura de “Pai”.

Sammy Tippit, citando John McArthur, diz que “Deus não é um gigante distante ou um ser caprichoso e imoral que pisa em seus subordinados”.

2 – Carinho – A figura de “pai traz consigo também a idéia do carinho. Isto envolve o cuidado de alguém para conosco. E é exatamente o que o nosso Deus tem para conosco, revelado na expressão “Pai”.

Sammy Tippit, na mesma citação de John McArthur diz: “O termo aramaico que Jesus usa em Mateus 6.9 é **Abba**. Este é um termo íntimo, acolhedor, familiar.” Na mesma citação, mais adiante ele diz: “Ele é um Deus amoroso, terno e cuidadoso.”

3 – Bondade – Deus é um Pai bondoso. É de sua própria natureza ser bondoso.

Citando mais uma vez Sammy Tippit: “Ele é um Pai bondoso, perfeito em sua bondade. Ele disse: ‘Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus, dará bens aos que lho pedirem?’ (Mateus 7.11, destaque acrescentado). Tudo sobre o Pai é bom. Está na sua natureza fazer coisas boas para os seus filhos”.

4 – “Filhos de” – Outro lindo aspecto é o de sermos considerados filhos de Deus. Somos filhos porque ele é “Pai”.

João 1.12 diz: “...todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.”

Deus nos criou, e neste sentido somos suas criaturas. Mas nos tornamos filhos, quando o recebemos como “Pai”, através do Senhor Jesus. Passamos então pela experiência de termos sido “gerados por ele”, numa geração espiritual, operada pelo Espírito de Deus, a que a

Bíblia chama de “nascer de novo”. Disto fala o Senhor Jesus, em sua conversa com Nicodemos, narrada em João 3.1-12.

Quando chamamos a Deus de Pai, implicitamente estamos nos colocando na situação de “filhos” dele. Temos um Pai que é o criador do Universo. Levamos um nome que é universal e eterno. Que alto privilégio! Nem sempre valorizamos esse privilégio em nossas vidas.

Quando o chamamos de Pai, também estamos com isto dizendo que desejamos crescentemente ter as mesmas características que ele tem. Nos tempos bíblicos a expressão “filho de” implicava em dizer que tinha as mesmas características daquele que era o seu pai.

Tudo isto está implícito quando nos conectamos com o nosso Pai. Talvez você nunca tenha pensado na quantidade de elementos envolvidos nessa palavra: Pai.

Pare para pensar em tudo isto e louve ao Senhor por aquilo que ele é, na característica de Pai.

## 2. “nosso”

Por que será que Jesus, nesse modelo, não disse: “meu Pai”?

É curioso que Jesus nunca ensinou que devêssemos chamar a Deus de “Meu Pai”, mas ele mesmo usou muito essa expressão.

E quando falava a respeito do Pai aos outros, ele sempre dizia: “vosso Pai”.

Um exemplo bem característico é o de João 20.17, quando ele falou com Maria Madalena na manhã da sua ressurreição: “Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.”

Por que será que Jesus faz esta distinção? A resposta é simples. A relação de Jesus com o Pai é muito diferente da nossa relação com ele. Jesus faz parte direta da Trindade. Nossa relação com ele é completamente diferente da de Jesus. Nós não fazemos parte da Trindade.

Portanto, sempre quando Jesus trata de nosso relacionamento com o Pai, ele usa o pronome no plural: “nosso” e “vosso”. Certamente deve haver uma razão para isto. E a razão é a de não quisermos um Deus exclusivo, só para nós. Jesus quer ensinar que ele é Deus de todos nós. Por isso é: “nosso Pai” e “nosso Deus”.

Jesus quer nos ensinar que somos uma grande família, a família “gerada por Deus”, “nascida de novo”, e que somos todos irmãos.

Jesus quis evitar que não considerássemos irmãos aos que não o seguem juntamente conosco. O exclusivismo é sempre perigoso. Era exatamente o que os judeus praticavam no tempo dele.

Jesus disse em Mateus 23.8: “um só é o vosso Mestre, e todos vós sois irmãos.” É muito comum encontrarmos gente que acha que, se alguém não faz parte da “sua denominação”, nem salvo é. Nem vai para o céu. E mesmo que seja muito bondoso em aceitá-lo como salvo, no mínimo, é “inferior”. Jesus quis evitar isto.

Portanto, quando nós oramos “Pai nosso”, estamos dizendo que Deus é o Pai de uma grande família: a família de todos os remidos pelo sangue do Senhor Jesus. E que nós fazemos parte desse todo, que é essa família. Se vivêssemos mais essa realidade, muitos problemas seriam evitados.

## 3. “que estás nos céus”

Deus não é um pai qualquer. É um Pai que está nos céus. Frank Stagg, em seu Comentário sobre Mateus, diz: “O que está nos céus, de Mateus, preserva o equilíbrio entre reconhecer a proximidade e a transcendência de Deus. Com a intimidade familiar, Deus pode ser

tratado de Pai, mas permanece como o Deus transcendente, que deve sempre ser abordado em solenidade e reverência. O paradoxo da proximidade e da transcendência nunca é perdido na revelação bíblica. Deus está em Cristo, e nós encontramos Cristo nas outras pessoas (conforme Mateus 25.31-46), mas ele é uma pessoa diferente daquelas em quem o encontramos. Para o deísmo, Deus está distante e fora do alcance; para o panteísmo, Deus é tudo e tudo é Deus; para o sentimentalista, Deus pode ser “aquele lá em cima”. Para Jesus, Deus não é nenhum desses. Ele é Pai e é Deus, sempre próximo e sempre para ser tratado com reverência.”

Outro elemento muito importante nessa expressão é que o fato de Deus *estar* nos céus faz supor que ele vive num ambiente de céu. E céu é um ambiente em que há um relacionamento perfeito entre os seres que ali vivem. Um ambiente lindo! Um ambiente em que todos nós desejamos estar. E Deus quer que nós já vivamos num ambiente assim. O Senhor quer nos dar todas as orientações para vivermos já um céu a partir daqui. Isto acontece quando vivemos a glória que ele tem para as nossas vidas, a glória da comunhão com ele e do cumprimento das suas ordens.

Também quando assim oramos, vamos nos lembrar de que, como filhos, estaremos naquele ambiente perfeito um dia. Jesus disse em João 14: 3: “...virei outra vez e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também.”

Ao orarmos assim, vamos antegozar essa realidade!

Meu caro leitor! Veja quanta beleza nessa simples expressão de Jesus! Talvez você nunca imaginasse que haveria tanta beleza em tão poucas palavras! Medite bem em tudo isto e aproprie-se da glória que estas palavras encerram.

## Capítulo 19

### Compromissos

O “Pai Nosso”, depois da invocação, prossegue com duas divisões principais, cada uma com três segmentos. A primeira divisão chamamos de compromissos, e a segunda de pedidos.

Neste capítulo vamos analisar os três compromissos, e no próximo os três pedidos.

Na visão deste autor, os segmentos iniciais depois da invocação se constituem em compromissos com o Senhor. Outros autores têm uma visão diferente. Consideram-nos como pedidos. Mas vejamos porque este autor considera estes segmentos como expressão de compromissos com o Senhor. Ele baseia-se a sua posição na análise gramatical dos verbos do texto.

Os verbos utilizados nesta divisão, na linguagem original do Novo Testamento, estão no modo imperativo. Ora, o imperativo é o modo verbal pelo qual se expressam as ordens estritas. De outro lado, estes verbos estão na terceira pessoa. A terceira pessoa é aquela a respeito de quem se fala. No nosso caso, a pessoa de quem se fala é Deus. Portanto, é uma ordem a ser cumprida para com Deus.

Essas ordens são apresentadas de forma genérica. Ordens são sempre dadas para serem cumpridas por alguém. Claro é que as ordens desta parte do “Pai nosso” não são dadas para Deus cumprir, pois ele é o alvo destas ordens. O que resta, então, é que cabe a nós, seus servos

e seres humanos, o cumprimento destas ordens. Portanto, quando assim oramos, estamos nos comprometendo a fazer, de nossa parte, tudo quanto nos é possível para que o que está contido nestas ordens seja cumprido por nós mesmos; e do que depender de nós, ajudemos a que outros igualmente as cumpram. São, portanto, compromissos que assumimos de que tudo faremos para que aquilo que, as ordens representam, seja cumprido por nós.

Antes de continuarmos, desejamos lembrar que é muitíssimo raro ouvir alguém apresentando esses compromissos diante de Deus em qualquer oração pública. Se isto acontece mais freqüentemente em orações particulares não sabemos. Uma das razões principais é exatamente a de interpretação, pois são geralmente considerados como pedidos. Mas nem assim são feitos com certa freqüência.

Dada esta exploração do ponto de vista deste autor a respeito desta divisão, vamos analisar os três segmentos sob esta perspectiva.

### 1 – “santificado seja o teu nome”

Há dois elementos que precisamos entender para podermos compreender o significado deste compromisso.

O primeiro é o da palavra “santificado”. Esta palavra significa o ato de tornar santo. E a palavra “santo” traz consigo a idéia de separado do uso comum, para um uso muito especial. De outro lado ainda, traz consigo a idéia de algo de profunda pureza moral.

Santificado, aqui, não significa que nós vamos transformar a Deus num santo, e que não o seria se nós não o santificássemos. Ele é santo pela sua própria natureza. Mas ele pode ser, para nós, mais santo ou menos santo, dependendo de quanto o santificamos em nossa vida. Aqui entra o fato da reverência, do respeito e da honra que nós lhe damos. Deus será mais honrado ou menos honrado, dependendo do grau de honra que nós lhe dermos. Por ser “Pai”, quanto mais vulgar, menos será a honra com que o honramos. Isto, na nossa própria vida, e por

nosso intermédio, na vida dos outros. Nós podemos influenciar outros a honrar, a respeitar mais e a reverenciar mais a Deus nas suas vidas também.

O segundo elemento é o da palavra “nome”. Essa palavra era usada como a identificação de uma pessoa e de seu caráter. O nome correspondia à realidade da existência de uma pessoa e ao mesmo tempo era a expressão de seu caráter. Neste caso, referindo-se ao nome de Deus, refere-se ao próprio Deus.

Conclui-se, pois, que “santificar” o “nome” de Deus é santificar ao próprio Deus.

Isto era exatamente o que Deus já tinha apresentado ao seu povo, no passado, através dos chamados Dez Mandamentos. Foi o que Deus colocou como o terceiro mandamento. Está em Êxodo 20.7. Ali diz: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão.” A apresentação no “Pai nosso” é apenas uma nova forma de apresentar a mesma verdade. Nos mandamentos, era uma ordem a ser cumprida; aqui, um compromisso que, de nossa parte, assumimos livremente, de honrar a Deus.

Assim, enquanto oramos: “santificado seja o teu nome”, estamos assumindo o compromisso de nunca nos esquecermos de reverenciar o nosso Deus, de respeitá-lo, de honrá-lo e de amá-lo. O que estamos dizendo é que, de nossa parte, tudo faremos para que o Senhor seja honrado em nossas vidas através de nossas palavras, dos nossos atos e de nosso comportamento. Que as nossas vidas glorifiquem àquele de quem somos “filhos”. Que Deus seja considerado santo por nós mesmos e por nosso exemplo, também nas vidas de outros. E que, conforme Mateus 5.16, “assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.”

Mas, infelizmente é tão comum pelo nosso falar e nosso agir, “envergonharmos” o “nome” de quem nós professamos ser filhos.

Este é o primeiro compromisso que Jesus queria que nós assumíssemos quando nos ensinou o “Pai nosso”. Vamos ter a coragem de assumi-lo e de muitas vezes voltar ao Senhor e repetir diante dele este compromisso. Não que Deus, em si, precise dele, mas é para o nosso próprio bem. Quanto mais nós glorificarmos o “nome” de nosso Deus, tanto mais nos ajudará a vivermos a sua glória em nossas próprias vidas.

## 2 – “venha o teu reino”

Este é o segundo compromisso. Está ligado ao primeiro e é um desenvolvimento dele.

Vejamos o que ele significa.

Antes, porém, temos de entender o significado da palavra “reino”.

Reinar tem a ver com dominar, com poder sobre a vida de outros, que passam a se sujeitar àquele que “reina”.

Em termos terrenos, é uma organização social em que há alguém que é constituído ou se constitui sobre outros, sobre um grupo de pessoas. É constituído quando os outros o elevam a tal posição. Constitui-se a si mesmo, quando usurpa essa posição. Passa então a dominar sobre eles, ou seja, a exercer autoridade. Determina o que fazer e o que não fazer. Determina projetos e faz cumpri-los. Manda matar, e isto acontece. Determina partir para uma guerra, e isto acontece. Tem o domínio sobre os seus “súditos”. A essa organização social denomina-se reino. Portanto, quando se fala em reino, fala-se numa estrutura social e numa atividade social de domínio.

No nosso caso, quando o Senhor Jesus fala em “reino”, está falando do domínio de Deus sobre as nossas vidas e da estrutura social do conjunto de todos aqueles que, sendo salvos, fazem parte desse reino.

Assim, quando oramos: “venha o teu reino”, estamos afirmando várias coisas.

A primeira é que estamos dizendo: “domina TU sobre a MINHA vida.” Estamos dando autoridade ao Senhor de “dominar sobre nós”. Portanto, estamos assumindo o compromisso de nos sujeitarmos ao domínio do Senhor. Estamos dizendo que tudo faremos para cumprir as ordens do Senhor estabelecidas na sua Palavra.

A segunda é: “domina TU entre nós”. Isto envolve os nossos relacionamentos. Estamos dizendo que assumimos o compromisso de que, em nossos relacionamentos, o domínio do Senhor seja observado.

A terceira é: “domina TU sobre a vida de um número cada vez maior de pessoas”. Isto implica na extensão do “reino”. Estamos dizendo que assumimos o compromisso de que o domínio de Deus se estenda a mais e mais vidas. Isto é pela evangelização e por Missões.

O Senhor Jesus nos ensinou a assumirmos esse compromisso porque ele sabia como isto nos faria bem. O Senhor domina sobre nós para encher a nossa vida de glória. E quanto mais nos submetemos à sua autoridade, mais vivemos essa glória, mais os nossos relacionamentos são em glória e mais o domínio do Senhor se estende levando essa mesma glória a outras vidas.

## 3 – “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”

Este é o terceiro compromisso. Está ligado ao primeiro e ao segundo e é decorrente deles. Os três formam um crescendo. Cada qual amplia o anterior. O domínio amplia o conceito da santificação do “nome” do Senhor. E o fazer a sua “vontade” amplia o conceito do domínio e da santificação.

Aqui também precisamos entender os desdobramentos para podermos alcançar o que o Senhor Jesus quis dizer.

O primeiro aspecto a ser entendido é: “tua vontade”. Este apresenta um princípio fundamental de relacionamento. “Tua vontade” é sempre altruísmo; “minha vontade” é sempre egoísmo.

O próprio Senhor Jesus, em Lucas 22.42, quando orava no Getsêmane e pedia ao Pai que afastasse dele aquele cálice, disse: “todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.”

Quando em família se pratica este princípio, há um relacionamento feliz. Quando o marido diz à esposa: “a tua vontade”, e o mesmo a esposa diz ao marido, o mesmo os pais dizem aos filhos e os filhos aos pais, todos têm as suas vontades satisfeitas. Mas quando cada um pratica “a minha vontade”, ninguém ficará satisfeito.

O segundo aspecto é: “assim na terra como no céu”. Aqui temos o *como* essa vontade é aceita e praticada. O que o Senhor Jesus estava dizendo é que há uma forma pela qual a vontade de Deus é aceita e praticada no céu. Essa mesma forma deve ser aplicada na terra.

A pergunta então vem: como é que a vontade do Senhor é feita no céu? E a resposta é: voluntariamente. Ela não é imposta pelo Senhor. Ela é buscada pelos que o servem e praticada em amor. Os anjos desejam ardentemente buscar a vontade do Senhor e a praticam de todo o coração.

Da mesma forma deve ser na terra. O Senhor não impõe a sua vontade. Nós, os seus servos, devemos buscá-la, aceitá-la e praticá-la voluntariamente e de todo o coração.

Quando oramos: “seja feita a tua vontade na terra como no céu”, estamos dizendo que nos comprometemos com o Senhor de aceitar livre e voluntariamente a sua vontade em nossa própria vida, de fazer tudo para praticá-la de todo o nosso coração. De fazer tudo ao nosso alcance para que nos nossos relacionamentos dentro da família, com os que nos cercam e dentro do “reino” do Senhor, esse mesmo princípio seja praticado.

E quando assumimos esse compromisso de que a vontade do Senhor seja feita em nossa vida e por nosso intermédio na vida de outros, estaremos vivendo em glória, pois como diz Paulo em Romanos 12.2 a vontade do Senhor é “perfeita”.

Como podemos ver, é linda esta divisão dos compromissos com estes três segmentos.

Que possamos repetir estes compromissos diante do Senhor continuamente, embora com nossas próprias palavras, pois assim estaremos sempre nos lembrando a nós mesmos da importância fundamental de praticá-los em nossas vidas.

## Capítulo 20

### Pedidos

No capítulo anterior vimos que o “Pai nosso”, depois da invocação, tem duas divisões. A primeira, com três segmentos, que tratam dos compromissos básicos que devemos assumir com Deus, analisamos naquele mesmo capítulo.

Neste capítulo estaremos estudando outros três segmentos, que incluem pedidos nas três principais áreas de nossa vida.

Vejamos uma por uma.

#### *1 – “o pão nosso de cada dia nos dá hoje”*

Este segmento vai tratar de nossa dependência de Deus nas áreas físicas de nossa vida.

Mas antes de analisarmos os ensinamentos desse texto, vamos buscar entender os seus desdobramentos.

O primeiro desdobramento que devemos entender é: “o pão”. O que é que inclui esta expressão? A resposta é: todas as necessidades materiais básicas para a nossa subsistência: alimentação, abrigo, transporte, saúde, educação, lazer etc. Não inclui elementos desnecessários, que muitas vezes valorizamos tanto.

O segundo é: “nosso”. Aqui também, como no caso do “Pai nosso”, Jesus não ensinou que pedíssemos “o meu pão”. O nosso pedido deve

incluir o atendimento de necessidades básicas também de outros que não as têm. Mais uma vez o egoísmo é condenado por Jesus. William Barklay no seu Comentário sobre Mateus afirma neste ponto: “O problema não reside no *suprimento* das necessidades básicas; reside, sim, na *distribuição* desses suprimentos.” E mais adiante, no mesmo parágrafo ele afirma: “Esta oração não só é um pedido de que *recebamos* o nosso pão de cada dia, mas é também uma oração pedindo que possamos *repartir* o nosso pão com outros.

O terceiro é: “de cada dia”. O que é que isto significa? E Barklay tem mais uma vez uma boa palavra aqui. Ele diz: “Este pedido nos ensina a orar por nosso pão de cada dia, ou seja, o pão para o próximo dia. Ele nos ensina a viver um dia de cada vez e a não nos preocuparmos e não estarmos ansiosos acerca do futuro distante e desconhecido. Quando Jesus ensinou esta oração aos seus discípulos, certamente ele tinha em mente a história do maná no deserto (narrado em Êxodo 16.1-21). Os filhos de Israel estavam com fome, e Deus lhes mandou o maná, o pão do céu; mas havia uma condição – deveria ser colhido apenas para as suas necessidades imediatas. Se tentassem guardar, o maná apodreceria.”

O quarto é: “nos dá hoje”. Isto implica a nossa dependência do Senhor para o nosso sustento. Ele sabe muito bem do que necessitamos. E ele vai providenciar. Ele sempre cuida de nós. O nosso grande problema é a nossa fé. Não cremos que Deus vai cuidar.

Quando oramos e apresentamos ao Senhor este pedido, estamos dizendo que dependemos do Senhor para o nosso sustento material. Que reconhecemos que tudo provém de suas mãos. Que é um exercício de nossa fé dependermos do Senhor para o atendimento de todas as nossas necessidades. Declaramos também com isto que cremos sinceramente que, se o Senhor não cuidar, nada podemos fazer; mas cremos totalmente em que ele cuida.

Sammy Tippit afirma a respeito deste texto: “Este princípio da oração é a resposta do crente ao poder e à provisão de Deus. O Pai se preocupa com os mínimos detalhes das vidas dos seus filhos.”

Agora vem uma pergunta. - Será que a Bíblia não ensina também a providência para o futuro? Sim, afirma. Provérbios 6.6-8 diz: “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos, e sê sábio; a qual, não tendo chefe, nem superintendente, nem governador, no verão faz a provisão do seu mantimento, e ajunta o seu alimento no tempo da ceifa.” O texto fala que devemos ser sábios. Guardar algo para emergências é sabedoria. Providência é muito diferente de preocupação. Com esta oração, o Senhor Jesus não condenou a providência. O que condenou foi a preocupação. Até em nossa providência podemos depender do Senhor.

## 2 – e perdoa-nos as nossas dívidas

O pedido completo é: “Perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores.”

Este pedido está, ao mesmo tempo, na área psicológica e na espiritual. Envolve aspectos morais, que são espirituais. Mas envolve também aspectos de relacionamentos, que estão na área psicológica.

Também aqui temos de tentar primeiro entender o que cada uma das partes significa.

A primeira é: “perdoa-nos”. Na verdade, o que significa perdoar? Gosto da idéia de “cancelar”.

No perdão, o primeiro elemento é que aceitamos que houve um erro cometido. E pedimos então o cancelamento desse erro. Ele não deixou de ser erro, mas foi cancelado como erro.

A segunda é: “nossas”. Aqui novamente aparece a “nossa”. É a terceira vez nessa oração. Por que: “nossas”? Porque um erro normalmente envolve ação que afeta outras pessoas. E esse erro é também contra Deus. Portanto, afeta a Deus.

Um erro nunca está sozinho. Sempre há vários fatores envolvidos. Por isso, aparece no plural: “nossas”.

A terceira é: “dívidas”. Na verdade, é outra forma de dizer: “pecados”. É apenas o uso de outra palavra. Aqui é dívida moral. No comércio há uma transação em que o material comprado deve receber, em troca, outro material de igual valor. Se esse material não for entregue, então se caracteriza algo a que se denomina “dívida”. Uma dívida é o não-cumprimento de um compromisso assumido no ato da transação. Dívida moral é o não-cumprimento de uma obrigação moral.

A quarta é: “assim como”. A palavra empregada por Jesus na linguagem original significa: “na mesma proporção”.

A quinta, então, é: “temos perdoado aos nossos devedores”. A idéia é a de que “já temos perdoado”. Ou seja, pedimos na medida em que já aconteceu o nosso “cancelamento” das dívidas morais dos outros para conosco.

Entendido tudo isto, é fácil agora compreender que, quando oramos assim, estão implícitas algumas coisas muito importantes.

a) Reconhecemos que temos dívidas morais perante o Senhor. Dívidas que nunca poderíamos pagar, mas que o Senhor Jesus já pagou por nós, quando as levou à cruz. Paulo diz em Colossenses 2.14: “e havendo riscado o escrito que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz.”

b) A forma pela qual nós podemos nos apropriar do que Jesus fez por nós na cruz é através do perdão. Isto é, levamos a “dívida” ao Senhor, pedimos o “cancelamento” e ele a “cancela”.

c) O que Jesus ensina através desta oração é que o “cancelamento” não é automático. É necessário reconhecer que há uma dívida e pedir o cancelamento através do “perdoa-nos”. É bom lembrar que aqui também dívida não cancelada é dívida ativa, ou seja, em vigor, ou ainda, continua presente enquanto não for cancelada.

d) Devemos lembrar que o cancelamento de nossa dívida está à proporção do cancelamento das dívidas de outros para conosco.

É interessante que Jesus, depois de concluir o ensino dessa oração-modelo, enfatiza o aspecto da condição do perdão, através de uma palavra especial a respeito, nos versículos 14 e 15 de Mateus 6. Ali ele diz: “porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará as vossas ofensas.”

Portanto, é de suma importância pedir o cancelamento de nossas “dívidas”, pois o Senhor está pronto a cancelá-las todas. A única situação em que não há cancelamento é o que Jesus chama de pecado contra o Espírito Santo. Está apresentado em Lucas 12.10 e diz: “todo aquele que proferir uma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado”. O que Jesus está dizendo é o seguinte: a obra do Espírito Santo é tentar convencer-nos de nosso pecado, conforme João 16.8. É claro que se resistimos ao Espírito e não aceitamos a sua atuação, não iremos pedir o cancelamento de nossa dívida. Portanto, não sendo perdoada, ela permanece.

### 3 – “*não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal.*”

Este pedido é estritamente na área espiritual. Contém dois pedidos em um só. Vamos analisar os dois separadamente, depois juntá-los.

Mas também, como nos outros casos, vamos analisar as partes primeiro.

No primeiro pedido: “não nos deixes entrar em tentação”

A primeira parte é: “não nos deixes entrar em”. Esta parte, na língua original, também pode ser traduzida como: “não nos leves (ou conduzas) para sermos tentados”. Aqui a lembrança é da experiência de Abraão em Gênesis 22.1-14. Deus mandou que ele levasse o seu filho Isaque

para ser sacrificado ao Senhor na terra de Moriá. Deus o “levou” para (ser “tentado”).

A segunda parte é: “tentação”. A palavra na linguagem original tem o sentido de testar. Por isso é que, no caso de Abraão, a Bíblia diz em Gênesis 22.1: “Sucedeu... que Deus provou a Abraão.”

Então, o que Jesus está dizendo neste primeiro pedido é: “não nos leves para sermos testados”. O que é que isto quer dizer? Aqui nos vem ajudar a experiência de Pedro no dia em que Jesus foi preso de noite. A narrativa é a de Lucas 22.31-34. Jesus disse a Pedro que Satanás tinha pedido para o cirandar, mas que ele tinha intercedido a seu favor, para que a sua fé não desfalecesse. Então Pedro, julgando-se “muito forte”, disse: “Senhor, estou pronto a ir contigo tanto para a prisão como para a morte.” É quando Jesus lhe avisa que ele o negaria três vezes naquela noite. A atitude de “fortaleza” de Pedro foi o início de sua triste experiência. Se ele tivesse aceito humildemente a intercessão de Jesus para com ele, teria estado mais “forte”. Mas a sua auto-suficiência foi o início da tragédia que viveu. Na sua resposta a Jesus, Pedro estava dizendo: “Senhor, deixa o diabo vir! Eu quero mostrar que ele não vai poder comigo! E, Senhor, eu quero te provar que estou forte!”

O ensino que Jesus apresenta nesse pedido é o de nos levar a reconhecer humildemente a nossa fragilidade. É quando em humildade estamos pedindo a proteção do Senhor no momento em que as provações vierem. Não estamos dizendo: “Senhor, pode testar! E vai ver que eu não caio!” Ao contrário, estamos dizendo: “Senhor, as provações virão! Mas não posso enfrentá-las sozinho! Preciso da tua ajuda!”

O segundo pedido dos dois é: “mas livra-nos do mal”. Mal, aqui, na linguagem original, tanto pode ser o substantivo como a pessoa do maligno. Tudo indica que aqui, por causa da forma como é apresentado por Jesus, se aplica mais ao maligno, o nosso grande inimigo.

O que Jesus está dizendo aqui é o pedido de que, quando as provações vierem, tendo o Senhor conosco, saíamos vitoriosos na

batalha. Em outras palavras, também estamos querendo dizer que o Senhor nos ajude a não nos deixarmos envolver pelo inimigo. E ainda, a não abirmos a porta para que ele se ache com “direitos” de vir nos perturbar.

Agora, vamos reunir esses dois pedidos. Na verdade, eles fazem um conjunto só. De um lado, os testes do Senhor, e do outro as artimanhas de Satanás para nos derrotar. Reconhecendo a nossa fragilidade e incapacidade de enfrentar sozinhos as duas situações, colocamo-nos, através desse pedido duplo, humildemente nas mãos do Senhor para sermos vitoriosos.

\*\*\*\*\*

E agora, embora alguns manuscritos bíblicos não tragam, e é por isto que algumas Bíblias trazem o encerramento do “Pai nosso” entre parêntesis, cabe uma palavrinha a respeito.

O texto diz: “porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.

É um maravilhoso fecho para a oração! É uma palavra de louvor e de exaltação à linda figura do Pai!

*Unidade V*

**Aspectos práticos**

## Capítulo 21

### Perseverança em oração

Neste capítulo desejamos analisar várias implicações do que Paulo afirma em 1 Tessalonicenses 5.17, quando diz: “Orai sem cessar”.

Creemos que seja o melhor texto para nos ensinar a “perseverança em oração”.

A nossa palavra portuguesa, perseverar, é uma palavra muito significativa. Vem de duas outras palavras: “per” e “severo”. Estas duas unidas e transformadas em verbo deram: perseverar.

“Per” é por, por meio de. “Severo”, diz o dicionário, é rígido, rigoroso, austero, inexorável, inflexível, sério, grave, áspero, veemente.

É fácil de verificar que todas estas situações são situações difíceis. Portanto, “perseverar” significa: continuar firme, mesmo por situações difíceis.

E esta é a primeira e a mais geral implicação do que Paulo apresenta. Na verdade, o que Paulo está dizendo é: “orai sem cessar, mesmo que a situação não seja fácil ou favorável.”

A segunda, embora seja absolutamente óbvia, é bom lembrar que não quer dizer que não façamos mais nada na vida, senão apenas orar. Não quer dizer ininterruptamente, no sentido absoluto do termo.

A terceira implicação é a de que o “sem cessar” significa que estamos “sempre juntos” com o Senhor. Por onde quer que andemos, e o que quer que estejamos fazendo, estamos sempre junto com ele. Este aspecto já temos mencionado ao longo de outros capítulos anteriores. Por isto, não é nada de novo. É apenas o reforço de aspectos já vistos.

A quarta implicação é o que chamaríamos de: fator constância. A nossa grande tendência são os altos e baixos. Usando a figura do carro, são as acelerações e desacelerações. Ora estamos muito animados e damos mais atenção ao Senhor; depois estamos desanimados, e o Senhor “sobra”. Ora estamos mais próximos, ora mais distantes. Esta falta de constância está totalmente fora da idéia do “sem cessar”. Quando ouvimos uma boa mensagem sobre a oração, “decidimos” dar mais tempo ao Senhor. Mas dura pouco. Lentamente voltamos a dar pouco tempo e pouca atenção. Lembrando o que contei no capítulo 2, foi exatamente o que aconteceu comigo, umas duas ou três vezes. Até que aprendi a constância no meu andar junto com o Senhor.

A quinta implicação é que a tendência nas horas “severas” pode ser ou de esquecer de orar, ou, de outro lado, buscar ao Senhor mais intensamente. Essas horas “severas” podem ser horas de intensa alegria ou de intensa tristeza. Muitas vezes, as horas alegres fazem com que não nos lembremos de agradecer ao Senhor por elas. Outras vezes nos lembramos mais, porque não nos cansamos de agradecer. Também as horas amargas ou nos fazem olvidar o Senhor, ou deixar de buscá-lo com mais intensidade. E quando o problema acaba, não “precisamos mais dele”. Então, não “perseveramos”.

A sexta implicação é a tendência à impaciência. A nossa natureza humana muitas vezes nos leva ao “aqui e agora”. Tudo o que pedimos deve ser atendido imediatamente e no lugar onde estamos. Se não acontece assim, nós nos impacientamos e abandonamos o “campo da batalha”. O sem cessar implica em ter paciência e aguardar no Senhor. No próximo capítulo veremos com mais detalhes algo a esse respeito.

A sétima implicação tem a ver com o desânimo. Se o Senhor não nos atende imediatamente, “paramos” de falar no assunto. E responsabilizamos o Senhor por não nos atender. O sem cessar é um “perseverar”.

Quanto a estas duas últimas, esquecemo-nos de que ninguém pode ter qualquer coisa feita no instante em que é pedida. É preciso trabalhar no assunto. Um exemplo simples é o bolo. O menino chega e pede: “Mãe, faz um bolo!” A mãe diz: “sim, meu filho!” Mas nem por isto o bolo já ficou pronto, só porque disse sim. Provavelmente ela ainda vai ter de sair e comprar alguns ingredientes. Depois juntar todos os ingredientes. A seguir, assá-los. Depois deixar esfriar um pouco. Finalmente, depois de esperar por boas horas, o menino vai ter o seu bolo. Com Deus é a mesma coisa. Muitas vezes há coisas em que ele tem de trabalhar para poder nos atender.

A oitava implicação é orarmos uma vez sobre o assunto e depois esquecê-lo. Normalmente é um assunto pelo qual nos foi pedido que orássemos, e oramos uma vez. Com isto, achamos que atendemos ao pedido que nos foi feito. Foi uma oração formal, sem muito interesse, apenas em atendimento a um pedido. Só para “desencargo de consciência”. Apenas para depois podermos dizer que “oramos”. Isto não é “orar sem cessar”. É verdade que, se oramos repetidas vezes a respeito do pedido, isto não significa, necessariamente, que nos interessamos pelo assunto. O bom seria que atendêssemos a todos os pedidos que nos são feitos, com tanto interesse como se o problema dos outros fosse nosso. Isto, sim, seria “per-severar”.

A nona e última implicação para a qual desejamos chamar a nossa atenção neste capítulo é a de que repetir muitas vezes a mesma oração também não significa, necessariamente, a perseverança no assunto. Poderá ter se tornado uma oração “costumeira”. Passou a ser “costume” orar sobre aquele assunto. Neste caso, não é mais “sem cessar”; é “vã repetição”. Na verdade, não acompanhamos junto com o Senhor o desenvolvimento e o progresso do assunto pelo qual oramos.

Oh! Que o Senhor continue, pacientemente, nos ensinando a “orar sem cessar”! Portanto, a “perseverar”!

## Capítulo 22

---

# Quando Deus “parece” não responder

Muitos de nós experimentamos, por vezes, que Deus “parece” não nos responder. Estou dizendo “parece”, mas, na verdade, o que achamos mesmo é que Deus não respondeu à nossa oração. E eu estou colocando o “parece”, porque esta é a expressão certa para o assunto.

Neste capítulo vamos examinar este importante aspecto prático de nossa vida de oração. Vamos ver o que é que a Bíblia nos ensina sobre esta matéria..

Há várias situações na Bíblia em que Deus não atendeu ao pedido de oração feito.

Um dos exemplos, e que já estudamos anteriormente, é o de Moisés. Ele estava com o povo do outro lado do Jordão, nas Campinas de Moabe. Ali ele pediu ao Senhor que lhe desse oportunidade de atravessar o Jordão e contemplar, com os seus próprios olhos, a terra que o Senhor iria dar ao seu povo. E Deus não atendeu. Apenas levou-o ao alto do Monte Pisga e lhe mostrou a terra, de longe.

Outro exemplo foi o de Davi. A história toda está em 2Samuel 11 e 12.

Quando ele cometeu o seu pecado com Bate-Seba, ela engravidou. Davi ficou muito preocupado com o que lhe aconteceria por parte de

Urias, o marido dela. “Providenciou” que ele “morresse” no campo de batalha. Então Davi mandou buscar Bate-Seba como sua real esposa. Natã, o profeta, foi mandado por Deus para repreender Davi. Este confessa o seu pecado perante Deus e Deus o perdoa. Mas diz que o filho resultante do pecado morreria. Davi apelou a Deus por dias seguidos, em favor da criança. 2 Samuel 12.15-16 diz: “Depois o Senhor feriu a criança que a mulher de Urias dera a Davi, de sorte que adoeceu gravemente. Davi, pois, buscou a Deus pela criança e observou rigoroso jejum e, recolhendo-se, passava a noite toda prostrado sobre a terra.” No versículo 18, o texto diz: “Ao sétimo dia a criança morreu”. Davi passou muitos dias suplicando ao Senhor pela vida da criança, e Deus não atendeu.

Já estudamos razões por que Deus, por vezes, não nos atende como e quando nós queremos.

Vamos agora examinar um texto em que a Bíblia fala especificamente sobre o assunto de Deus “parecer” não responder. Esse texto é o de Lucas 18.1-8. Trata-se da parábola conhecida como a do juiz ínquo.

Lucas introduz a parábola, dando-lhe a interpretação da perseverança em oração. Mas Jesus, ao término, faz uma aplicação diferente.

Devemos lembrar que parábolas são comparações com a vida real, com o propósito de transmitir verdades espirituais. Normalmente têm uma lição central, que poderíamos chamar de: a moral da história.

Algumas parábolas mostram a semelhança entre a verdade central da história da parábola e o reino dos céus. Estas normalmente começam assim: “o reino de Deus é semelhante a”.

Outras parábolas funcionam como antítese, ou seja, como oposição. Apresentam uma verdade contrária à verdade do reino de Deus. E esta, que estamos examinando, é assim.

Nesta parábola, uma viúva procurou um juiz para lhe entregar a sua causa. Ele era claramente um juiz romano.

Naquele tempo, havia os juízes judeus e os romanos. Os judeus eram, em geral, muito gananciosos e cobravam muito caro pelos seus serviços. Os romanos eram pagos pelo governo romano para prestar serviços gratuitos de justiça ao povo. Entretanto, em geral, eram muito corruptos. Deveriam servir ao povo gratuitamente, mas só trabalhavam à base de suborno.

Essa viúva não tinha os recursos para ir a um juiz judeu. Procurou o juiz romano. Mas este, diz o texto do versículo 2, era “um juiz que não temia a Deus”. Ele mesmo o reconheceu mais adiante.

A pobre senhora vai repetidas vezes e ele não se interessa pelo caso. Mas a mulher começou a ficar impaciente. O juiz percebeu que havia perigos à vista. O juiz, depois de reconhecer que não temia a Deus, conforme o final do versículo 4, diz no versículo 5: “todavia, como esta viúva me incomoda, hei de fazer-lhe justiça, para que ela não continue a vir molestar-me.” Na verdade a expressão “molestar-me” trazia consigo a idéia de que ela viria e, fisicamente, atacaria ao homem. Parece que ele ficou com medo da mulher. Por isso, lhe fez justiça.

A partir do versículo 6 até ao 8, Jesus vai dar a lição espiritual que ele quis transmitir. Vamos analisá-la. O texto diz: “Prosseguiu o Senhor: Ouvi o que diz esse juiz injusto. E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que dia e noite clamam a ele, já que é longânimo para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?”

Antes de mais nada, algumas explicações de elementos do próprio texto.

O primeiro elemento é que a palavra “longânimo” é traduzida também por tardio. Algumas traduções trazem assim: “E não fará Deus justiça aos seus escolhidos ainda que tardio para com eles?”

Daí vem o segundo elemento: Se é “tardio”, como faz sentido com: “depressa lhes fará justiça”?

E é exatamente ao redor deste final do versículo 7 e até ao final do versículo 8 que temos a chave daquilo que Jesus ensinou.

Isto posto, vamos a algumas verdades que extraímos da parábola e das conclusões do Senhor Jesus. Há três elementos importantes a considerar.

### **1 – É preciso “entregar” a nossa “causa” a Deus.**

A viúva foi ao juiz e lhe entregou a sua causa. Ela disse: “faze-me justiça contra o meu adversário” (v.3). E o juiz aceitou a causa. Apenas nada fez, a princípio.

A primeira coisa que temos de fazer é “entregar” a Deus a nossa “causa”. Em Jó 5.8, Elifaz, um dos amigos de Jó, diz: “Mas quanto a mim, eu buscaria a Deus, e a Deus entregaria a minha causa.”

Normalmente o que fazemos é levar a Deus os nossos problemas. Contamos a ele, e paramos por aí. Voltamos e trazemos o nosso problema conosco. Não deixamos com Deus. Na verdade, o que acontece, então, é que “não o autorizamos a trabalhar no problema.” Deus nada pode fazer porque não está por nós especificamente autorizado. A autorização é assinada por Deus, de maneira muito interessante. Após lhe entregarmos a nossa “causa”, ele nos dá uma paz extraordinária. É o seu “recibo” da entrega que lhe fizemos.

Vamos ilustrar com uma comparação de nossa vida diária. Temos um problema. Vamos ao advogado e lhe contamos o problema. O passo seguinte é que precisamos entregar a ele a causa para que ele possa trabalhar. Do contrário, ele nada pode fazer porque nós não o autorizamos oficialmente a fazê-lo. O que vai acontecer, então, é que o advogado vai preparar um documento, com a nossa autorização, e nós a assinamos. Aí ele está autorizado a trabalhar. Da mesma forma é com Deus.

Numa certa oportunidade na África, onde trabalhamos por 20 anos como missionários, estávamos vivendo momentos muito difíceis. O inimigo estava fazendo “as dele” conosco. E nada podíamos fazer para resolver o problema. Lembro-me de uma tardezinha em que eu estava literalmente desesperado. Estava conversando com o Senhor, mas não tinha paz. Deitei-me exausto de minha batalha. Tentei dormir. Mas como ainda não tinha feito a minha leitura do dia, fiz a minha leitura, mesmo deitado. Procuro ler 3 capítulos por dia, sempre começando em Gênesis e indo até ao Apocalipse. A leitura daquele dia seria Jó 4, 5 e 6. Quando cheguei ao capítulo 5, versículo 8, o mesmo que citei acima, o Senhor me disse, através de minha mente: “Por que é que você não faz isto agora?” Eu disse: “sim! Senhor!” Estendi os meus braços para cima em direção ao Senhor e lhe “entreguei a minha causa”. Imediatamente, uma paz incrível inundou o meu ser! A “causa” estava nas mãos do Senhor! E eu descansei. Acabou-se o desespero.

Portanto, a primeira lição que temos da parábola é ir ao Senhor e lhe entregar a nossa causa.

### **2 – O Senhor começa “imediatamente” a trabalhar em nossa causa.**

É exatamente isto que temos no versículo 8. Este é o “depressa” a que Jesus faz referência. O que Jesus disse significa que Deus começa “imediatamente” a trabalhar em nossa causa, a partir do momento em que nós lha entregamos. Mas ele não tem “solução pronta, imediata”. Por isto é que o texto diz “tardio”.

Nenhum advogado, quando lhe entregamos a causa, consegue fazer com que, no mesmo instante, saíamos de lá com a solução. Ele precisa “trabalhar” nela. E há processos que demoram meses e até mesmo anos.

Assim é Deus. Quando lhe entregamos a nossa causa, começa imediatamente a trabalhar nela.

Ele não tem uma solução imediata, porque precisa “trabalhar” na causa, especialmente se envolve pessoas. Quando a causa é

material e está dentro dos seus propósitos, ele poderá atuar imediatamente. Mas quando envolve pessoas e vontades, então é muito mais difícil.

O nosso advogado vai trabalhar apenas do nosso lado. Ver as nossas razões e tentar defendê-las. Mas Deus trabalha de maneira muito mais completa. Deus sempre trabalha em amor. Ele quer sempre abençoar como um todo. Ele quer trabalhar na nossa vida e na vida do outro, ou dos outros, para levar a uma solução abençoadora para todas as partes envolvidas na causa. Ele precisa trabalhar na nossa vida e na vida dos outros. E este é um trabalho demorado. Sempre há rebeldias da parte de todos. Ele tem de quebrar essas rebeldias antes de poder construir uma solução eficaz com bênção global. Daí a demora. Daí o “tardio” que está no texto. Mas quando o “processo” chega ao fim, é “bênção por todos os lados”!

### **3 – Mas é preciso “crer” que Deus está trabalhando na nossa causa.**

Aqui é que entra o que Jesus diz no final do versículo 8: “Contudo, quando vier o Filho do homem, achará fé na terra?”

Durante muito tempo, encontrei dificuldade em entender a ligação entre o que Jesus disse no início do versículo e o que disse no final dele. Quando entendi que é preciso “crer” que Deus está trabalhando, então tudo fez sentido.

Jesus tinha razão. O nosso grande problema é a nossa fé. Nós **não cremos** que Deus esteja trabalhando, quando a solução não é “imediate” e “como nós queremos”.

Não entregamos a causa a Deus. Por isto, Deus não pode trabalhar. Se entregamos, e Deus começa a trabalhar, não cremos que ele esteja trabalhando. E então reclamamos que Deus não nos ouviu e não nos atendeu. Acho que dá para entendermos agora que, de nosso lado, o processo todo está errado. Não do lado de Deus.

O que é preciso fazer é “crer” que Deus está trabalhando. E esta fé se demonstra através de “acompanharmos os movimentos” que Deus está fazendo em nossa vida e na vida dos outros envolvidos na causa. Se notarmos Deus trabalhando em nossas vidas, não formos rebeldes, deixarmos o Senhor trabalhar, e mais do que isto, se colaborarmos com ele no que ele está fazendo, se possível ajudarmos também aos outros envolvidos na nossa causa, isto é fé.

\*\*\*\*\*

Ao final, acredito que deu para entender por que muitas vezes “parece” que Deus não está respondendo à nossa oração.

Mas se seguirmos o processo, como Jesus o coloca, não teremos mais o problema de esperar a solução completa e abençoadora de Deus!

## Capítulo 23

### A oração como “entrega”

Como já vimos um pouco no capítulo anterior, há coisas para as quais não temos solução por nós mesmos. Dependemos do Senhor. Já dei um exemplo naquela oportunidade.

Agora continuaremos especificamente a tratar do assunto.

O texto bíblico que melhor nos ensina sobre esta matéria é o do Salmo 37.3-8, mais especificamente o versículo 5, que diz: “Entrega teu caminho ao Senhor; confia nele e ele tudo fará”.

Apreendi as grandes verdades desse texto em circunstâncias muito difíceis. Na oportunidade em que o Senhor me ensinou essas verdades, estávamos já trabalhando na África. Tínhamos tido um roubo e, para repor as coisas, tivemos de assumir despesas adicionais não esperadas. Vivíamos um orçamento bem controlado. Recebíamos fielmente os nossos salários da instituição que nos mantinha, mas ela começou a ter dificuldades financeiras e tinha nos avisado que todos precisávamos apertar os cintos. E, na verdade, no pagamento seguinte, o aperto já começou a acontecer. Recebendo o nosso cheque, fui ao Banco, e, na ponta do lápis, não daria para pagar as nossas contas e muito menos para viver. Acontecera tudo junto: o roubo e o “aperto” dos cintos. Estava tudo errado. Todas estas coisas não podiam ter acontecido em hora pior. E ainda por sobre tudo isto, tinha a preocupação de como viveríamos os próximos meses, pois a crise da instituição não tinha previsão de atenuar tão cedo.

Era uma sexta-feira à tarde. Fiquei muito preocupado e também extremamente irritado. Pensei muita coisa naquela tarde. É claro que nada de bom, dentro das circunstâncias.

Naquele estado, depois das tarefas do dia, já tarde da noite, ainda bem azedo, fomos dormir. A esposa dormiu logo e eu ainda fiquei “remoendo” o meu azedume. Já conversara bastante com o Senhor sobre o assunto, mas não tinha paz. Continuava amargurado. Antes de dormir, procurei ter o meu encontro especial do dia com ele. Deitado na cama, estava fazendo a leitura dos meus três capítulos do dia. Eram os Salmos 37, 38 e 39. Naquela oportunidade lia a nossa versão da Sociedade Bíblica do Brasil. No Salmo 37, tendo passado já pelos versículos anteriores, cheguei ao versículo 8 que diz: “Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; certamente, isso acabará mal.”

Nesse exato momento o Senhor me disse: “Isto é exatamente o que você está fazendo hoje! E as coisas vão acabar realmente mal, como diz o texto!”

Eu imediatamente disse: “É verdade, Senhor! Perdão!” E o Senhor continuou: “Agora volte ao versículo 5 e, onde está “caminho”, coloque “cheque” e veja como fica.” Eu fiz e ficou assim: “Entrega o teu cheque ao Senhor, confia nele e o mais ele fará.” Então o Senhor me disse: “Por que é que você não faz isto agora?” E eu imediatamente estendendo os braços para o alto, num gesto de “entrega”, disse ao Senhor: “Toma, Senhor, o meu cheque!”

Na verdade, o cheque era a raiz do problema, ainda ali naquele momento, embora ele, fisicamente, já estivesse no banco.

Tendo “entregue o cheque” nas mãos do Senhor, descansei como diz o versículo 7. Tinha acabado a preocupação e tinha esvaziado o azedume. Estava em paz. Dormi tranqüilamente. Na manhã seguinte, sábado, levantamo-nos e, após o café, convidei a esposa para nos assentarmos na sala a fim de, com calma, poder lhe contar a experiência da noite anterior. Já tinha mencionado a ela logo de manhã que o Senhor

havia me falado. As partes do meu azedume ela acompanhava e também estava preocupada e azeda. Narrei-lhe os detalhes. E convidei-a, juntos ali, a que ela também entregasse o “cheque”, da parte dela, ao Senhor. Oramos e ela o fez. Logo a seguir, sem que tivéssemos pensado nisto, como foi, não sei, pedi ao Senhor uma palavra sua para nós naquela hora. Ia abrindo a Bíblia, para procurar um texto que tinha em mente. Ao abrir, por incrível que fosse, caiu exatamente num dos textos em que Jesus operou a multiplicação dos pães. Eu o li, e Deus me disse: “Eu ainda sou o mesmo! Como multipliquei os pães, posso multiplicar o seu “cheque”! Agradecemos ao Senhor a sua palavra de conforto.

Continuamos a nossa vida. Embora na ponta do lápis não desse para vivermos, incrivelmente, mês após mês, vivemos. Não recebemos nenhum reforço especial de lugar nenhum, mas, simplesmente deu, não sei como.

Foi nessa ocasião que aprendi a oração como “entrega”. E os princípios dessa experiência têm me ajudado a ajudar muita gente.

Há muitos aspectos na vida em que o mesmo princípio funciona maravilhosamente. Tem ajudado até a pessoas em situações de perda de entes queridos. Em geral o ente querido se separa de nós, mas nós não nos separamos dele. Emocionalmente, continuamos ligados a ele na sepultura. Tenho aconselhado a leitura deste texto colocando o nome do ente querido em lugar de “caminho”. Portanto, sugiro “entregar” o ente querido nas mãos do Senhor; pois, na prática, ele já está lá. “Entregando”, desligamo-nos dele. E tem ajudado muitos, que me dizem que o fizeram e experimentaram uma extraordinária paz.

## Capítulo 24

### A oração como “aceitação”

Aceitar as coisas é mais um dos difíceis exercícios da vida. O nosso orgulho, a nossa auto-suficiência e a nossa rebeldia não nos permitem aceitar aquilo que acontece, como acontece, quando e onde acontece.

Aceitar significa receber positivamente, ou seja, naturalmente, de boa vontade, estando pronto a receber. O que nos acontece frequentemente é que aceitamos as coisas, com má vontade, resistência, reclamando, queixando-nos de nossa má sorte etc. Isto é receber negativamente.

Mas é para nós uma grande benção quando o fazemos como devemos fazer dentro do espírito bíblico, num sentido ativo e positivo.

A real aceitação é um ato de fé, como o foram as experiências de Noé e de Abraão. Também o exemplo do nosso amado Senhor Jesus.

No texto de Gênesis, capítulo 6, de 13 a 22, temos a narrativa de como Deus chamou a Noé e lhe deu a ordem de construir uma arca, e as instruções de como fazê-la e do que colocar ali dentro. O versículo 22 diz: “Assim fez Noé; segundo tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez.”

Noé tinha quinhentos anos, segundo Gênesis 5.32. Logo a seguir vem a narrativa de como Deus decidiu destruir a terra pelo dilúvio e como planejou salvar a vida de Noé e sua família. Portanto, é fácil chegar à conclusão de que foi mais ou menos àquela altura da vida de

Noé que Deus lhe mandou construir a arca. No versículo 6 do capítulo 7 temos a informação de que Noé tinha seiscentos anos quando entrou na arca. Portanto, a construção durou cerca de cem anos. Também é fácil entender que não havia naquele tempo a facilidade de instrumentos que temos hoje, de modo que a construção demorar cem anos conferiu perfeitamente com o tempo necessário para construir aquela grande peça de cerca de 150 metros de comprimento por quase quarenta de altura.

Mas o que é importante é a aceitação de Noé. Quando Deus lhe mandou, ele “aceitou”. As orientações que Deus lhe deu acerca das especificações, ele “aceitou”. E o texto do versículo 22, que vimos acima, mostra essa realidade. É linda essa atitude de aceitação de Noé!

Da vida de Abraão desejo destacar duas de suas experiências mais marcantes: a sua chamada e a oferta de Isaque.

A história de Abraão nos mostra que quando ele tinha cerca de setenta e cinco anos, Deus o chamou a sair de sua terra e ir para “a terra que eu te mostrarei”. Isto está em Gênesis 12.1. Hebreus 11.8 diz que ele “saiu, sem saber para onde ia.” E o versículo 4 diz: “Partiu, pois, Abraão, como o Senhor lhe ordenara.” Isto indica que Abraão “aceitou” a chamada de Deus e seguiu as suas orientações.

A outra experiência de Abraão, para a qual gostaria de chamar a nossa atenção, está no capítulo 22 de Gênesis, dos versículos 1 a 14.

Abraão e Sara não tinham filhos. Deus vinha lhe mostrando que ele teria uma descendência como as estrelas do céu e a areia na praia do mar. O próprio Abraão chegou a perguntar a Deus como é que isto seria. Em Gênesis 15.2 lemos: “Então disse Abraão: Ó Senhor Deus, que me darás, visto que morro sem filhos?”

Mais adiante Deus lhe deu Isaque, como filho, quando tinha cem anos de idade e Sara noventa.

Um dia Deus se achegou a Abraão, quando Isaque já era jovencinho, e lhe disse, conforme o versículo 2 de Gênesis 22: “Toma

agora teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas; vai à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te hei de mostrar”.

E o versículo 3 diz: “Levantou-se, pois, Abraão de manhã cedo, albardou o seu jumento, e tomou consigo dois dos seus moços e Isaque, seu filho; e, tendo cortado lenha para o holocausto, partiu para ir ao lugar que Deus lhe dissera.” Conhecemos o resto da história: como, no preciso momento em que Abraão ia imolar o seu filho, o anjo de Deus o impediu e ele logo viu um carneiro atrás de si, ao qual sacrificou em lugar de Isaque.

Mais uma vez, Abraão “aceitou” o que Deus lhe ordenou e seguiu exatamente as suas orientações. Lindas também as atitudes de Abraão nos dois casos!

Os dois casos são considerados atos de fé, em Hebreus 11. Noé no versículo 7 e Abraão nos versículos 8 a 12 e depois 17 a 19.

Jesus também nos deu um grande exemplo de aceitação. Lemos em João 12.27 Jesus dizendo: “Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas para isto vim a esta hora.”

Jesus estava sentindo aproximar-se a hora da cruz. Estava começando a sentir os horrores de tomar sobre si os nossos pecados. E ele diz que poderia pedir ao Pai para livrá-lo daquela hora. Mas ele, ativamente, estava “aceitando” aquela hora, quando disse: “para isto vim”.

São extremamente difíceis as experiências de “aceitação, mas extraordinariamente lindas!

Em 1995 eu tive um infarto. Recuperava-me lentamente. E ia muito bem. Os médicos estavam muito animados com os meus progressos.

Por insistência de uma senhora na nossa igreja de então, fui fazer uma consulta com um professor de cardiologia da Faculdade de Medicina da cidade de Bloemfontein, na África do Sul.

O resultado da consulta não o deixou tão satisfeito, e resolveu fazer um angiograma. Ficou marcado para o dia seguinte. O exame foi feito de manhã, e de tarde o professor veio me dar os resultados. Sentou-se na minha cama no hospital e me disse que eu precisava de três pontes de safena, e que a operação era urgente. Já havia mantido contato com o cirurgião e marcado para a semana seguinte. Foi óbvio que eu não dei saltos de alegria com o resultado.

Logo que ele saiu, olhei pela janela da enfermaria, para o infinito e disse ao meu Senhor infinito: “Senhor, eu “aceito o que tu estás fazendo!”

Imediatamente senti uma grande paz, e o Espírito do Senhor começou a ministrar<sup>4</sup> ao meu coração, dizendo-me através da minha mente que Deus estava cuidando de mim. Fui para casa numa grande paz. Dois dias depois, o nosso inimigo quis me amedrontar. Clamei ao Senhor, e ele me deu imediatamente três textos bíblicos para “resistir” ao diabo, conforme diz Tiago 4.7. E, verdadeiramente, ele “fugiu” na mesma hora. Continuei a experimentar a “paz que excede todo o entendimento”, da qual Paulo fala em Filipenses 4.7.

Na semana seguinte fui operado. Recuperei-me muito bem. E o resultado foi que me senti dez anos mais novo. Forte e disposto. Melhor do que antes.

Tudo por causa de minha oração de “aceitação”. Se tivesse me angustiado, lamuriado, reclamado, rebelado, Deus não poderia ter feito o que fez.

Vale a pena a “aceitação” declarada em oração ao Senhor! É a oração de “aceitação”!

## Capítulo 25

### Algumas sugestões práticas

Para completar as nossas reflexões sobre a doutrina bíblica da oração, vamos a algumas breves sugestões práticas, que muito nos ajudarão a crescer na prática da nossa vida de oração.

#### 1 – Disciplina

Vimos no capítulo 2 que Deus me pediu que lhe dissesse “mais tempo e mais atenção”. Lembramos como eu decidi atender-lhe imediatamente. Mantive-me fiel durante algum tempo. Depois, lentamente e imperceptivelmente fui diminuindo o “tempo e a atenção” do Senhor. Um dia o Senhor veio a mim, através da minha mente, mais uma vez, e me lembrou do meu compromisso. Voltei a fazê-lo fielmente. Fi-lo durante um tempo maior. Mas, depois de um longo período recomecei a diminuir o meu tempo ao Senhor. Deus, pacientemente, voltou a me advertir. Depois aprendi e continuo ainda. Temos um lindo relacionamento! Glorioso relacionamento!

Mas foi necessária muita disciplina para manter esse relacionamento. Ainda o é hoje. E não será diferente para o futuro. A tentação sempre está presente, com a “alimentação” dessa tentação por parte do nosso inimigo de descuidar desse aspecto vital em nossas vidas. O inimigo “odeia” a nossa fidelidade em oração!

Portanto, a primeira sugestão prática é a da disciplina em oração.

## 2 – Aprendizado

Vimôs logo no primeiro capítulo que a oração é um dos aspectos da vida cristã e de âmbito infinito. Tão infinito quanto o é o próprio Deus, com o qual nos comunicamos. Assim também o aprendizado é infinito.

Os discípulos do Senhor Jesus um dia pediram: “Ensina-nos a orar” (Lucas 11.1). Assim também nós deveremos pedir ao Senhor continuamente que nos ensine a orar.

Já vimos que cada um de nós precisa “aprender” a notar “como” Deus lhe fala. Tenho repetido muitas vezes e não me cansarei de repetir que a forma como Deus me fala não é “receita” para ninguém procurar seguir. Deus tem a sua própria forma de se comunicar com cada um de nós. A nossa parte é a de descobrir como é que isto acontece. Vimos que há quatro formas básicas de Deus nos falar, mas, na verdade Deus pode usar milhões de formas diferentes para a sua comunicação conosco. Mais uma vez, é necessário dizer que devemos estar atentos à voz de Deus, quando, onde, como e o que ele está nos falando.

Para isto, um aprendizado constante é necessário. E o Mestre na oração, o próprio Deus, pelo exemplo de Jesus e pela instrumentalidade do Espírito Santo, vai nos ensinando. A nós é necessário estarmos “abertos” ao seu ensino. O Senhor está sempre pronto a nos dar as mais lindas lições em todas as áreas da vida, inclusive na da oração. E ele sempre tem novidades. Na minha vida as novidades são constantes. Acontecem as situações mais inusitadas pelas quais ele me conduz. De vez em quando sou surpreendido com uma nova lição na qual nunca teria pensado antes.

Quando estava para sair o nosso visto da África do Sul, e nós esperávamos semana após semana, um dia o Senhor me disse: “O seu visto sai semana que vem!” Fiquei pensando nessa nova forma de o Senhor me dar essa informação. Era inesperada. Por que o Senhor teria

necessidade de me dizer isto? Para mim era natural que naquela semana o visto simplesmente chegasse e pronto! Não havia necessidade de o Senhor me dizer nada!

Mas fiquei curioso aguardando.

Na semana seguinte, no dia em que deveria ter chegado, não chegou. O documento oficial do governo da África do Sul deveria vir pelo malote diplomático, de avião. Entrei em parafuso! Não entendi! Era na terça-feira. Na quarta, viajamos para a nossa última semana de promoção missionária. No sábado, quase meia-noite, preparando-me para ir dormir, muito cansado, de repente, aquela voz à minha mente, dizendo-me: “A semana ainda não acabou!” Procurei entender o que significaria: a semana ainda não acabou. Depois de dar voltas à cabeça, lembrei-me do que o Senhor me dissera na semana anterior. E eu lhe disse: “Senhor, se o visto não veio de avião, voando é que não vem” E o Senhor me respondeu: “Eu quero lhe mostrar que posso fazer as coisas de maneira maravilhosa!” Fui dormir pensando no que aquilo significava. No outro dia, fiquei sabendo que o visto tinha chegado no final da semana, via TELEX. Viera mesmo “voando”. Foram várias lições numa só experiência.

Esta é a segunda sugestão que desejo deixar.

## 3 – Ensino

Aquilo que aprendemos devemos passar para os outros. É o princípio do ensino.

O apóstolo Paulo, em sua segunda carta a Timóteo, no capítulo 2, versículo 2 diz: “o que de mim ouviste diante de muitas testemunhas, transmite-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinar os outros.”

Conquanto Paulo tenha dito isto em relação a toda a doutrina cristã em geral, o mesmo princípio se aplica igualmente ao ensino.

Portanto, meu amado leitor, aquilo que você vai aprendendo com o Senhor, conforme o item anterior, ensine a outros, que por sua vez transmitam ainda a outros.

Esta é a terceira sugestão prática que estou querendo deixar com você.

#### 4 – Orações públicas

Gostaria de frisar que as orações públicas devem ser *breves*. Há uma grande tendência em fazer orações longas. O Senhor Jesus na oração do “Pai Nosso” ensinou a ser breve. As suas orações públicas foram breves.

Quando os setenta voltaram de sua viagem evangelístico-missionária, Jesus agradeceu ao Pai, numa oração breve. Está registrada em Lucas 10.21. Já analisamos quando estudamos sobre a vida de oração de Jesus. Ele disse apenas: “Graças te dou, ó Pai, Senhor dos céus e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos; sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.” Oração muito breve.

Diante do túmulo de Lázaro, situação narrada em João 11.41-42, Jesus orou dizendo: “Pai, graças te dou porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas por causa da multidão que está em redor é que assim falei, para que eles creiam que tu me enviaste.” Oração breve. Em particular, Jesus passava muitas horas com o Pai. Há, ao menos, uma referência de ter passado a noite inteira.

Orações públicas longas têm a grande tendência de ser “vãs repetições” e orações “para serem vistas pelos homens”. Em particular, gaste-se o tempo que quiser e sentir necessário. Mas, em público, eles devem ser breves.

#### Palavras finais

Temos analisado aspectos da doutrina bíblica da oração dos mais diversos ângulos. Esperamos que possam ter sido de bênção para o dileto leitor, e que a sua vida possa ter sido enriquecida com as considerações feitas. Nem de longe imaginamos ter “esgotado” o assunto, pois, como dissemos várias vezes, o assunto é tão infinito quanto o próprio Deus o é.

Desejamos que o leitor possa crescer cada vez mais na sua intimidade com o Senhor a fim de poder experimentar uma glória cada vez maior em sua vida.

## Notas bibliográficas

---

1 – FRANKLIN, Wilson – “Louca mania de querer mandar em Deus” – O Jornal Batista, 10 – 12 – 2000, Rio de Janeiro.

2 – TIPPIT, Sammy – O fator Oração. 3ª. **Edição, Rio de Janeiro: Juerp, 1991**

3 – STAGG, Frank – Mateus, in. Comentário Bíblico Broadman, Volume 8, Tradução de Adiel Almeida de Oliveira, JUERP, 1982

4 – BARKLAY, William – The daily study Bible, (Comentário sobre o Novo Testamento) Edinburg: The Saint Andrew Press, 1968

5 – FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques – Dicionário Brasileiro Globo, 41ª Edição, São Paulo: Editora Globo, 1995

6 – Bíblia Sagrada, Versão Revisada, 11ª Impressão, Rio de Janeiro: Juerp 1995

7 – Bíblia de Referência Thompson 11ª Impressão, São Paulo: Editora Vida, 1999

8 - NICOLL, W. Robertson – Expositor's Greek Testament, WM. B. Eerdmans Publishing Company, Michigan: Grand Rapids, 1951

9 – ROBERTSON, Archibald Thomas – Word Pictures in the New Testament, Nashville, Tennessee: Broadman Press, Nashville, Tennessee, 1930

10 – Comentário Bíblico Broadman, Volume 8, Tradução de Adiel Almeida de Oliveira, JUERP, Rio de Janeiro: Juerp, 1983

11 – Comentário Bíblico Broadman, Volume 9, Tradução de Adiel Almeida de Oliveira e Israel Belo de Azevedo, Rio de Janeiro: Juerp, 1983

12 – Comentário Bíblico Broadman, Volume 10, Tradução de Adiel Almeida de Oliveira, Rio de Janeiro: Juerp, 1984

13 – BROADUS, John A. - Comentário de Mateus, Tradução de Teodoro R. Teixeira, Volumes I e II, Rio de Janeiro: 1949 Casa Publicadora Batista, 1949

14 – TAYLOR, William Carey – Evangelho de João, Volumes I,II e III, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950

15 – MESQUITA, António Neves de – Estudos no Livro de Gênesis, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1943

16 – MESQUITA, António Neves de – Estudos no Livro de Êxodo, Segunda Edição, Editora Bereana, Rio de Janeiro, 1953

17 - PASCHALL, H. Franklin e HOBBS, Herschel H. – The Teacher's Bible Commentary, Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1972

18 – Nuevo Comentario Bíblico, Quinta Edición, El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1985

## Leia os Lançamentos da JUERP

### 1. Literatura permanente:

A Túnica Inconsútil

*João Falcão Sobrinho*

Curando as Feridas

*Edson Martins*

Favela Violenta

*Macéias Nunes*

Grandes Verdades Sobre o Espiritismo

*Reginaldo Pires Moreira*

Há Um Menino na Rua

*Jilton Moraes*

Maldição Hereditária

*Delcyr de Souza Lima*

Perseguidos, Mas Não Desamparados

*Zaqueu Moreira de Oliveira*

Quando Cristo Marca Sua Vida

*Almir dos Santos Gonçalves Júnior*

Quando Falta o Pastor

*Almir dos Santos Gonçalves Júnior*

Quando Chega o Reino de Deus

*Almir dos Santos Gonçalves Júnior*

Quando o Púlpito Perde o Poder

*Almir dos Santos Gonçalves Júnior*

Terapêutica Diaconal  
*Irysson da Silva*

Teologia dos Salmos  
*Isaltino Gomes Coelho Filho*

A maior dádiva e o mais precioso tesouro  
*Edgar Francis Hallock*

A razão da nossa esperança  
*Deodor Taets*

## 2. Literatura periódica:

• **Atualidades 2002** – Série de 13 lições sobre quatro temas da atualidade para serem utilizados pela igreja em classes alternativas, grupos específicos, estudos bíblicos nos lares.

• **Pontos Salientes 2002** – Estudos devocionais diários, acompanhando as leituras diárias das lições para adultos e jovens nas revistas “Compromisso” e “Atitude” para a Escola Bíblica Dominical.

• **Coleção Livro do Trimestre** – Lançamento da série “Como a Bíblia nos fala hoje”. Mais uma iniciativa da JUERP para o aprimoramento e desenvolvimento da Escola Bíblica Dominical. A cada trimestre a JUERP lança um novo título alusivo ao tema em estudo pela grade curricular das revistas de jovens e adultos:

**A monarquia em Israel**  
*João Soares da Fonseca*

**Os ensinamentos de Jesus (O Evangelho de Marcos)**  
*Jonas Celestino Ribeiro*

**O Pentateuco e sua contemporaneidade**  
*Isaltino Gomes Coelho Filho*

**O Apocalipse – Desvendando os mistérios da revelação**  
*Delcyr de Souza Lima*

**Isaías – O Evangelho do Antigo Testamento**  
*Isaltino Gomes Coelho Filho*

**A Epístola aos Romanos – Praticando a nossa fé**  
*Lécio Dornas*

**O Sermão do Monte – A descoberta da felicidade**  
*Paulo Roberto Sória*

**A Teologia da Igreja – Sua contextualização 2000 anos depois**  
*Ebenézer Soares Ferreira*

## Reedições JUERP

Geografia Bíblica

*Oswaldo Ronis*

Esboço de Teologia Sistemática

*A. B. Langston*

Povos e nações do mundo antigo

*Antônio Neves de Mesquita*

Florilégio Cristão

*Coletânea*

Introdução ao estudo do Novo Testamento

*Broadus David Hale*

Procure nas Lojas JUERP ou faça seu pedido pelo Correio:

**EBD-1 Marketing e Consultoria Editorial Ltda**

**Tels.: (0xx21) 3976-4142**

**DDG para pedidos: 0800-216768**

**E-mail: pedidos@ebd-1.com.br**

**Site: [www.batistas.org.br](http://www.batistas.org.br) ou [www.juerp.org.br](http://www.juerp.org.br)**

## Endereços das ex-lojas JUERP

**As antigas filiais JUERP são hoje lojas independentes que continuam distribuindo os produtos JUERP.**

**Seus endereços são:**

Ex-Filial Bandeira – RJ – Livraria Evangélica Cristã da Convenção Ltda  
Rua Mariz e Barros, 39 Loja D – Praça da Bandeira  
Tel (21) 273-0447 • 273-6893  
Av. Cesário de Melo, 2.446 - Campo Grande - Rio - RJ  
Tel (21) 3394-5942 / 415-5789

Ex-Filial Belo Horizonte MG – Spar Ltda  
Rua Carijós, 115 Térreo – Centro  
Tel (31) 3213-5007 • 3224-4728

Ex-Filial Brasília – DF – Livraria Vencedores Ltda  
SDS BL G – Loja 13/17 – Conj. Baracat Asa Azul  
Tel (61) 224-5449

Ex-Filial Centro Rio – RJ – Magnus Dei Livraria e Papelaria Ltda  
Rua do Ouvidor, 130 Sala 215/217 – Centro  
Tel (21) 242-7776 • 252-2628

Ex-Filial Curitiba – PR – Moutinho Com. de Livros Ltda  
Rua Visconde de Nacar, 1.505 Loja 3 – Executive Center  
Tel (41) 223-8268

Ex-Filial Duque de Caxias – RJ – Livraria Cristã Monte Mor Ltda  
Av. Nilo Peçanha, 411 – Centro  
Tel (21) 671-3375

Ex-Filial Manaus – AM – J. S. Paiva Livraria  
Rua Rui Barbosa, 139 – Centro  
Tel (92) 232-4571

Ex-Filial Niterói – RJ – Livraria Caminho Novo Ltda  
Rua XV de Novembro, 49 – Loja 102 Centro  
Tel (21) 717-2917

Ex-Filial N. Iguazu – RJ – Livraria Evangélica Cristã da Convenção Ltda  
Rua Otávio Tarquinio, 178 – Centro  
Tel (21) 767-8308 • 797-4442

Ex-Filial Porto Alegre – RS – Aprisco Livraria e Papelaria Ltda  
Av. Cristóvão Colombo, 1.155 – Floresta  
Tel (51) 222-3171

Ex-Filial Salvador – BA – Crescer Livraria Evangélica Ltda  
Av. Visconde de São Lourenço, 6 – Campo Grande  
Tel (71) 329-2833

Ex-Filial São Luis – MA – Jerusalém Com. e Repres. Serviços  
Rua São Pantaleão, 195 – Loja A – Centro  
Tel (98) 232-7226

Ex-Filial Vitória – ES – Missão Editora Livraria e Distribuidora Ltda  
Rua Barão de Itapemirim, 208 – Centro  
Tel (27) 223-2893

Belém – PA – Benção Livros Comércio Ltda  
Rua do Amoras, 1094 – Tapanã – Icoaraci – Belém – Pará  
Tel (91) 258-0559

Este livro foi impresso em de 2001, pela Ediouro, RJ  
para JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações.  
Composto na tipografia Times 12,0/13,5.  
Os fotolitos foram feitos por Arte Sette.  
O papel do miolo é Offset 75gr/m<sup>2</sup> e o da capa cartão supremo 250gr/m<sup>2</sup>.

Como a Bíblia nos fala hoje

# Doutrina bíblica da Oração

O marco fundamental da vida cristã

Ronald Rutter

Quando falamos da oração como "marco fundamental da vida cristã", é porque deve ser assim e, como crentes em Cristo, devemos entendê-la desta forma.

Se ela não é exercitada em nossa vida, se não temos momentos separados em cada dia para sua prática, se não damos a ela o valor devido, nossa vida cristã está comprometida. Poderemos ter momentos de culto na igreja, registro de contribuições no livro de membros, audição de belíssimos sermões, mas não estaremos, efetivamente, vivendo a vida cristã.

Sim, porque vida cristã só começa mesmo quando através da oração, o momento mais íntimo e pessoal do culto a Deus, é possível penetrar no conhecimento do Pai, conversar com o Salvador, pedir a consolação do Santo Espírito. Sim, só depois de passar por essas experiências a sós com Deus, é que terá realmente começado a prática da vida cristã que ele espera daqueles que se dizem salvos por Cristo Jesus.

Este livro, sem dúvida, vai nos ajudar nesta caminhada.



Ronald Rutter

Doutrina bíblica da oração — O marco fundamental da vida cristã



Como a Bíblia nos fala hoje

# Doutrina bíblica da oração

O marco fundamental  
da vida cristã

Ronald Rutter